

# convergência

DEZEMBRO ▪ 1998 ▪ ANO XXXIII N° 318



# convergência

- GESTOS QUE FALAM DO ESPÍRITO
- O ESPÍRITO SANTO, RAZÃO DE VIDA E DE ESPERANÇA PARA TODOS!
- DESAFIOS DE UMA IGREJA PARTICIPATIVA
- A REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA À LUZ DE LUCAS
- CORREÇÃO FRATERNA
- 3ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA

# SUMÁRIO

EDITORIAL .....	577
PALAVRA DO PAPA .....	579
INFORME CRB .....	581
Irmã Lina Boff, smr.	
GESTOS QUE FALAM DO ESPÍRITO .....	584
Pe. Francisco Taborda SJ	
O ESPÍRITO SANTO, RAZÃO DE VIDA E DE ESPERANÇA PARA TODOS! .....	594
Pe. José de Anchieta Lima Costa, SJ	
DESAFIOS DE UMA IGREJA PARTICIPATIVA .....	605
Rosinha Borges Dias	
A REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA À LUZ DE LUCAS .....	615
Pe. Tomaz Hughes, SVD	
CORREÇÃO FRATERNA .....	621
Pe. Álvaro Barreiro, SJ	
3ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA .....	629
Inácio Neutzling e Manoel de Godoy Professor Milton Santos	
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR CONVERGÊNCIA, ANO DE 1998 .....	637

# NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

## ASSINATURA PARA 1998:

### BRASIL: taxa única

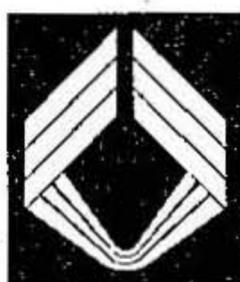
Terrestre ou aérea ..... R\$ 60,00

### EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea ..... R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) ..... R\$ 6,00

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



## convergência

Revista Mensal da  
Conferência dos Religiosos  
do Brasil: CRB

### DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

### REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

### DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelandia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

### DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

## O QUARTO REI MAGO

**U**m antigo e inspirado conto de Natal de Joannes Joergensen narra a estória do quarto Rei Mago que visitou o Menino Jesus, na gruta de Belém.

Procedente da Pérsia, o quarto Rei Mago, empreendeu viagem na companhia dos outros três reis de que fala a Bíblia. Da mesma forma que eles, portava seus dons para o recém-nascido: três belas e grandes pérolas. Mas os incidentes do caminho o separaram de seus amigos, e chegou tarde e sozinho à Gruta de Belém, sem as suas três pérolas. Cada uma delas fora entregue, em gesto de solidariedade, para resgatar a vida e a dignidade de pessoas ameaçadas por diferentes formas de violência, que haviam cruzado seu caminho.

Diz o conto que quando o quarto Rei Mago, constrangido, contou a sua história, o Menino Jesus, que não sorria diante dos tesouros de Gaspar, Melchior e Baltazar, abriu um largo sorriso para aquele rei sem nome, que não trazia para ele outro tesouro que a profunda solidariedade com os pobres e pequenos, caídos à beira do caminho.

Tem razão o conto de Joergensen: Natal é a expressão máxima da solidariedade de Deus com a humanidade, que nos convoca a ser solidários particularmente com os mais desprotegidos. Só aprende a lição de Natal quem, guiado pelo Espírito, segue o *Deus Solidário* através dos *becos* e das *encruzilhadas* da história.

Este seguimento do Deus Solidário desafia hoje a Vida Religiosa, no umbral de um novo milênio, num mundo cada vez mais ameaçado pelo egoísmo e pelo crescente fenômeno da exclusão, qualquer que seja a sua origem e suas formas de expressão. Repetir neste contexto os gestos do rei sem nome de que nos fala o conto, é seguir as pegadas do recém-nascido de Belém e ser com ele arauto do Evangelho, portador da Boa Notícia do Reino. É fazer acontecer o Natal no dia-a-dia da história, abrindo espaços para a atuação do Espírito de Jesus, capaz de "fazer novas todas as coisas". Sensibilidade aos *sinais dos tempos*, sob a guia do Espírito, e fidelidade criativa ao Evangelho são condições imprescindíveis deste seguimento. Seus frutos são gestos concretos de solidariedade profética ali onde, por questões de gênero, etnia, exclusão e meio ambiente a vida humana e a dignidade da pessoa estão mais ameaçadas e negadas.

*É nesta ótica de seguimento que  
Convergência deseja a seus leitores um Natal  
celebrado na justiça e na fraternidade universal,  
gerador de vida e de esperança para todos.*

Os artigos publicados este mês querem ser subsídios que ajudem os religiosos e religiosas do Brasil a assumirem com renovada lucidez cristã seu compromisso com o seguimento de Jesus, o Verbo que se fez carne e habitou solidariamente as estradas do mundo.

Estamos terminando o ano de 1998, ano que, na proposta de preparação ao Terceiro Milênio coloca em destaque o Espírito Santo e sua presença na Vida Cristã, e que convida a refletir mais profundamente sobre o sacramento da Crisma. O artigo do *Padre Francisco Taborda* — “Gestos que falam do Espírito” — focaliza com extraordinária competência a riqueza de conteúdo e o profundo significado dos gestos crismais. “A marca, a unção, o perfume são o próprio Espírito do Ressuscitado agindo em nós, presente em nós como a grande benção, a benção por excelência”. O texto constitui para as comunidades uma excelente oportunidade de refletirem sobre este Sacramento, não raras vezes, relegado ao segundo plano da experiência cristã.

“O Espírito Santo, Razão de Vida e de Esperança para Todos” é o interessante artigo do *Padre José de Anchieta Lima Costa*. O autor divide o texto em três partes: Na primeira, trata da comunicação de Deus com a pessoa humana; na Segunda, fala da comunicação de Deus pela ação do Espírito Santo, como Dom e Graça; na terceira parte mostra que a Comunicação de Deus pela ação do Espírito Santo é motivo de esperança de renovação da vida humana. De maneira rica e inspirada, aprofunda a gratuidade do amor de Deus à luz da Sagrada Escritura, através de Seu Filho. Essas considerações são um convite à renovação interior pela prática da caridade.

O artigo de *Rosinha Borges* — “Desafios de uma Igreja participativa” — focaliza uma das questões mais candentes e atuais na Igreja, nesta virada de milênio. Para a autora, “trabalhar na construção de uma Igreja participativa e de comunhão, a serviço da vida e da espe-

rança no mundo é desafio e tarefa de todos nós”. Partindo de uma reflexão de natureza histórica, o artigo tece breves comentários ao documento de estudos da CNBB — “Missão e Ministérios dos Leigos e Leigas Cristãos” — e apresenta alguns anseios e propostas para uma Igreja mais participativa.

O artigo “A Refundação da Vida Religiosa à Luz de Lucas” do *Padre Tomas Hughes* alerta para os novos desafios que se colocam para a Igreja do novo milênio que, na realidade, já começou. Estes novos desafios exigem novas respostas e novos compromissos. À luz do Evangelho de Lucas, no contexto do novo milênio, devemos rever as duas perguntas básicas de nossa fé e de nossa caminhada rumo à “Refundação da Vida Religiosa: “Quem é Jesus? O que significa ser discípulo de Jesus?” Uma leitura atenta de Lucas permitirá ver, entre outras coisas, sua grande preocupação com os pobres e marginalizados, realidade gritante também nas comunidades da América Latina hoje.

*Padre Álvaro Barreiro* no seu interessante artigo — “Correção Fraternal” — apresenta algumas das formas concretas de praticar a correção fraternal. O texto tem um caráter prático e visa orientar a experiência cristã da Correção Fraternal, partindo de uma fundamentação teológico-espiritual desta prática e insistindo nas condições indispensáveis para que através dela se consigam os frutos desejados. O texto será, certamente, uma grande ajuda para as comunidades que desejam crescer na fraternidade evangélica e no anúncio da Boa Nova de Jesus.

Os textos da *Terceira Semana Social Brasileira* — “Síntese do Momento Nacional” e “Características das Dívidas Sociais” constituem não só uma farta informação sobre a situação social do País, senão um valioso subsídio para a formação sócio-política das comunidades e para o desenvolvimento da sua missão evangelizadora.

## A CONFIRMAÇÃO COMO CUMPRIMENTO DA GRAÇA BATISMAL

1. Neste segundo ano de preparação para o Jubileu do Ano 2000, a redescoberta da presença do Espírito Santo leva-nos a dedicar uma atenção particular ao sacramento da Confirmação (cf. *Tertio millennio adveniente*, 45). Como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, ele «completa a graça do batismo... dá o Espírito Santo para nos enraizarmos mais profundamente na filiação divina, incorporar-nos mais solidamente em Cristo, tornar-nos mais firme o laço que nos prende à Igreja, associar-nos mais à sua missão e ajudar-nos a dar testemunho da fé cristã pela palavra, acompanhada de obras» (n. 1316).

Com efeito, o sacramento da Confirmação associa de maneira íntima o cristão à unção mesma de Cristo, a quem «Deus ungiu com o Espírito Santo» (At 10,38). Essa unção é evocada no nome mesmo de «cristão», que tem a sua origem no de «Cristo», tradução grega do termo hebraico «messias», que significa precisamente «ungido». Cristo é o Messias, o Ungido de Deus.

Graças ao selo do Espírito, conferido pela Confirmação, o cristão alcança a sua plena identidade e torna-se consciente da sua missão na Igreja e no mundo. «Antes de vos ter sido conferida essa graça – escreve São Cirilo de Jerusalém – não éreis suficientemente dignos deste nome, mas estáveis como que em caminho, para vos tornardes cristãos» (*Catech. Myst.*, III, 4: PG 33, 1092).

2. Para compreender toda a riqueza da graça contida no sacramento da Confirma-

ção que, com o Batismo e a Eucaristia constitui o conjunto orgânico dos «sacramentos da iniciação cristã», é preciso captar o seu significado à luz da história da salvação.

No Antigo Testamento, os profetas anunciam que o Espírito de Deus pousará sobre o Messias prometido (cf. Is 11,2) e ao mesmo tempo será comunicado ao inteiro povo messiânico (cf. Ez 36,25-27; Jl 3,1-2). Na «plenitude dos tempos», Jesus é concebido por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria (cf. Lc 1,35). Com a descida do Espírito sobre Ele, no momento do batismo no rio Jordão, é manifestado como o Messias prometido, o Filho de Deus (cf. Mt 3,13-17; Jo 1,33-34). Toda a sua vida se desenvolve numa total comunhão com o Espírito Santo, que Ele dá «sem medida» (Jo 2,34), como coroamento escatológico da Sua missão segundo a Sua promessa (cf. Lc 12,123; Jo 3, 5-8; 7,37-39; 16,7-15. At 1,8). Jesus comunica o Espírito, «soprando» sobre os Apóstolos no dia da Ressurreição (cf. Jo 20,22) e depois com a solene e estupenda efusão no dia do Pentecostes (cf. At 2,14).

É assim que os Apóstolos, repletos de Espírito Santo, começam a «anunciar as grandes obras de Deus» (cf. At 2,11). Também aqueles que crêem na sua pregação e se fazem batizar recebem «o dom do Espírito Santo» (At 2,38).

A distinção entre a Confirmação e o Batismo é claramente sugerida nos Atos dos

Apóstolos, por ocasião da evangelização de Samaria. Filipe, um dos sete Diáconos, anuncia a fé e batiza; depois, vêm os Apóstolos Pedro e João e impõem as mãos sobre os recém-batizados, para que recebam o Espírito Santo (At 8,5-17). De modo semelhante em Éfeso, o Apóstolo Paulo impõe as mãos sobre um grupo de neófitos «e o Espírito Santo desceu sobre eles» (At 19,6).

3. O sacramento da Confirmação «perpetua de certo modo, na Igreja, a graça do Pentecostes» (CIC, 1288). O Batismo, ao qual a tradição cristã chama «porta da vida espiritual» (Ibid., 1213), faz-nos renascer «da água e do Espírito» (cf. Jo 3,5), tornando-nos sacramentalmente participantes da morte e ressurreição de Cristo (cf. Rm 6,1-11). A Confirmação, por sua vez, torna-nos plenamente partícipes da efusão do Espírito Santo por parte do Senhor Ressuscitado.

O inseparável vínculo entre a Páscoa de Jesus Cristo e a efusão pentecostal do Espírito Santo exprime-se na íntima relação que une os sacramentos do Batismo e da Confirmação. Esse íntimo ligame emerge também do fato que nos primeiros séculos a Confirmação constituía em geral «uma única celebração com o Batismo, formando com ele, segundo a expressão de São Cipriano, um «sacramento duplo» (CIC, 1290). No Oriente, esta prática foi conservada até hoje, enquanto que no Ocidente, por múltiplas causas, se afirmou a celebração sucessiva e também normalmente distanciada dos dois sacramentos.

Desde os tempos apostólicos, a plena comunicação do dom do Espírito Santo aos batizados é significada de maneira eficaz pela imposição das mãos. Para melhor exprimir o dom do Espírito, muito cedo se acrescentou a ela uma unção de óleo perfumado, chamado «crisma». Com efeito, mediante a Confirmação, os cristãos consagrados com a unção no Batismo participam na plenitude do Espírito, do Qual Jesus está repleto, a fim de que toda a vida deles efunda o «perfume de Cristo» (2Cor 2,15).

4. As diferenças rituais que, no decurso dos séculos, a Confirmação conheceu no Oriente e no Ocidente, segundo as diversas sensibilidades espirituais das duas tradições e em resposta a várias exigências pastorais, exprimem a riqueza do sacramento e o seu pleno significado na vida cristã.

No Oriente, este sacramento é chamado «Crismação», unção com o «crisma», ou «myron». No Ocidente, o termo Confirmação exprime o fortalecimento do Batismo enquanto revigoração da graça mediante o sigilo do Espírito Santo. No Oriente, estando os dois sacramentos unidos, a «Crismação» é conferida pelo próprio presbítero que batiza, não obstante ele faça a unção com o crisma consagrado pelo Bispo (cf. CIC, 1312). No rito latino, o ministro ordinário da Confirmação é o Bispo que, por razões graves, pode dar a sua faculdade a sacerdotes para isto deputed (cf. CIC, 1313).

Deste modo «a prática das Igrejas do Oriente sublinha mais a unidade da iniciação cristã. A da Igreja latina exprime com mais nitidez a comunhão do novo cristão com o seu Bispo, garante e servo da unidade da sua Igreja, da sua catolicidade e da sua apostolicidade; daí o laço com as origens apostólicas da Igreja de Cristo» (CIC, 1292).

5. De tudo aquilo que expusemos ressalta não só o significado da Confirmação no conjunto orgânico dos sacramentos da iniciação cristã, mas também a insubstituível eficácia que ele tem em ordem à plena maturação da vida cristã. Um empenho decisivo de preparação para o Jubileu, consiste em formar com todo o cuidado os batizados que estão a ser preparados para receber a Confirmação, introduzindo-os nas fascinantes profundezas do mistério que ela significa e atua. Ao mesmo tempo, deve-se ajudar os crismados a redescobrirem com alegre admiração a eficácia salvífica deste dom do Espírito Santo.

*Joannes Paulus II*

## A EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA (ERT) PREPARANDO-SE PARA A ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA (AGO)

Dentro da série de *Diálogos* que a Equipe de Reflexão Teológica — ERT —, programou junto à Diretoria da CRB, com o objetivo de melhor preparar a XVIII Assembléia Geral Ordinária — AGO — do próximo julho/98, no dia 8 de maio p.p. realizou-se a última *Exposição Dialogada* com o professor de Comunicação, Padre Pedro Guareschi, CSSR (Pedrinho), sobre “Meios de Comunicação Social e a imagem da Vida Religiosa na Sociedade”.

As questões levantadas pela ERT ao especialista em MCS, foram em síntese, estas:

- Em uma cultura em que a imagem desempenha uma importância vital na comunicação, quais são alguns dos fatores que constituem o imaginário social da Vida Religiosa (VR)?
- Como a VR em geral é vista?
- De que jeito se pode trabalhar o imaginário social da VR?

O professor especialista começou a *Exposição Dialogada* dizendo que elencava dois pontos considerados básicos na questão do Imaginário Social. O primeiro diz respeito à teoria do autor John B. THOMPSON, intitulada *Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, (Vozes 1995), obra na qual o autor trabalha muito bem a questão da Representação Social. Para o segundo ponto o expositor se baseou numa pesquisa feita por ele mesmo com grupos focais, na sua maioria jovens, sobre a *Representação Social*, trabalhando algumas motivações que levaram esses jovens a se afastarem da Igreja institucional, ou melhor dizendo, por que esses jo-

vens continuam vivendo sua fé cristã e sentem a Igreja afastada deles.

Dessa pesquisa, ancorada na teoria de THOMPSON, o expositor apresentou alguns resultados ainda em andamento. Segundo ele, a Representação Social não é apenas uma dimensão cognitiva, mas mitológica, simbólica, afetiva, por isso é uma dimensão que se consegue passar. Contra o determinismo social tem-se o imaginário que é uma força que avança bem mais do que se pensa. As pessoas seguem esse imaginário social porque compram, consomem e com isso mostram que elas se encontram sob o impacto dos MCS.

No que se refere à VR, Pedrinho fez uma pesquisa com o pessoal da catequese, na faixa etária de 15 a 16 anos, idade em que geralmente os jovens se afastam da Igreja, ou, a Igreja se afasta deles. Foram atingidas nessa pesquisa, umas 50 pessoas, organizadas em grupos focais de 6 a 8 pessoas. Segundo o expositor, o que se percebeu foi o seguinte:

- há problemas na Igreja que nós não queremos aceitar, por exemplo: a dimensão institucional de Igreja representada pelos padres que são monótonos, sacais;
- os sacramentos não são compreendidos na sua verdadeira dimensão pelo fato de serem uma celebração pouco ou nada criativa. Desse modo, os sacramentos como sinais da graça, passam a não ter sentido, não produzem os efeitos que a fé, a tradição e a reflexão teológica lhes atribuem;
- as funções litúrgicas não atingem o mundo afetivo, o desejo e o universo cultural dos jovens.

Foram apresentados ainda outros problemas.

Nisso tudo não se pode esquecer de que a Representação Social é construída, e como tal nós somos também, em parte, responsáveis por essa construção. Os grupos ligados à Igreja e que a freqüentam, são mais acessíveis à imagem do padre da novela da Globo do que à nossa imagem de religiosos(as) dentro da Igreja, evangelizando no meio do povo. O sentimento religioso, sobretudo, e o afeto são as duas forças que fazem o pano de fundo da Representação Social elaborada pela própria pessoa, e são as forças que sustentam o cotidiano que pode ser resumido nesses elementos vitais:

- família
- trabalho
- consumo
- festa
- encontros e outros.

As massas ainda têm uma Representação Social (RS) do padre padrão, isto é, do padre que é neutro, que fica em cima do muro, mas é bom; ajuda indiretamente, diretamente quando pode, benze todo mundo, patrocina casamentos, se mostra apaziguador, numa palavra, o povo guarda a imagem do padre do tempo do latim, ou melhor dizendo, o padre da colonização.

Se por um lado a Mídia nos atinge a todo o momento com seus padrões e valores, pois, vivemos na época da imagem, por outro lado não apresentamos novos valores, nem criamos ou elaboramos novas imagens e continuamos nos comunicando de forma racional. É bom lembrar que hoje a comunicação não se faz de forma racional (sujeito-verbo-complemento), mas falando aquilo que as pessoas querem ouvir e auscultar sem deixar vazios dentro dessas pessoas.

Após essa exposição, os integrantes da Equipe Teológica levantaram várias questões que foram refletidas, deixando-se em aberto continuar o questionamento apenas iniciado

nessa ocasião. Refletiu-se, por exemplo, sobre a possibilidade que tem a VR de influenciar a Representação Social (RS) no trabalho de evangelização com o povo.

- No Brasil as vocações continuam predominantemente rurais. Em Milão, por exemplo, as vocações são urbanas, o perfil do novo padre tem em média 30 anos e muitos desses padres são ex-drogados, convertidos. Não se trata de aplicar para a nossa realidade o que acontece em Milão. Mas trata-se de pensar com que RS se está trabalhando na pastoral vocacional, sobretudo agora que o Brasil se está urbanizando de forma acelerada. O Movimento dos Sem-Terra (MST), travam uma árdua batalha para manter a legitimidade da sua RS na Mídia. A RS é uma dimensão da vida que é dinâmica e deve ser continuamente reconstruída. A VR mostra o empenho de reconstruir uma nova RS de seu testemunho de vida e de fé no meio do povo?
- Na linha desse mesmo pensamento, refletiu-se sobre a relação que há entre a imagem de VR e a realidade, quando se considera que 66% das vocações são oriundas do ambiente rural. Segundo o expositor, há uma diferença sim: a Mídia hoje, penetra seja o ambiente urbano, seja o ambiente rural. O rural e a cidade são diretamente atingidos pela Mídia que, até certo ponto, homogeneiza os padrões de comportamento. O conceito de família que passa pela cabeça da maioria dos jovens é a vivência da casa mais a novela. É uma realidade que pode nos surpreender, mas é a realidade que fecunda a sensibilidade humana e a capacidade de se colocar no lugar do outro, de incorporar, como os artistas, o mundo dos afetos, o mundo simbólico e o mundo do mito. A VR leva em conta verdadeiramente essa realidade quando recebe os novos candidatos?
- Algumas perguntas levantadas pelos presentes foram aprofundadas tendo em vista a VR do futuro. Refletiu-se sobre o conceito de RS ligada ao imaginário. Essa RS diz respeito a como é que as pessoas chegam

a elaborar os significados. Que influxo pode ter a RS na elaboração de novos significados? Dentro de um quadro de VR que muda, há uma considerável porcentagem de jovens de periferias suburbanas e de setores pobres que entram para a VR com desejo de ascensão social, querem subir. Que RS passamos nós que estamos dentro da VR a esses jovens?

– A RS que a VR passa para os jovens que entram hoje, é também a representação que essa mesma VR tem do mundo. Será que não falta a nós, pé-no-chão na realidade desse mundo? Teria jeito de a VR modificar o imaginário dela? Dentro desse quadro é bom lembrar que os jovens aprenderam do mundo aquilo que nós não aprendemos. Enquanto eles nasceram na frente da TV, nós somos habilitados a in-

terpretar a realidade virtual. O método da pesquisa científica é o meio mais eficaz para se conhecer as distintas representações sociais.

– Por isso mesmo, as pesquisas de campo são uma urgência que se impõem cada dia. Diante dos dados coletados, a VR deverá ter humildade e reconhecer que nesse ponto a Mídia é mais adiantada. Ela estabelece relações com as pessoas, os grupos e as massas, relações de mil tipos diferentes que vão construir o fenômeno da RS cuja essência é a trama de relações que se vive nos grupos. Aqui está a força dos diferentes grupos e a força da RS constituída e ao mesmo tempo constituinte. Até quando o celeiro de vocações será o mundo rural? Por que não há vocações onde a VR vive inserida?

**A modo de conclusão:** De toda essa exposição dialogada fica claro o seguinte:

1) Cada instituição religiosa deve se dar conta da urgência de melhor conhecer a sua realidade interna e externa através de um instrumental científico oferecido pelas Ciências do Social para des-ocultar, des-velar, des-cobrir coisas que podem nos surpreender por um lado, mas nos ajudam a tornar mais inteligível e autêntico o nosso testemunho de fé vivido e gasto pelo Reino dentro da VR.

2) Rever continuamente os nossos métodos de formação inicial e permanente.

3) A VR pode aplicar para si mesma aquilo que os jovens na pesquisa do Pedrinho disseram: *É a Igreja que se afasta de nós e não nós que nos afastamos dela, nós continuamos cristãos.* Como se dá esse processo dentro da VR para com os membros que não se enquadram ao padrão normal de vida e de missão? Não há aí o risco de também a VR estar se afastando de novas experiências que estão nascendo, e viver um tipo de SOLIDARIEDADE abstrata?

# GESTOS QUE FALAM DO ESPÍRITO

## REFLEXÃO SOBRE OS GESTOS SIMBÓLICOS DO SACRAMENTO DA CRISMA

Pe. Francisco Taborda S.J.

A unção do Espírito Santo transmite ao cristão um conhecimento abrangente de Cristo que significa clareza na fé, certeza na decisão, seguimento no amor.

O ser humano é um ser simbólico. É capaz de expressar-se através de gestos que, por pequenos e passageiros que sejam, querem transmitir muito mais do que se pode dizer em palavras. O modesto fragmento que é o gesto, contém o sentido da totalidade<sup>1</sup>. Por isso, os símbolos precisam ser meditados. É semelhante ao gesto de carinho de uma pessoa amada. Não basta recebê-lo. Merece ser recordado, saboreado, relacionando-o com o sentido que tem. Os sacramentos pertencem a esse gênero de comunicação. Não é suficiente deixar que aconteçam. Precisamos voltar a eles e refletir sobre sua carga simbólica.

Este artigo pretende proceder assim com os gestos que constituem o momento essencial da crisma. *"O sacramento da confirmação é conferido pela unção do crisma na*

*fron­te, feita com a imposição da mão, e pelas palavras: N., recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus"*<sup>2</sup>. Nessa formulação condensada, encontram-se os elementos que compõe o gesto aparentemente tão simples deste sacramento: imposição das mãos, assinalação e unção com óleo perfumado (o óleo do crisma<sup>3</sup>, feito de uma mistura de óleo vegetal e bálsamo). Para compreender a ação de Deus em nós, através deste sacramento, nada melhor que meditar sobre o sentido de cada elemento do gesto simbólico crismal. Antes, porém, será preciso deter-nos na fórmula que acompanha os gestos, porque ela os qualifica e explicita. É como a palavra de amor que acompanha o gesto de carinho da pessoa amada.

### "SÊ ASSINALADO COM O ESPÍRITO SANTO, O DOM DE DEUS"

Diz um velho provérbio italiano: "Traduttore, traditore". "Todo tradutor é um traidor". É difícil reproduzir em outra língua, com o mesmo vigor, a expressão da língua original. Também na fórmula que acompanha o gesto crismal.

1 Para um estudo mais aprofundado sobre símbolo, cf. FRANCISCO TABORDA: *Sacramentos, práxis e festa. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1998, 61-81.

2 PAULO VI: *Constituição Apostólica "Divinae consortium naturae"*, de 15.8.71. Em: *Rito da confirmação*. São Paulo: Paulinas 1979, 19. Na citação, a fórmula da crisma foi corrigida de acordo com a nova tradução portuguesa de 1990.

3 Dado um erro de português muito freqüente, não é supérfluo chamar a atenção para uma particularidade do vernáculo. Em português "crisma" pode ser substantivo masculino ou feminino. A crisma (fem.) é o sacramento; o crisma (masc.) é o óleo usado para a crismação.

Na reforma litúrgica determinada pelo Concílio Vaticano II, adotou-se na Igreja latina uma antiga e venerável fórmula da Igreja Oriental, testemunhada já no fim do séc. V<sup>4</sup>. Traduzida literalmente do grego, ela soa: “sinete do dom do Espírito Santo”. A palavra-chave da fórmula original é “*sprhagís*” que significa sinete, chancela, selo. Não se trata do selo de correio que nos é familiar, mas da marca com que se autenticavam os documentos antigamente. Sobre a cera ou o lacre ainda brandos imprimia-se com um anel ou carimbo em negativo a marca do signatário. Era algo solene, marcante, duradouro, que ninguém podia falsificar, porque não possuía o negativo. Pelo sacramento da crisma é impressa em nós a marca do Espírito.

A construção gramatical da fórmula consiste numa série de genitivos, que se traduz em português através da preposição “de”. Cada genitivo da frase explica o sentido da palavra anterior: o sinete é o dom que é o Espírito Santo. A fórmula expressa que o sinete que marca o cristão de forma indelével e sela sua aliança com Deus, é o próprio Espírito Santo, o dom de Deus por excelência. Ele próprio é o selo que garante nossa relação com Deus, agora e para a eternidade (cf. 2 Co 1,22; Ef 1,13s e 4,30). Nada mais profundo e consolador.

A tradução latina usada na liturgia romana acrescentou à concisão do grego um verbo: “N.N., recebe o sinete do dom do Espírito Santo”. A tradução literal ficaria muito deselegante e até incompreensível em português. Por isso, preferiu-se: “N.N., recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus”. Uma tradução feita com boa intenção. Só que deturpou o sentido da fórmula e tirou toda a profundidade de seu conteúdo.

A tradução que estamos usando na celebração, confundiu o grego “*sprhagís*” e o latim “*signaculum*”, que significa “marca”, com a palavra latina “*signum*”, “sinal”, e transformou a fórmula numa alusão ao sinal da cruz que o bispo faz na testa do crismando ao ungi-lo. Não é. Uma tradução mais apropriada seria: “*Fulano, sê assinalado com o Espírito Santo, o dom de Deus*”. O sinal que nos marca na crisma, não é meramente o sinal externo que o bispo faz sobre nós; é o próprio Espírito de Deus, o dom por excelência, o maior presente que Deus nos pode dar, dom do qual a assinalação pelo bispo é o símbolo. A fórmula é de um realismo sacramental muito forte, como gostavam de exprimir-se os Padres da Igreja. É como se o bispo dissesse: “Você está sendo marcado com o Espírito Santo, o Dom de Deus”. É ele o grande dom que no hino “*Veni Creator*” é designado como “*altissimi donum Dei*” (o dom do Deus altíssimo)<sup>5</sup>.

## IMPOSIÇÃO DAS MÃOS: O ESPÍRITO É POR EXCELÊNCIA A BÊNÇÃO DE DEUS

“Governar com mão de ferro”, “bordar com mão de fada”, “escrever com mão de mestre”, “abrir mão de algum direito”, “dar uma mão a alguém”, “estar de mãos atadas diante de um problema”, “lançar mão de um stratagem”, “estender a mão para alguém”, “pedir a mão da moça em casamento”, “pôr mãos à obra”, “estar nas mãos de alguém”... Poderiam multiplicar-se expressões muito usuais em que a palavra “mão” é usada num sentido figurado.

Observando essas expressões e outras que se poderiam citar, encontramos a “mão” como

4 Numa carta de um Patriarca de Constantinopla (não identificado) ao Metropolita Martírio de Antioquia, cf. *Jus canonicum graeco-romanum*. PG 119, 899s. Remetente e destinatário sugerem que a fórmula era conhecida em ambas as Igrejas.

5 A crisma confere, portanto, o próprio Espírito Santo e não seus dons, como ouvimos muito comumente. A interpretação da crisma como sacramento que infunde no cristão batizado os sete dons é uma escapatória que se encontrou para dar sentido à crisma depois que na Igreja Latina foi separada do batismo. Cf. FRANCISCO TABORDA: “Crisma, sacramento do Espírito Santo? Para uma identificação da crisma a partir de sua unidade com o batismo”. *PerspTeol* 30 (1998) 183-209.

metáfora para "força, poder, domínio". A aplicação figurada provém, sem dúvida, do fato de as mãos serem o instrumento mais universal de que o ser humano dispõe. É sempre noticiado como curiosidade se alguém, privado de mãos por qualquer motivo, é capaz de usar outro membro do corpo para substituir as mãos. Encontramos, por exemplo, artistas que pintam com os pés ou com a boca, o que dá maior valor a seu esforço de expressar-se artisticamente. O grande Aleijadinho é famoso por ter conseguido realizar as mais belas obras do barroco mineiro, apesar da deformação de suas mãos.

Além de instrumento, as mãos são ainda meio de comunicação. Há gestos que se entendem em qualquer cultura e possibilitam a comunicação entre pessoas de línguas diferentes. Pôr o dedo indicador sobre os lábios é logo captado como pedido de silêncio. Sacudir a mão fechada em gesto ameaçador não precisa de palavras explicativas.

No conjunto dessa linguagem simbólica das mãos, encaixa-se a *imposição das mãos*, significando primeiramente *transmissão da força, do poder ou da qualidade* inerente à pessoa que toca a outra. Subjacente está a idéia de que pelo contato se estabelece uma comunicação entre duas pessoas no nível mais profundo e a força de uma passa à outra. Possivelmente os estados emocionais ou psíquicos muitas vezes produzidos pelo toque sugeriram o sentido e valor de tal rito.

Nas Escrituras hebraicas<sup>6</sup>, que constituem o horizonte de compreensão necessário a nossa tradição cristã, a imposição das mãos para transmitir força e poder aparece com várias significações, dentre as quais interessa aqui o sentido de *bênção*.

Bênção (*berakah*, em hebraico) evoca um duplo movimento. Por um lado expressa um

*movimento ascendente*: louvamos, bendizemos, "abençoaamos" a Deus pelos benefícios recebidos dele. Por outro lado, bênção, mais comumente em português, significa o movimento descendente da prodigalidade de Deus. Os bens que dele recebemos são uma bênção para nossa vida. Por isso, pedimos a bênção do padre, dos avós, da mãe, do pai, dos mais velhos, como expressão do pedido a Deus pelos bens de que necessitamos.

Mas o grande benefício que Deus nos prodigaliza é sua autocomunicação. Ele próprio se quis dar a nós em seu Filho Jesus Cristo e em seu Espírito de amor. Por isso, na perspectiva cristã, a maior bênção que podemos receber é o dom do Espírito. Nele se acumula o duplo sentido teológico da palavra "bênção", pois o Espírito é o maior dom de Deus (*movimento descendente*) e por ele temos acesso ao Pai, para louvá-lo e bendizê-lo (*movimento ascendente*). Transmitir o Espírito é comunicar o incomparável dom de Deus e abrir caminho a que possamos adorá-lo e bendizê-lo "em Espírito e verdade" (Jo 4,23). Desta forma, a imposição das mãos na crisma tem o sentido de uma "bênção" de Deus, a bênção por excelência, diante da qual todas as outras se obscurecem, como o finito diante do Infinito.

Nos Atos dos Apóstolos por duas vezes encontramos uma imposição das mãos como gesto de transmissão do Espírito após o batismo (cf. At 8,14-17; 19-1-7). A narração deve ser entendida no contexto da obra lucana. Lucas quer mostrar em sua dupla obra (Evangelho e Atos) a expansão da Igreja, radicada na história de Jesus e originada pela contínua atuação do Espírito.

Para sinalizar a expansão da Igreja, Lucas adota um esquema geográfico resumido em At 1,8: da Judéia, passando pela Samaria até chegar aos confins da terra, o que acontece

6 No espírito do diálogo inter-religioso, o que os cristãos normalmente chamamos de Antigo Testamento, deveria, por respeito à religião mosaica, ser denominado de uma forma que não signifique subordinação daquela religião ao cristianismo. Por isso, neste artigo, serão usadas as expressões "Escrituras hebraicas" para o Antigo Testamento e "Escrituras cristãs" para o Novo Testamento.

quando Paulo chega a Roma, capital do Império, e lá prega de forma aberta e desimpedida. Crescimento e expansão representam, por uma parte, um movimento centrífugo: a partir de Jerusalém, aonde levava toda a dinâmica do Evangelho de Lucas<sup>7</sup>, a Boa Nova do Messias Jesus se expande até o confins da terra. Ao mesmo tempo, a Igreja vai-se afastando cada vez mais do judaísmo, passando primeiro aos samaritanos hereges (cf. At 8,5-25), depois aos pagãos (cf. At 10: Cornélio) até chegar enfim à capital mesma do Império Romano (cf. At 28,16-31).

O movimento centrífugo é contrabalançado pelo movimento centrípeto sinalizado pela atuação do Espírito em todas as etapas da expansão. Ele se manifesta visivelmente através de efeitos extraordinários, como força que age e provoca determinadas atitudes ou ações (dom das línguas, alegria, profecia, missão...). Ele garante a unidade e identidade da Igreja com suas raízes: a Igreja de Jerusalém e o Jesus da história que prometera o Espírito.

Há duas linhas de força que conferem à Igreja continuidade na dispersão: no plano transcendente, a intervenção do alto, o Espírito com seus dons carismáticos; no plano histórico, a Igreja de Jerusalém, que por primeiro recebeu o Espírito (cf. At 2) e desde onde os apóstolos asseguram a continuidade com o Jesus terrestre (cf. At 1,21 s). A relação de unidade e continuidade se atesta de forma concreta, palpável, sacramental, pela ligação à Igreja de Jerusalém. Só assim se legitimam as comunidades cristãs. Todo cristianismo que pudesse parecer “paralelo” à grande Igreja, precisa ser conectado com a Igreja-mãe. Por isso Lucas narra a imposição das mãos no caso dos samaritanos (cf. At 8) e dos discípulos de João Batista (cf. At 19). Sobre os

pagãos, o Espírito vem antes do batismo para legitimar de antemão o gesto de Pedro ao admiti-los na Igreja (cf. At 10). O Espírito, como o dom de Deus por excelência, garante ao cristão sua pertença à Igreja, por mais distante que esteja do Jesus da história e da primeira célula eclesial no espaço, no tempo, na cultura.

A imposição das mãos simboliza, pois, a bênção que é o Espírito, que nos torna imediatos a Deus e nos faz retroceder na história através da cadeia da tradição para ligar-nos ao próprio Jesus a quem nos cabe seguir como cristãos.

## ASSINALAÇÃO: PROPRIEDADE DE DEUS PELA AÇÃO DO ESPÍRITO

Marcar ou demarcar uma propriedade é certamente um costume tão antigo quanto o próprio sentido de propriedade. Quando um objeto ou uma pessoa pertencem a Deus e estão marcados como sua propriedade, estão no âmbito da salvação. Ora, na revelação cristã a salvação se dá no Espírito, é a própria presença do Espírito de Deus no ser humano. Por isso na crisma somos assinalados com o Espírito Santo, que toma posse de nós para o Pai.

Nas Escrituras hebraicas, a marca, feita possivelmente na fronte de uma pessoa, tem dois sentidos que se podem interpenetrar. Por uma parte, tem significado *jurídico*. Quem foi marcado, passa a ser propriedade do outro (cf. Ex 21,6). Semelhantemente, quem pede proteção a Deus, pode ser marcado com o selo da divindade e passa a ser propriedade dela, seu protegido<sup>8</sup>.

7 A história da infância de Jesus culmina em Jerusalém (cf. Lc 2,41). As tentações de Jesus em Lucas, ao contrário de Mateus, concluem em Jerusalém (cf. Lc 4,9). A maior parte do Evangelho consiste na narração de Jesus subindo a Jerusalém (cf. Lc 9,51.53; 13,22; 17,11; 18,31; 19,11.28), onde será finalmente crucificado. A aparição aos discípulos de Emaús leva-os de volta à Cidade Santa (cf. Lc 24,33). A aparição do Ressuscitado aos Onze, ao contrário de Mateus, se dá em Jerusalém (cf. ib.).

8 Talvez assim se deva compreender o sinal de Caim (cf. Gn 4,15).

Na prolongação desse primeiro sentido está um segundo, o sentido *escatológico* (cf. Ez 9,4-6). YHWH<sup>9</sup> decide realizar o juízo sobre a Jerusalém infiel. Antes de começar a destruição, ordena a um personagem vestido com roupas sacerdotais que marque com a letra hebraica *tau*, os “que estão gemendo e chorando por causa de todas as abominações” que se fazem em Jerusalém (v. 4). É o resto fiel que será poupado do juízo de YHWH (cf. v. 6). O sinal que os marca é o mais simples e óbvio para a finalidade, pois o *tau*, na época de Ezequiel, tinha a forma de uma cruz deitada ou xis<sup>10</sup>. O sentido da assinalação é, pois, indicar quem pertence a YHWH de coração e que por isso será salvo no juízo escatológico.

Inspirando-se em Ez 9, o Apocalipse reconhece os cristãos como os assinalados com o selo de Deus (cf. Ap 7,3; 9,4.) que é o próprio nome do Cordeiro e de seu Pai (cf. Ap 14,1). Para a mentalidade semítica, o nome é a pessoa. O selo de Deus não é, pois, algo com que Deus assinala os cristãos, mas é ele próprio que se doa a nós através do sinal apostado à frente. Os assinalados por esse selo são salvos no dia do juízo. Vale dizer: estar marcado por Deus e com Deus é salvação.

Também *Paulo* fala de uma assinalação do cristão. A marca, no caso, é o Espírito: Deus “assinalou-nos e deu-nos o penhor do Espírito Santo em nossos corações” (2 Co 1,22; veja também Ef 1,13s e 4,30). Com a intenção de despertar em seus leitores a certeza e a confiança na promessa e assim a fortaleza de ânimo necessária em meio às tribulações (cf. 2 Co 1,15-22), Paulo recorda

que Deus lhes apôs sua chancela (*sphragis*), tornando-os propriedade sua e dando-lhes como garantia já agora o Espírito Santo.

A metáfora aqui deve ser compreendida a partir do âmbito comercial. Quando o comprador quer garantir o negócio, deixa um pagamento adiantado que já assegura de antemão que o objeto não será vendido a outro, mas ainda não é o pagamento inteiro, senão um “sinal”. Do ponto de vista jurídico, o objeto está comprado; o vendedor não pode entregá-lo a um terceiro, mas o negócio ainda não está concluído. A assinalação com o Espírito no batismo-crisma indica que a redenção *já* é uma realidade para o batizado-crismado<sup>11</sup>, embora a posse definitiva do Espírito e pelo Espírito *ainda não* se realize em plenitude.

Os dados bíblicos confirmam, portanto, o que se dizia acima sobre a fórmula da crisma: somos marcados com um sinete que é o próprio Espírito. No mesmo sentido vai o simbolismo da unção.

## UNGIDOS COM O ESPÍRITO

Unção é um dos nomes do Espírito. “*Spiritualis unctio*” cantará o hino *Veni Creator* na liturgia latina da festa de Pentecostes, inspirando-se em 1 Jo 2,20 e 27: “unção espiritual”, “unção que é o Espírito”. Por isso mesmo, a unção física é um símbolo adequado para significar a doação do Espírito, já que ele mesmo é a Unção.

No seu uso natural, a unção tem múltiplos efeitos: amacia a pele, protege-a, penetra na

9 Num tempo de diálogo inter-religioso, convém levar em consideração a sensibilidade religiosa dos demais. Segundo a tradição da fé mosaica, o nome de Deus usado nas Escrituras hebraicas não deve ser pronunciado. É uma atitude que evoca a absoluta incapacidade humana de expressar a Deus da mesma forma como fala dos objetos deste mundo. Conservar na escrita as quatro letras impronunciáveis (tetragrama) que reproduzem em alfabeto latino o nome próprio hebraico de Deus, YHWH, vale, para nós cristãos, como lembrete da inefabilidade de Deus, ao mesmo tempo que respeita a sensibilidade israelita. Onde se encontra o tetragrama, leia-se “Senhor” ou “Adonai”, segundo a tradição judaica.

10 Os Padres da Igreja saberão ver no *tau* a cruz de Cristo; nos assinalados, uma prefiguração do cristão marcado com o sinal da cruz.

11 O batismo e a crisma constituem, juntamente com a eucaristia, uma grande unidade conhecida como iniciação cristã. Evocando esta unidade se diz aqui “batismo-crisma” e “batizado-crismado”. A crisma é um momento do “grande batismo”, a iniciação cristã. Cf. TABORDA: art. cit., *PerspTeol* 1998.

epiderme, reconforta a pessoa, faz brilhar. No seu uso simbólico a unção significará transmissão de força e poder, consagração. Ainda hoje, no candomblé, o iniciado é ungido com o sangue dos animais sacrificados; em diversas culturas indígenas as pinturas faciais e corporais com urucum e jenipapo são uma espécie de unção que expressa o caráter festivo do momento ou a alegria da pessoa.

O mais importante emprego simbólico da unção na tradição das Escrituras hebraicas é seu *uso jurídico-sacral*: derrama-se óleo sobre a cabeça de alguém para conferir-lhe *kabod*, palavra hebraica que significa tanto glória e poder, como peso e brilho (daí a analogia com o óleo).

Essa unção usada na entronização do rei, na sagração do sumo sacerdote (e dos sacerdotes) e para expressar a vocação de um profeta, é sempre unção em vista de um encargo, de uma missão. Segundo Is 61,1, o profeta é ungido para anunciar a boa nova aos pobres. O sumo sacerdote evidentemente é ungido para desempenhar sua função no culto. A missão do rei, o Ungido de YHWH, é implantar e garantir o direito e a justiça pelo poder do Espírito (cf. 2 Sm 8,15; 1 Rs 10,9; Sl 72,1s).

Direito e justiça são dois vocábulos fundamentais, usados principalmente para referir-se à tarefa do rei de promover os direitos conculcados, especialmente dos pobres e desvalidos, que não têm meios de defendê-los sozinhos. Os reis concretos, com seus pecados e suas ambições, exploraram o povo, em vez de exercerem a função para que YHWH os legitimara. Surge assim a esperança messiânica: esperança no surgimento de um rei que faça jus a seu título de Ungido. Será o Ungido (Messias) por excelência, porque corresponderá a sua eleição por YHWH, cum-

prindo a aliança e o que vem a ser o mesmo velando pelo direito e pela justiça.

Para poder exercer sua missão, o Ungido que Deus promete em Is 11,1-9, terá que ser dotado do Espírito. O profeta descreve magnificamente a figura do Messias esperado, resumindo a expectativa do Povo de Deus. A família de Davi se tornara um simples cepo ("o tronco de Jessé" v. 1). O profeta promete que desse cepo brotará um rebento, no qual se realizará a esperança de um Ungido que pratique o direito e a justiça (v. 4-5). O Espírito de YHWH que repousa sobre o "rebento" do tronco de Jessé (v. 2)<sup>12</sup>, capacita-o para um governo sábio e justo, segundo os princípios da aliança. Ser Messias e possuir o Espírito aparecem aqui intimamente relacionados, se é que não são idênticos. O Ungido realizará sua missão de implantar o direito e a justiça, porque está na posse do Espírito de Deus.

O profeta, por sua vez, segundo Is 61,1 não é ungido com óleo, mas com o próprio Espírito de YHWH, significando que está totalmente tomado pelo Espírito para realizar sua missão<sup>13</sup>.

Essas relações entre ser ungido, direito justiça, pregação do Evangelho aos pobres, Espírito lançam luz sobre o sentido cristão da unção. Incorporados ao mistério pascal de Jesus, o Ungido de YHWH, os cristãos são *ungidos no Ungido*. O uso litúrgico da unção não pode ser separado do significado da palavra Cristo, o Ungido, e, em decorrência, da designação dos discípulos como cristãos (cf. At 11,26). Participando do mistério pascal de Cristo, o Ungido, somos ungidos no Ungido. E a unção é o próprio Espírito do Ressuscitado. Vale dizer que o cristão é aquele que, pela força do Espírito Santo, recebe a missão de levar a Boa Nova aos pobres,

12 Aqui se encontra a célebre enumeração do que posteriormente a teologia latina identificará como "sete dons do Espírito Santo". Na realidade o texto original não traz sete dons, mas seis características do Espírito, e o profeta não quer fazer uma listagem deles, senão expressar pletoricamente a ação do Espírito sobre o Ungido. Cf. TABORDA: art. cit., *PerspTeol* 1998, 183-184.

13 Não há nenhum texto bíblico que relacione a unção sacerdotal com o Espírito.

promover o direito e a justiça e assim prestar culto a Deus com sua vida (cf. Rm 12,1; 1 Pd 2,4-10).

No uso das Escrituras hebraicas não é preciso a unção física para alguém ser considerado ungido: a unção pode ser uma metáfora (cf. Is 61,1) ou alguém pode ser considerado ungido a partir do ancestral que foi ungido fisicamente (assim os descendentes de Davi, com poucas exceções)<sup>14</sup>. Nessa perspectiva, a própria incorporação a Jesus, o Ungido, pela fé, conversão e batismo, já nos faz ungidos no Ungido, sem que seja preciso o gesto da unção. Mas certamente uma unção como ato físico reforça a qualificação messiânica de quem a recebe. Por isso o sentido da crisma é expresso pelo simbolismo da unção.

Os Padres da Igreja interpretaram muitas vezes o *batismo de Jesus como sua unção messiânica*. Os Atos dos Apóstolos já sugerem essa aproximação. No discurso na casa de Cornélio, logo depois de mencionar o batismo de Jesus, Pedro prossegue: “Deus o ungiu com Espírito Santo e com poder” para desempenhar sua função de passar “fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo” e como garantia de que “Deus estava com ele” (At 10,38; cf. 4,27). No Evangelho a missão proveniente da unção é explicitada em sua referência à evangelização dos pobres. Ela se relaciona com o batismo, pois nessa ocasião o Espírito Santo, com que Jesus se proclama ungido no discurso inaugural na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,18; Is 61,1), viera sobre ele, enquanto o Pai o reconhecia como o Filho (cf. Lc 3,21-22).

O batismo de Jesus não é narrado meramente como um fato histórico da vida do Senhor, mas como origem do batismo cristão,

pelo qual somos filhos no Filho (cf. a voz do céu), ungidos no Ungido (cf. a descida do Espírito). Nossa unção e conseqüentemente sua concretização simbólica na crisma terá a mesma finalidade da unção de Jesus: a de pôr-nos, como ele e em seu seguimento, do lado dos pobres (pelo direito e pela justiça).

*Ungido em Cristo, o cristão foi, como ele, ungido com o Espírito*. Em 1 Jo 2,20 e 27 ocorre por três vezes referência à unção (*chrisma*) que o cristão possui. A comparação destes textos com as perícopes que prometem o Paráclito no Evangelho de João comprova que “Unção” é aqui outro nome para o Espírito. A Unção, como o Paráclito, transmite à comunidade um conhecimento aprofundado de Cristo (1 Jo 2,20 com Jo 14,26), foi recebido do Pai (e de Cristo) (1 Jo 2,27 com Jo 14,26 e 15,26), permanecerá no cristão (cf. 1 Jo 2,27 com Jo 14,17) e o ensinará (1 Jo 2,27 com Jo 14,26 e 15,26). Ungido com o Espírito, o cristão tem no Espírito o fundamento de sua pertença a Cristo. A unção do Espírito Santo (a Unção que é o Espírito Santo) transmite ao cristão o conhecimento de Cristo, conhecimento abrangente (cf. 1 Jo 2,20) que significa clareza na fé, certeza na decisão, seguimento no amor. Como somos filhos de Deus por nossa participação no Filho de Deus, assim também somos os ungidos pelo Espírito por sermos membros do Ungido por excelência (Cristo).

A raiz da identificação do Espírito com a unção se encontra certamente em Is 61,1, em que o Trito-Isaías se proclama ungido para a missão profética. O “óleo” dessa unção é o Espírito de YHWH. O dom profético do Espírito é, pois, em última análise, idêntico com a unção.

14 Historicamente só se ungiam os reis, quando pairava alguma dúvida sobre sua legitimidade. Assim Davi como primeiro rei e contra Saul (2 Sm 2,4, cf. v. 7; também 2 Sm 5,3, cf. v. 12); Absalão como anti-rei (2 Sm 19,11; cf. 15,10-12); Salomão, cujo direito à sucessão era posto em dúvida (1 Rs 1,28-53); Joás, porque sua entronização se faz em vida de Atalia e deve proclamar-se a ilegitimidade da rainha (2 Rs 11,1-20); Joacaz, porque também não era pacífica a continuação da realeza davídica (luta entre a corte e o “povo da terra”) (2 Rs 23,30). Todos os outros reis são considerados ungidos, porque descendem de Davi e estão em sua sucessão legítima. Como tais, participam de sua unção, são ungidos no Ungido.

Estabelecendo a relação unção Ungido Espírito, esses textos forneceram uma simbologia eloqüente para significar a conformação a Cristo operada nos sacramentos da iniciação cristã (batismo crisma eucaristia). O gesto simbólico era tanto mais adequado, quanto se podia relacionar a unção também com o simbolismo do banho, já que evocava o perfumar-se após o banho com óleo aromatizado. A unção como metáfora bíblica para Espírito incentiva, portanto, a que a unção física se torne expressão significativa do dom do Espírito. Sendo o dom mais elevado que se possa receber, não ficava mal que esse óleo fosse enriquecido com aromas preciosos, como é o caso do crisma, ainda mais dada a simbologia do perfume.

## O ESPÍRITO, PERFUME PARA O TESTEMUNHO CRISTÃO

Quando alguém sai do banho todo perfumado, logo se nota sua presença... É típico do perfume permitir que se perceba uma presença, mesmo sem ver a pessoa portadora do perfume. Nas noites mineiras de primavera e verão o perfume da dama-da-noite faz saber da existência de uma touceira dessa flor.

Essas experiências corriqueiras fazem compreensível que o perfume sirva para expressar a epifania ou manifestação divina, a presença de Deus. Possibilita também a relação simbólica entre as obras, pelas quais alguém mostra quem é, e o perfume. Ora, quem capacita o cristão a ser “o bom odor de Cristo” no mundo, na Igreja, na sociedade é o Espírito. Assim, perfume é um simbolismo bastante evidente para o Espírito Santo que é o Espírito do testemunho (cf. Ap 19,10).

O pano de fundo desta afirmação é o uso de perfume com finalidade cultural. Seu significado simbólico-religioso é duplo: o perfume toma a divindade propícia (*sentido ascendente*: o perfume sobe de nós a Deus); no perfume se manifesta a divindade (*sentido descendente*: Deus se mostra a nós no perfume).

No primeiro sentido, a forma mais comum de oferecer perfume aos deuses sempre foram as diversas espécies de incenso, aromas queimados em honra da divindade. Sua função primeira era, numa concepção antropomórfica, atrair a divindade pelo bom odor. As volutas de incenso, por sua vez, simbolizavam o movimento da oração subindo ao céu. Mas também ofertas florais são comuns nas diversas culturas. Com flores (coroas, guirlandas, buquês) enfeitam-se, por ocasião do sacrifício, sacerdote, vítima e altar. Na popular “lavagem do Bonfim” (Salvador, Bahia), leva-se a água em cântaros repletos de flores. Não basta lavar a Igreja (hoje apenas o adro da Igreja); é preciso que a água seja água de flores para agradar ao Senhor do Bonfim (ou a Oxalá).

Nas Escrituras hebraicas, a metáfora do *sacrifício de odor agradável* apresenta uma dimensão ética: YHWH tem agrado no sacrifício acompanhado de uma vida segundo a aliança. Rompida a aliança, YHWH não aspirará mais “vossos perfumes de agradável odor” (Lv 26,31). Sem justiça e direito, as oferendas se tomam “um incenso abominável” (Is 1,13). No período final do judaísmo bíblico, dá-se mais importância ao sentido espiritual do sacrifício. “Sacrifício de odor agradável” passa a ser metáfora para designar toda obra agradável a Deus. O louvor que o justo oferece a Deus é incenso de bom odor (cf. Sr 39,14).

No contexto da crisma interessa primeiramente o uso simbólico-religioso do perfume no *sentido descendente*, como veículo da manifestação da divindade. Também essa percepção é muito espalhada. No mundo helenístico baseava-se na concepção fisiológica de que pelo odor se recebe a energia e a vitalidade da flor ou da planta odorífera. Então, um perfume (sagrado) pode transmitir o “bom odor divino”, ser portador de vida divina. É o sentido das defumações no espiritismo umbandista ou das varetas de incenso oriental nos ambientes ligados à “new age”.

No judaísmo tardio, a idéia de que o perfume é *manifestação de Deus* é aplicada à Sabedoria. A comparação com substâncias odoríferas preciosas significa que ela é força na vida, dá capacidade para a verdadeira vida (cf. Sr 24,15 no contexto de 24,1-22).

A ocorrência mais importante de perfume, no contexto da teologia crismal, é, porém, o *uso cosmético* da unção. Emprega-se óleo *após o banho*, já que na Antiguidade é ele o veículo normal do perfume, como hoje é o álcool. Esse gesto é traduzido em nossas bíblias em geral por “perfumar-se”, não por “ungir-se”. No original está o verbo hebraico que significa propriamente ungir-se, mas se expressa por uma palavra distinta do ungir em sentido jurídico-sacral e o contexto mostra que se trata de ungir-se com perfume.

Perfumar-se com unguentos é expressão de alegria, coisa própria de festa (cf. Qo 9,8; Am 6,6) e por isso mesmo sinal de hospitalidade (cf. Sl 23,5 e Lc 7,46). É, portanto, natural que não ungir-se seja sinal de luto (cf. 2 Sm 14,2; Dn 10,3) e, só passado este, a pessoa volte a perfumar-se (cf. 2 Sm 12,20; Jt 10,3).

O uso cosmético é primeiramente profano e prático, mas sugere uma relação com o batismo, pois a unção é freqüentemente mencionada como complementação do banho. Em especial o Sl 23 será interpretado pelos Padres da Igreja como prefiguração da iniciação cristã, pois nele encontram prenunciados os três sacramentos: batismo (v. 2b: “às águas repousantes me conduz”), crisma (v. 5c: “perfumas minha cabeça com óleo”) e eucaristia (v. 5a: “diante de mim fazes servir uma mesa”).

Tanto no sentido ascendente como no descendente o perfume se mostra assim um símbolo apto para expressar a ação do Espírito no cristão. Ungido para implantar o direito e a justiça, o cristão dá, por suas boas obras *sacrifício de odor agradável*, testemunho do Deus de Jesus Cristo. Ele manifesta perante Deus e seus semelhantes que o Espírito Santo o anima (sentido descendente) e, por isso mesmo, é aceito pelo Pai (sentido ascendente).

São raras as passagens das Escrituras cristãs que se referem a perfume. Por uma parte, encontra-se a metáfora do *sacrifício de odor agradável* significando simplesmente uma ação aceite por Deus. Tal é o amor com que Cristo nos amou e se entregou ao Pai a ponto de morrer na cruz (cf. Ef 5,2). Ou ainda a ajuda que a comunidade de Filipos envia a Paulo prisioneiro (cf. Fl 4,18). A vida de Jesus ou a vida cristã em seu seguimento são odor agradável a Deus. A importância dessa idéia no contexto da crisma consiste em mostrar como a própria vida pode ser relacionada com perfume, embora neste caso como um perfume para Deus.

Mas há outro emprego da metáfora que trata da *vida cristã como perfume* também para os outros seres humanos (cf. 2 Co 2,15). Paulo compara sua atuação como apóstolo às procissões triunfais que se faziam em honra das divindades no mundo greco-romano. Elas proclamavam a grandeza do respectivo deus ou deusa e durante essas procissões se acreditava dar-se uma epifania ou manifestação da presença da divindade.

Em procissão triunfal levava-se a estátua do deus. Quadros representavam cenas dos mitos ou façanhas atribuídas a ele. Espalhavam-se substâncias aromáticas, cujo perfume anunciava a presença do divino. Carregavam-se vasos com os objetos do culto, portadores do próprio poder divino. Um arauto anunciava a presença do deus ou da deusa e convidava os assistentes a se prepararem para sua epifania. Os fiéis, participando da procissão, consideravam-se como que aprisionados, cativos da divindade.

Paulo compara a expansão do Evangelho pelo mundo a uma tal procissão. Todos os elementos indicados são aplicados à ação do Apóstolo na propagação do Evangelho. Paulo mesmo, em sua fraqueza e enfermidade, é a representação manifesta da vida de Jesus (cf. 4,10). Ele é o aroma que anuncia a presença de Deus em Cristo através da pregação do Evangelho (cf. 2,14s). É o vaso, onde está

B  
I  
B  
L  
I  
O  
T  
E  
C  
A

contido o conhecimento da glória de Deus em Cristo (cf. 4,7). É ainda o arauto que proclama a grandeza de Cristo (cf. 2,14 e 4,6), para cuja aceitação pede que se abram os corações (cf. 6,13 e 7,2). É, por fim, ele mesmo carregado nessa procissão como alguém a quem o amor de Cristo cativou, fez prisioneiro (cf. 2,14 e 5,14).

O curso triunfal do Evangelho é, pois, a própria atuação do Apóstolo que espalha por toda a parte o perfume do conhecimento de Deus na face do Cristo. Assim o próprio Paulo se torna o bom odor que anuncia a manifestação de Deus em Cristo e o torna presente.

Enquanto a metáfora vê na atividade missionária o espalhar do bom odor de Cristo, a dimensão de testemunho na propagação do Evangelho que no mistério pascal aparece em Pentecostes, fica bem expressa pelo gesto de ser perfumado. O Espírito é unção. Mais ainda: unção com óleo perfumado, pois, quando toma posse de nós, faz-nos arautos do Evangelho. Quem é marcado com o selo

do Espírito, agilizado por sua unção e perfumado por sua presença, espalha pela terra o aroma de suas boas obras e é, assim, para Deus, “sacrifício de odor agradável”.

\* \* \*

Estas considerações mostram a riqueza de conteúdo sugerida pelos gestos simbólicos que se acumulam na expressão significativa da crisma. Como todo sacramento “causa o que significa”, a análise dos gestos crismais mostra o sentido da confirmação: abençoados (*imposição das mãos*) com a marca (*assinalação*) e a unção do Espírito para o testemunho (*óleo perfumado*). A marca, a unção, o perfume são o próprio Espírito do Ressuscitado agindo em nós, presente em nós como a grande bênção, a bênção por excelência. Os gestos crismais nos falam do Espírito, não como algo “representado” por eles, mas como símbolos que tornam presente a doação do próprio Espírito: os que são ungidos *exteriormente*, recebem a unção *interior*, o Espírito (cf. 1 Jo 2,20 e 27)<sup>15</sup>.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Dentro da dinâmica do sacramento da crisma, que significa “ser assinalado com o Espírito Santo, o Dom de Deus”? Como você e sua comunidade podem ajudar outras pessoas a captar melhor esta realidade da vida Cristã?
2. Qual é o significado profundo do gesto da imposição das mãos e quais as conseqüências deste gesto para os cristãos e cristãs, no seguimento de Jesus?
3. Partilhe com sua comunidade o sentido dos gestos da assinalação e da unção.
4. O Espírito, perfume para o testemunho Cristão. Depois da leitura orante deste item do artigo procure expressar a sua própria experiência de Cristão assinalado pela Crisma com este perfume.

15 “Recebam a unção *interior*, os que forem ungidos *exteriormente*”. Assim diz a prece da consagração do óleo do crisma no texto latino: “qui vero exterius inde peruncti fuerint, liniantur interius”. A tradução brasileira oficial soa: “que recebam uma unção interior, [...] os que forem ungidos em suas fronteiras”. Perde-se com isso a tensão explícita do texto latino entre “unção interior” (o Espírito) e “unção exterior” (o gesto do bispo feito com o óleo do crisma).

# O ESPÍRITO SANTO, RAZÃO DE VIDA E DE ESPERANÇA PARA TODOS!

Pe. José de Anchieta Lima Costa, SJ

É missão do Paráclito abrir sempre mais a nossa mente e o nosso coração para perceber a presença de Deus em nossa vida e nas pessoas de nossos tempos.

## INTRODUÇÃO

O título desta nossa palestra é “O Espírito Santo, razão de vida e de esperança para todos”. Que nos sugere este título? Que conteúdo ele nos indica?

Antes de mais nada, este título está nos apontando para algo que é fundamental para a existência humana; está nos indicando alguma coisa sem qual a vida humana perde o seu sentido e a sua razão de ser, pois estamos querendo tocar no que é determinante para a vida.

À primeira vista pode parecer “estranho” que um tema como este, tão relacionado e determinado pela fé cristã, se apresente com a ousada pretensão de atingir e de compreender a realidade humana da vida e do seu sentido último, a partir de Alguém que não se vê e que, muitas vezes, escapa aos horizontes de nossa compreensão por não aparecer nem se enquadrar nas concepções que hoje se tem da vida e que tentam alimentar os anseios e as esperanças da humanidade. Mas “o Espírito sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde vem, nem para onde vai” (Jo 3,8).

Por que o Espírito Santo é “razão de vida”? A que vida nos referimos? Por que o Espírito Santo é a “razão da esperança”? Para qual esperança nos abrimos?

Em meio a tantas outras “razões” que são encontradas e propagadas como o sentido da vida e da esperança, nós, cristãos, nos apresentamos ao mundo com uma proposta simples, humilde, porém muito eficaz e profunda: *a proposta da acolhida livre e gratuita do Dom de Deus que se nos oferece como fonte de uma vida a ser vivida na mesma gratuidade do Dom recebido que alimenta a esperança de “renovação da face da terra” pela revitalização e transformação das relações sociais humanas.* Na realidade, a proposta que somos chamados a fazer, a anunciar e a viver no mundo é uma proposta que surge das relações que todos podemos estabelecer com Deus através do Seu Espírito que fundamenta e dá solidez a todas as outras relações que mantemos em nossa vida.

Mas esta proposta de relação e diálogo com Deus, feita a todos e a cada um em particular, através do Seu Espírito, não é algo simplesmente espontâneo ou “sem causa”, isto é, sem preparação ou disposição da nossa parte. Por ser dialógica a relação com Deus, esta só se dá pela participação e interação entre pessoas e liberdades. Toda e qualquer comunicação supõe a presença e atuação de pessoas que agem e interagem numa relação de reciprocidade baseada nas experiências vividas e acumuladas ao longo da vida de cada um. Neste sentido, poderíamos até dizer que a nossa história é a história que cada um de

nós faz através da comunicação: da abertura ou fechamento, da acolhida ou rejeição do outro ou da outra. Da nossa comunicação depende a nossa vida. Da nossa capacidade comunicativa depende as relações que nós estabelecemos com Deus, com os outros, com o mundo exterior e interior a nós. Somos, de fato, seres de comunicação, da comunicação e para a comunicação. Numa única expressão, podemos dizer que somos: "Homo Communicans". Por que somos assim? Por que Deus nos criou assim, "à sua imagem e semelhança" e nos "criou homem e mulher", como nos diz o Livro do Gênesis (Gn 1, 27). Ser criado segundo a "imagem e semelhança" de Deus é ser criado segundo aquilo que Deus é em si mesmo, comunhão e relação entre pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo; e segundo aquilo que Deus é para nós: amor, doação e entrega de si. Assim, quando Deus cria Adão e Eva, o homem e a mulher, não cria simplesmente uma natureza entre outras, nem cria uma coisa entre outras, mas cria um "tu" e com o qual estabelece uma relação comunicativa. Só o ser humano é capaz de uma relação pessoal e única com Deus. Por isso podemos dizer que a pessoa humana é o "tu" de Deus e, por isso, Deus a chama pelo nome (Is 42,6), colocando-a diante de si como um ser responsável, isto é, um ser capaz de dar respostas, constituindo-o sujeito e interlocutor de um diálogo interpessoal. Assim, Deus cria não um fantoche ou uma marionete a quem pode manipular como se fosse um simples objeto produzido pela sua vontade criadora. Deus cria um ser que lhe é correspondente, capaz de responder ao "tu" divino, porque é uma pessoa.

O conceito de pessoa, o ser humano dotado não apenas de consciência e liberdade, mas também dotado de uma dignidade inviolável e de uma identidade intransferível, é irrenunciável não só para a Antropologia Cristã, mas também para toda e qualquer visão humanista da pessoa. Tentar negar a dignidade de toda pessoa, em qualquer situação em que ela se encontre, é querer proclamar a morte do humano e, con-

seqüentemente, proclamar a morte de Deus. E se Deus está morto, a sua única imagem legítima, que é a pessoa humana, fica sem aquela referência última que lhe dá o ser e a sua consistência; não tem mais aquele respaldo onde se apoiar e se fortalecer, servindo de brinquedo e ficando sujeita à manipulação e dominação dos mais fortes e poderosos que poderão se arvorar de um poder capaz de destruir e matar a vida segundo seus interesses egoístas e demolidores.

Portanto, para garantir a preservação da pessoa humana e de sua dignidade faz-se necessário afirmar a presença do divino no humano, possibilitada e plenificada pela Encarnação do Filho de Deus. Caso contrário, daremos como certa a relação de "causa e efeito" entre a "morte de Deus – morte do homem". Aqui, então, se justifica a importância do título e do conteúdo de nossa palestra: O Espírito Santo, ou seja, a presença atuante e vivificante de Deus na pessoa humana é a razão de vida e de esperança para todos.

O nosso trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, **Deus se comunica**, trataremos de colocar as bases e analisar os pressupostos da comunicação de Deus com a pessoa humana. Na segunda parte, vamos ver que a **Comunicação de Deus, pela ação do Espírito Santo, é Dom, é Graça** para nós. Na terceira parte, chegaremos à conclusão de que a **Comunicação de Deus, pela ação do Espírito Santo, é motivo de esperança de renovação da vida humana**.

## 1. DEUS SE COMUNICA.

É um dado fundante e fundamental de nossa fé que Deus, pela sua bondade e liberdade, se **auto-comunica**, revela quem ele é e manifesta o seu plano de Amor dialogando com os seus filhos e filhas. A Carta aos Hebreus nos atesta esta disponibilidade de Deus em se relacionar com a pessoa humana: "Muitas vezes e de diversos modos falou Deus aos antepassados por meio dos Profetas. No

período final em que estamos, falou a nós por meio do Filho” (Hb 1,1-4). Assim, o dado originário e originante da experiência cristã é a **Revelação de Deus em seu filho Jesus Cristo**. É, portanto, central para a experiência cristã o fato indiscutível de que Deus, ao longo da história da humanidade, se comunicou e ainda se comunica com a pessoa humana, preparando-a sempre mais e melhor para a vivência de uma relação baseada na comunhão e na amizade com Ele.

Como a comunicação de Deus pertence ao âmbito da liberdade, da gratuidade e do dom, então faz-se necessário que analisemos não só as condições de possibilidade da acolhida deste dom de Deus por parte da pessoa humana, mas também a maneira própria de Deus de se comunicar.

### 1.1. A comunicação de DEUS com a pessoa humana: pressupostos antropológicos e teológicos.

Embora toda relação comece com Deus — é Deus que primeiro vem ao nosso encontro —, por ele seja **possibilitada e sustentada** — é Deus que dá condições de nos abriremos a Ele e com Ele estabelecermos um diálogo — e nele atinja a sua **meta** — é para Deus que fomos criados — não podemos esquecer que isso não significa que a iniciativa divina dispense a participação livre e responsável da pessoa com a qual Deus está se relacionando. Na sua relação com o humano, Deus nada nos impõe, apenas nos propõe, respeitando sempre a nossa liberdade criada e doada por Ele. Mesmo que seja indiscutível a afirmação da prioridade da ação divina, isto não traz consigo a anulação, nem supõe a inexistência da resposta livre da pessoa. Como dizia Santo Tomás, “Deus não força a vontade, mas a transforma”. Portanto, na relação que se tem com Deus está sempre suposta ou entendida a participação livre e consciente da pessoa humana que é chamada a estabelecer com Ele um diálogo amoroso.

Mas não basta apenas dispor da liberdade quando se trata de compreender a relação

que a pessoa humana estabelece com Deus através da comunicação e do diálogo. É necessário também que se leve em consideração a condição histórica e cultural da pessoa, pois Deus nos criou livres dentro de uma história, pertencendo a um determinado povo que apresenta uma determinada cultura que foi se fazendo ao longo do tempo pela atuação criativa da liberdade. Estamos nos referindo àquilo que podemos chamar de “contexto vital” da pessoa humana, ou seja, tudo aquilo que a circunda, condiciona ou determina a sua maneira de pensar e de agir dentro das suas circunstâncias existenciais. Daí a importância de discorrermos um pouco sobre o caráter histórico da condição humana.

#### 1.1.1. A historicidade da pessoa humana.

A condição histórica da pessoa humana advém do simples fato de que todo ser humano nasce e cresce num tempo e num espaço bem concretos e definidos. O tempo cronológico e o espaço físico são dois elementos que ajudam a não só compreender mas também a determinar a condição terrestre da pessoa humana e as suas condições reais de existência. É a Bíblia que irá nos ajudar a perceber melhor o caráter histórico, transitório, limitado e condicionado da pessoa humana.

O relato da criação do homem e da mulher que a Bíblia nos apresenta nos primeiros capítulos do livro do Gênesis deixa transparecer muito bem essa condição terrena da pessoa humana: “Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo” (Gn 2,7 a.). Esta sua condição terrena, que vem do fato de ter sido modelado da argila, é tão importante para a Bíblia ao ponto de ser confirmada e atestada em outras passagens da Sagrada Escritura: “todos vêm do pó e voltam para o pó” (Eclo 3,20); Javé “sabe de que fomos feitos, ele se lembra do pó que somos nós” (Sl 103,14); “se retiras deles a respiração e expiram, voltam a ser pó” (Sl 104,29); “Tu reduces o homem ao pó, dizendo: ‘voltem filhos de Adão’ ” (Sl 90,3).

O forte antropomorfismo de um Deus oleiro, modelando do barro (ou do pó) uma figura humana, que aparece na linguagem javista da criação do homem, serve para colocar em evidência não só a proximidade de Deus em relação ao homem, mas também serve para dizer que o homem recebe de Deus sua existência e vitalidade. Assim, avançando um pouco mais na leitura do relato da criação que faz o javista, vamos encontrar um Deus que não só modela o homem com a argila do solo, mas também sopra-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem torna-se assim um "ser vivente" (Gn 2,7 b). Modelar o homem do barro (é interessante notar que o barro forma o homem, não o corpo do homem) e soprar em suas narinas (o sopro não é a alma do homem, mas a sua própria vitalidade, o seu alento), constituem os dois momentos de uma única ação criadora de Deus, cujo resultado é "um ser vivente", como diz a Bíblia.

A concepção bíblica do homem como "ser vivente" ressalta o caráter unitário que tem a compreensão hebraica da pessoa humana: a pessoa humana não é um composto de alma e corpo, mas é uma unidade indivisível de corpo vitalizado pelo espírito ou, se quisermos, a pessoa humana é espírito encarnado chamada a viver numa relação de intimidade e amizade com o seu Criador.

Enquanto "ser vivente", a pessoa humana é constitutivamente **mundana**, porque o mundo é a sua casa, e **temporal**, porque está situada num tempo que cria a história que vai se fazendo pelo seu modo de ser e de agir no mundo. Por isso, o homem ("Adam") deve trabalhar a terra ("Adamah") com a qual estabelece uma dupla relação de origem e de destino, pois foi da terra que ele saiu e é para a terra que há de voltar. Assim, pelo seu trabalho, o ser humano não só está vinculado à terra, mas dela tira o seu sustento, dela depende a sua sobrevivência e, por isso, deve cultivá-la e conservá-la (Gn 2,5.15).

Mas não só o mundo, a terra, o espaço físico constituem, formam ou condicionam o

ser da pessoa. Também o tempo está profundamente ligado à condição humana, pois só podemos nos conhecer e compreender no decorrer de uma história que vai se desenvolvendo com o passar do tempo. O nosso tempo não é só cíclico, como o das estações do ano, mas é um tempo que tem a sua finalidade. Por isso, o tempo tem seu início e está orientado para um fim, o fim para o qual fomos criados por Deus. Na realidade, o tempo para cada um de nós é a história de nossa vida situada neste mundo com tudo aquilo que somos e fomos chamados a ser por Deus. O tempo para nós é história e a história é história de Salvação porque marcada pela presença atuante de Deus.

Assim sendo, a historicidade da condição humana não é uma realidade fechada em si mesma, sem perspectivas e sem horizontes. Porque marcada pelo Amor de Deus, a pessoa humana é destinada a viver a sua íntima união com Deus através do crescimento e amadurecimento de uma relação que vai se desenvolvendo no tempo pelo **serviço** (que se expressa no trabalho) e pela **adoração** (que se expressa no reconhecimento da limitação da condição humana frente ao seu Criador).

Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, diz nos seus Exercícios Espirituais que a pessoa humana foi criada para adorar e servir a Deus nosso Senhor. **Adorar** e **servir** são dois aspectos fundamentais e complementários da vocação e do destino humano. Adorar seria o modo de referir-se ou de relacionar-se com Deus que está no céu. É a afirmação de sua transcendência e santidade. Servir seria o modo de referir-se ou de relacionar-se com esse mesmo Deus que está na terra. É a afirmação de sua imanência e de seu amor para conosco. A adoração impede que, ao servir, cometamos o equívoco de auto-idolatrarmos, buscando a nós mesmos e aos nossos interesses egoístas e mesquinhos; o serviço impede que adoremos a Deus apenas nos santuários e nos faz adorá-lo na história, na atualidade de nossa existência, sem desviar do caminho onde se encontra aquele

próximo da parábola que está ferido na estrada (Lc 10, 29-37).

## 2. A COMUNICAÇÃO DE DEUS, PELA AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, É DOM, É GRAÇA.

Vimos anteriormente que é próprio de Deus se comunicar porque a sua realidade mais profunda, a sua essência, é a comunhão, é a relação entre Pessoas fundamentada no amor. Se existe alguma definição de Deus, esta é a que nos dá a Sagrada Escritura: "Deus é Amor", como nos diz São João. Se Deus é amor, nós só podemos nos comunicar com Deus no amor e pelo amor. E o amor só pode ser compreendido no âmbito da experiência da graça e do gratuito, esta experiência que nos faz afirmar e reconhecer que "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pela ação do Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). Pela ação do Espírito Santo em nós é que nós podemos nos comunicar com Deus no Amor. E isso, portanto, é graça. Não é mérito da pessoa, nem depende de seus esforços. É pura graça de Deus a manifestação do seu amor por nós e para nós. Mas, o que vem a ser a Graça?

### 2.1. A graça de DEUS é DEUS mesmo.

Graça significa, na realidade, aquilo que os teólogos acostumaram chamar de "graça incriada", ou seja, o Espírito de Deus presente e atuante em nosso coração, em nossa vida.

A graça é esta capacidade única que só Deus tem de atuar em nós desde o mais profundo do nosso ser, possibilitando assim a nossa liberdade de estabelecer com Ele um diálogo salvífico e libertador. Assim sendo, a graça não é uma "coisa" que se recebe ou "algo" que se obtém de uma relação com Deus. Também não é uma "ajuda" divina que vem de fora e que é dada como oportunidade para a pessoa se salvar, causando-lhe assim uma "modificação acidental" em sua

vida. A graça é a relação que se dá, à maneira de um encontro e de um intercâmbio vital, entre pessoas: o Espírito de Deus e o ser humano. Graça quer dizer que o nosso Deus é "Emanuel", que Ele está conosco e vem até nós e, por isso, nós podemos ir até Ele sem medo, porque não existe abismo nem fronteira entre o divino e o humano. Deus sempre quis e sempre quer estar próximo da sua criatura. E o querer de Deus é livre, por isso Ele não tem obrigação de nos tratar assim, nem nós temos o direito de assim ser tratados por Deus. Isto acontece gratuitamente...

Se a graça de Deus não é outra coisa senão Ele mesmo, então, como pode Deus se oferecer a nós pela ação do Seu Espírito?

Alguns trechos da Sagrada Escritura nos ajudam a compreender a maneira de como Deus se oferece a nós. São João nos diz que "Deus amou de tal forma o mundo que deu o seu único Filho" (Jo 3,16). Paulo, convicto de que nada pode se opor ao plano de Deus e a tudo aquilo que Deus já realizou em nós e por nós, nos diz firmemente que, "Se Deus está a nosso favor, quem estará contra nós? Ele não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós" (Rm 8,31-32).

É assim a maneira de Deus se oferecer a cada um de nós: dando-nos o Filho. E, por sua vez, a maneira do Filho se oferecer a nós como a Graça do Pai é entregando-se a nós, "pois o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e dar a sua vida como resgate em favor de muitos" (Mt 20,28). A entrega do Filho a nós se faz pelo exercício de sua condição de Servo, de Alguém que veio cumprir a vontade do Pai de passar toda sua vida fazendo o bem (At 10,38), culminando esta sua entrega na morte de cruz. Desde a cruz de Jesus, segundo o Evangelho de João, é que nós devemos compreender o alcance da sua entrega total e plena que acontece mediante a efusão do Espírito. Para João, Pentecostes é um evento eminentemente pascal, pois está profundamente vin-

culado à cruz de Jesus. Ligando a efusão do Espírito ao sacrifício da cruz, Jesus está desautorizando toda uma vivência ou uma espiritualidade desencarnada da vida que não supõe a decisão de assumir a cruz e carregá-la. Fazer a experiência do Espírito de Deus agindo em nós é fazer a experiência do seguimento de Jesus que passou a sua vida fazendo o bem, assumindo e carregando a sua cruz. "Quem quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8, 34). Mas este Espírito, que procede do Pai e do Filho, e pelo qual podemos nos dirigir a Deus da mesma maneira familiar e íntima com a qual Jesus se dirigia a Ele chamando-o "Abbá", Papaizinho (Rm 8,5), vem nos confortar e nos encorajar na missão de carregarmos dignamente a nossa cruz.

Para Lucas, é na condição de exaltado junto do Pai que Jesus derrama o Espírito (At 2,33) e inaugura para nós, com o evento de Pentecostes, os tempos escatológicos (At 2, 17-20). Daí por diante, a comunidade dos discípulos de Jesus irá entender a si mesma como o povo escatológico de Deus, o Novo Israel de Deus conduzido pelo Espírito Santo e por seus dons.

Assim sendo, aquilo que Deus doa nada mais é que Ele mesmo. Como diria um dos grandes teólogos deste nosso século, K. Rahner: "*O Doador e o Dom são idênticos*", pois Deus não quer dar algo diferente de si mesmo, mas quer doar a si mesmo como Dom. É justamente este Dom que permite a cada um de nós participar da vida de Deus. E esta participação na vida divina acontece por pura graça, pois supera a nossa capacidade de, por nós mesmos, entrarmos em "sintonia" ou em comunhão com Deus.

A oferta de si mesmo do Pai no Filho e a entrega do Filho a nós pelo Espírito nos leva a realizar o que há de mais importante em nossa vida: a humanização de nossa pessoa. Por isso, nada mais justo do que considerarmos a Graça de Deus como humanização da pessoa.

## 2.2. A graça de DEUS como humanização da pessoa.

A questão da humanização da pessoa é um tema que, fundamentalmente, está relacionado com a questão da divinização do ser humano que brota do seu relacionamento com Deus.

Desde os seus inícios, a teologia cristã, principalmente a de tradição ortodoxa oriental, demonstrou grande interesse pelo processo de divinização do ser humano através da reflexão sobre a "inabitação" do Espírito Santo em cada pessoa que, estando sob o dinamismo da presença de Deus, a Ele responde, de uma ou de outra maneira, pela fé, pela esperança e pelo amor.

O Espírito Santo, que foi derramado em nossos corações como dom, tem uma missão a realizar: a nossa humanização. Por iniciativa e graça do Pai, Ele quer que a humanidade se renove e atinja a meta de sua "potenciação para o divino". Esta vocação de todo ser humano deriva da realidade cristológica: Jesus, em sua divindade, é a realização plena daquilo que somos chamados a ser desde o mais profundo de nós mesmos: resplandecer Deus em nossa humanidade. Ou, como dizia São Leão Magno: "É esta a dignidade congênita do ser humano: que resplandeça em nós, como numa espécie de espelho, a bondade de Deus".

Na linguagem de Paulo, só existe um único caminho que possibilita a realização desta vocação divina que humaniza verdadeiramente o ser humano: viver segundo o Espírito e revestir-se do Homem Novo. A vida segundo o Espírito da qual nos fala Paulo na sua carta aos Gálatas (Gl 5,13ss) é aquela vida humana que se deixa conduzir livremente pelo Espírito de Deus. E "todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8,14). Uma vida humana guiada pelo Espírito cria, assim, um novo tipo de relacionamento entre os homens e as mulheres consigo mesmos e com Deus, pois todos fazem parte da família de Deus. Aqui está a base, o princípio e fundamento para se restabelecer as relações sociais que estão ferindo e, até mesmo, negando a paternidade de Deus pela prática

da exclusão de tantos irmãos e irmãs dos bens que toda a sociedade produz: trabalho, saúde, educação, moradia....

O “revestir-se do Homem Novo” do qual nos fala Paulo na sua carta aos Colossenses (Cl 3,9-10) é deixar de compactuar, ativa ou passivamente, com a situação que desumaniza a pessoa (o homem velho) e passar a pertencer à nova humanidade (o homem novo) que é a criação realizada em Cristo, o Novo Adão, imagem de Deus.

É interessante notar que, para Paulo, tanto a “vida segundo o Espírito” quanto o “revestir-se do Homem Novo” são realidades que incluem em si mesmas uma renovação interior que se exterioriza numa vida nova voltada para o serviço da reconciliação (Cl 3,12-13) e a vivência do amor fraterno pela prática da caridade (Gl 5,14) “que é o vínculo da perfeição” (Cl 3,14) humana, a qual somos chamados a desenvolver pelas nossas práticas humanizadoras das relações sociais. E isto é possível graças ao Homem Novo, Jesus Cristo Ressuscitado que, pela sua ressurreição, o Pai realizou uma nova criação, pois nele e por ele todas as coisas renascem.

Portanto, ser profundamente humano ou agir com humanidade, ou seja, procurar construir a fraternidade pela prática da justiça e pela solidariedade, é o empenho e a realização máxima que se pode buscar quando se deseja cumprir os desígnios de Deus na vida, deixando-se guiar pelo Espírito Santo, colaborando na construção do Seu Reino que é esperança de vida para todos. Esta esperança de vida nova para todos não é algo que está distante de nós, fora do nosso alcance, mas já é experimentada, como realização, pelos frutos da presença do Espírito em nós: o amor, a alegria, a paz, a bondade, a fidelidade que somos capazes de viver e de transmitir uns aos outros (Gl 5,22). Por isso, como dizia o Papa João Paulo II na sua Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações deste ano: “A esperança escatológica, que habita o coração dos cristãos, está profundamente ligada à felici-

dade e à realização nesta vida. A esperança do céu suscita uma preocupação autêntica pelo bem-estar dos homens e das mulheres aqui e agora. ‘Se alguém diz: Eu amo a Deus, e no entanto odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê’ (1Jo 4,20)”. Não podemos desanimar, mesmo que diante de nossos olhos o mundo se nos apresente como uma realidade desastrosa e quase sem perspectivas de saída. Mas há sinais de esperança no mundo porque, como também nos diz o Papa na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano, “o Espírito Santo está presente no serviço desinteressado de quem trabalha junto aos marginalizados, de quem acolhe os imigrantes e refugiados, de quem corajosamente se recusa a rejeitar uma pessoa ou um grupo social por motivos étnicos, culturais e religiosos. O Espírito Santo está presente, de um modo especial, na ação generosa daqueles que, com paciência e constância, continuam a promover a paz entre os que se consideram adversários e inimigos”.

Assim, a esperança que temos não é vaga nem é algo que já possuímos só pela fé, mas também por aquilo que somos capazes de realizar com os nossos dons e carismas que ficam submetidos à prática da caridade, o maior e o mais importante de todos os dons (1Cor 13,13).

Agora podemos passar para a terceira parte da nossa palestra que tratará da:

### 3. A COMUNICAÇÃO DE DEUS, PELA AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, É ESPERANÇA DE RENOVAÇÃO DA VIDA HUMANA.

Vimos até aqui que a comunicação ou a relação de Deus com a pessoa humana é um acontecimento sempre atual que se realiza pela iniciativa divina e é possibilitada pela

descida da Palavra de Deus humanizada em Jesus de Nazaré com a finalidade de atrair as pessoas para o Pai no Espírito Santo. Vimos também que esta comunicação com Deus não está separada da experiência de fé da pessoa que acolhe a iniciativa divina e a exprime por uma linguagem que vem condicionada pela história e pelo contexto vital em que se encontra a pessoa. Agora vamos dar um passo mais à frente, tentando aprofundar um pouco mais outros aspectos fundamentais da existência humana que entram em jogo na relação que se estabelece com Deus e que ajudam a determinar o agir da pessoa quando acolhe ou não a graça divina em sua vida. Por isso, é de fundamental importância que levemos em consideração a questão da relação existente entre graça de Deus e liberdade humana.

### 3.1. Graça de Deus e liberdade humana.

O fato da pessoa humana ter sido criada em Cristo e, portanto, estar constituída interlocutora de Deus e destinatária do Seu Reino, leva-nos a considerar de que maneira esta realidade afeta verdadeiramente a pessoa humana. Formulando esta consideração de uma maneira bem mais simples, poderíamos dizer que a questão que agora colocamos é: como podemos entender a relação de Deus com a pessoa humana, respeitando e mantendo as respectivas autonomias: de Deus e do ser humano? Em outras palavras: aceitando a soberania absoluta de Deus não anulamos ou diminuímos a grandeza humana e assim proclamamos a sua incapacidade de conduzir o seu próprio destino? Afinal de contas, a história que está aí diante de nossos olhos é somente obra dos homens e das mulheres ou é também história da salvação, isto é, história de Deus na história dos homens? Da resposta que se der a estas perguntas é que irá depender todo significado e sentido da vida cristã.

Vimos que o ser humano criado por Deus está permanentemente diante do seu Criador como pessoa, ou seja, como sujeito responsável, capaz de escutar a Deus e a Ele dar

uma resposta. Qualquer que seja a relação, Deus respeita a pessoa tal como Ele mesmo a criou: Deus nos fez homens e mulheres, dotados de consciência e liberdade, dentro de uma história e de uma cultura determinada. Esta é a estrutura básica da condição humana da qual ninguém escapa.

A idéia de uma soberania ou poder de Deus Criador que exclui ou rejeita esta condição estrutural do ser humano, não só é contrária à experiência bíblica de Deus, mas também descarta qualquer possibilidade de conceber a salvação de Deus atingindo a nossa própria natureza. A graça de Deus não suprime a natureza humana, mas motiva a sua ação e a aperfeiçoa, isto é, a coloca na dinâmica do chamado à perfeição que nos faz Jesus: "Sede perfeitos como o Vosso Pai Celestial é perfeito" (Mt 5,48). Em termos clássicos, podemos dizer que a graça, para poder agir com eficácia, supõe a natureza, isto é, supõe o exercício das nossas condições de liberdade.

A graça de Deus ou Deus mesmo age sempre respeitando a nossa natureza que é tudo aquilo que nos é dado de antemão (família, país, estado, cultura...) e que foi e que é trabalhado ao longo dos anos de nossa existência. A nossa natureza é a situação na qual se encontra a nossa liberdade, todo este mundo subjetivo condicionado pelo cultural, emocional, familiar, inconsciente. Toda essa realidade não só condiciona a pessoa, mas também **possibilita a atuação da liberdade**. Os condicionamentos não representam apenas situações que limitam o uso da liberdade, mas também são meios ou disposições que ajudam ao seu exercício. Assim sendo, a minha liberdade é uma liberdade encarnada, situada, e é através dela que capto o apelo de Deus para agir. E porque é uma liberdade encarnada numa realidade concreta limitada, por isso está sujeita a erros e a equívocos, que podem nos levar a cometer pecados.

Neste sentido, nós experimentamos em nossa vida o aspecto paradoxal da nossa liberdade. Se, por um lado, somos inclinados e

atraídos para o bem, para o amor, por outro lado experimentamos os condicionamentos que nos dificultam ou impedem de realizar este amor com eficácia em nossa vida. Daí a necessidade de assumirmos uma atitude vigilante através daquelas práticas que nos ajudam a reforçar as nossas opções a favor da vida, afastando-nos cada vez mais daquela situação existencial do nosso agir descrita por Paulo: “não faço o bem que quero, mas o mal que não quero”.

Mas pelo fato de nossa liberdade ter sido criada em Cristo, estamos, assim, permanentemente sob o dinamismo do Amor de Deus que nos chama ao diálogo e à conversão, à mudança de atitudes que possam gerar situações novas e abertas ao futuro da vida humana. Contando com a presença atuante do “Espírito que vem em socorro de nossa fraqueza” (Rm 8,26), podemos responder ao chamado de Deus. E a resposta, quando afirmativa, é fruto deste Amor que chama, pois é este Amor o único capaz de humanizar pela sua ação divina, pois quando somos tocados e transformados pelo Amor e no amor, aí, então, atingimos a nossa plenitude.

Assim, a presença de Deus que nos interpela (a graça) não se apresenta a nós como uma força que coage ou que se impõe pela poder do seu querer arbitrário, mas, como diz um teólogo do nosso tempo, Deus se manifesta como o “pólo de atração e fascinação: vou para Deus não arrastado, mas atraído por seu amor (Jo 6,44)”.

De fato, a categoria antropológica do amor, própria das relações interpessoais, é aquela que melhor se adapta à compreensão da relação entre ação de Deus e ação humana ou graça de Deus e liberdade humana.

Um dos aspectos do dinamismo do amor que poderá ajudar a entender como Deus pode influir sobre a vontade humana sem fazer violência nem humilhar é a experiência da sedução. Seduzir, etimologicamente, vem de “se-ducere” que significa “conduzir para o outro lado”. Em nosso caso, que estamos

tratando de relações interpessoais, significa “conduzir consigo”. Quando alguém seduz, “traz consigo” o outro e o conduz para onde ele quer porque o outro se deixou seduzir, “permitiu” ser seduzido. Tanto o ato de seduzir quanto o fato de ficar seduzido são ações livres e gratuitas, resultado de uma atração. Por isso, sedução é também sinônimo de atração ou fascínio que alguém exerce sobre outro: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir” (Jr 20,7), expressava o profeta Jeremias a sua experiência de relacionamento pessoal com Deus pela forte atração que Javé exercia sobre ele.

Analogamente, e mantendo as devidas diferenças, é assim que acontece quando qualquer pessoa faz a sua experiência de Deus. É a presença atuante de Deus em minha vida (a graça) que livremente me atrai e me fascina, fazendo-me voltar para Ele oferecendo-lhe a minha resposta. A resposta é toda minha, porque sou eu que livremente respondo a Deus. Mas é também “toda” de Deus, porque esta minha resposta é por Ele movida e possibilitada.

Portanto, não há nem pode haver contradição ou concorrência entre a graça de Deus e a liberdade humana, pois “onde está o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (1Cor 3,17). A verdadeira liberdade é aquela que se sente atraída e movida para atuar na realização do Reino de Deus. Livre é a pessoa que se sente fascinada pela proposta de Deus em Jesus de participar e continuar a sua missão de ser a transparência dele para os outros na luta por uma sociedade justa e fraterna. Enfim, buscar e viver a verdadeira liberdade é procurar seguir os passos de Jesus de Nazaré, homem livre porque voltado para Deus e voltado para o serviço dos outros.

E assim chegamos à parte final do nosso tema e passaremos a apresentar aquilo que mais caracteriza e especifica a ação do Espírito Santo em nós: fazer “gerar” e formar as atitudes de Jesus Cristo no nosso modo de proceder.

### 3.2. A atuação do Espírito Santo na formação das atitudes de Jesus Cristo em nós ou a experiência cristã do Espírito Santo como solidariedade e compaixão.

O Novo Testamento nos apresenta uma das características fundamentais da Pessoa do Espírito Santo que é a de ser “memória” da prática e da mensagem de Jesus. É São João que nos diz isso explicitamente: “O Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse” (Jo 14, 26). Sendo Espírito da verdade, Ele dará testemunho de Jesus (Jo 15,26-27) e conduzirá os discípulos à plenitude da verdade entregando o que é de Jesus para eles (Jo 16,13-15).

Portanto, entre Jesus e os discípulos há uma comunhão de bens e de dons que se realiza pela ação do Espírito Santo. É o Espírito que nos faz viver fielmente e filialmente no seguimento de Jesus impedindo que esqueçamos a simplicidade do relacionamento com o Pai, a humildade do serviço fraterno, a coragem profética de denunciar as injustiças e as discriminações e proclamar a paternidade de Deus em relação a todas as pessoas. Por isso, o Espírito Santo é apresentado por Jesus como um “Outro” Paráclito (advogado, protetor), pois o primeiro é Jesus.

Este dom do Espírito Santo Paráclito para os discípulos de Jesus é estável, pois é um dom que é dado para sempre. Uma vez que Jesus deixou o convívio com os seus discípulos para ir para junto do Pai, o Espírito Santo Paráclito é prometido como Aquele que estará sempre com eles (Jo 14,16), pois Ele também tem a missão de conduzir os discípulos de Jesus a uma compreensão sempre mais profunda da revelação do Pai acontecida no mistério da vida, morte e ressurreição do Filho Jesus. Embora a revelação cristã se encontre completa e tenha atingido a sua plenitude nas palavras e nas ações de Jesus de Nazaré, na sua pessoa, na sua vida,

morte e ressurreição, ela não se encontra plenamente explicitada em toda a sua riqueza e profundidade. É missão do Paráclito abrir sempre mais a nossa mente e o nosso coração de discípulos para perceber a presença de Deus em nossa vida e ouvir a sua voz nos anseios e necessidades dos homens e mulheres do nosso tempo, principalmente dos excluídos da sociedade, tal com fez Jesus na sociedade de seu tempo.

Os pobres, os doentes, os pequeninos são os indefesos de ontem e de hoje, os que não têm advogado, os que precisam da coragem dos discípulos de Jesus para ajudá-los a defender a causa de suas vidas. Na Tradição da Igreja, o Espírito Santo é conhecido como o “*Pater pauperum*”, o Pai dos pobres, aquele que os mantém firme na dor, resistentes na coragem e criativos nas provações, abrindo para eles novos caminhos de comunhão e de participação nos bens da vida.

Nesse sentido, o Espírito Santo é **princípio criador de comunhão**. Por isso que os discípulos de Jesus, pela ação do Paráclito neles, irão reintegrar os pobres e marginalizados na vida eclesial e social através de gestos concretos de amor e partilha (At 2, 42-47; 4, 32-35), infundindo neles os mesmos sentimentos de compaixão e solidariedade que Jesus tinha ao se encontrar com os doentes, com os pecadores, com as prostitutas e os pobres. Pela prática da compaixão e pela solidariedade, gestos e atitudes tão presentes na prática de Jesus, o Espírito Santo faz “gerar e formar Cristo em nós”.

Assim sendo, o Espírito Santo Paráclito em nós não ama simplesmente e isoladamente a Deus a quem chamamos de Pai, mas ama também, de uma maneira indivisível, como único mandamento, os homens e as mulheres que vêm a este mundo e com os quais nos encontramos pelos caminhos da vida. Por isso e para isso somos conduzidos por Deus através de sua graça: não simplesmente para amá-lo, mas para que Ele possa amar a todos através de nossos gestos e de nossas ações.

Para concluir esta minha exposição, gostaria de terminar fazendo uma citação de um grande pensador cristão da antigüidade a quem já me referi nesta palestra, São Leão Magno, que nos diz o seguinte: *“Esta é a dignidade congênita do gênero humano: que resplandeça em nós, como numa espécie de espelho, a Bondade de Deus. Para isso, tudo o que se derrubou no primeiro homem, levanta o Salvador no Segundo Homem, e nos reconstrói cada dia. E a causa desta reconstrução não é senão a Misericórdia de Deus, a quem não amaria-*

*mos se Ele não nos tivesse amado primeiro. Amando-nos, Ele nos refaz de acordo com sua imagem para encontrar em nós a áurea de Sua Bondade. Nos dá, para que nós também façamos o que Ele tem feito em nós. Como? Acendendo as luzes de nossa mente e acalentando-nos com o fogo de Seu Amor faz com que amemos não simplesmente a Ele, mas tudo o que Ele ama”* (São Leão Magno, Sermão 12,1: PL 54, 168.169. Citado por J.I.González Faus em Proyecto de Hermano – Visión creyente del hombre, Sal Terrae, 1987, p. 731).

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

1. J.I. González Faus, *La Humanidad Nueva*, Sal Terrae, 1985.
2. \_\_\_\_\_, *Proyecto de Hermano, Visión creyente del hombre*, Sal Terrae, 1987.
3. Juan L. Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios, Antropologia Teológica Fundamental*, Sal Terrae, 1988.
4. \_\_\_\_\_, *Creación, Gracia, Salvación*, Sal Terrae, 1993.
5. Jürgen Moltmann, *Trinidad y Reino de Dios, La doctrina sobre Dios*, Salamanca, Sigueme, 1986.
6. John J. O'Donnell, *Il Mistero della Trinità*, Roma, Gregoriana-Piemme, 1989.
7. Mário França Miranda, *Libertados para a práxis da Justiça*, S. Paulo, Loyola, 1980.
8. Dicionário de Conceitos Fundamentais da Teologia, S. Paulo, Paulus, 1993.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Após uma leitura atenta do texto, procure refletir com sua Comunidade sobre o Espírito de Deus e o seu modo de agir em nós.
2. Temos consciência da gratuidade do Dom de Deus em nossas vidas? Estamos atentos à comunicação de Deus conosco de maneira participativa, livre e responsável?
3. Que devemos fazer para que o processo de humanização se realize em nós e a bondade de Deus se manifeste através de nossos atos?

# DESAFIOS DE UMA IGREJA PARTICIPATIVA

Rosinha Borges Dias

As novas relações entre clero e leigos se fundamentam na igualdade digna e na comunhão. Relações mais maduras, mais afetivas e de serviço fraterno.

Todos nós sonhamos com uma Igreja mais participativa, no sentido da comunhão profunda entre todos, leigos, clero e religiosos. Onde todos tenham consciência da pertença e da responsabilidade pela vida da Igreja e pela missão no mundo. Ansiamos por novas relações, sem distâncias entre padres e leigos, com mais acolhida, diálogo, fraternidade, parceria e co-responsabilidade. Não se aceita mais o raciocínio: “a Igreja aos padres, o mundo aos leigos”. Além do sonho, antes de tudo esta Igreja é necessária para cumprir o seu papel hoje. Foi fundada e formulada originalmente para ser assim. Por que será que não conseguimos ser uma comunidade de irmãos e irmãs, todos empenhados na mesma missão de testemunhar e mostrar a bondade do Pai misericordioso aos homens e mulheres de nosso tempo?

Apostamos nessa possibilidade para o novo milênio que se aproxima. Trabalhar na construção de uma Igreja participativa e de comunhão, a serviço da vida e da esperança no mundo é desafio e tarefa de todos nós. Desafio enorme pois a estrutura da Igreja não favorece a participação, pelo contrário cria obstáculos para ela.

O tema das relações internas da Igreja é delicado e ao mesmo tempo secundário. O mais importante é a missão conjunta dos cristãos

hoje: o serviço à vida e à esperança. O primordial é descobrirmos juntos, clero, leigos e religiosos, novas maneiras de sermos presença e testemunho cristão neste mundo contemporâneo tão desorientado e injusto. Buscar os caminhos de uma Igreja mais misericordiosa, acolhedora, profética e missionária vem antes da discussão da Igreja participativa. Entretanto, esta é uma discussão que precisa ser feita, para podermos avançar mais, buscando sempre a coerência com o projeto de Jesus

Colocada esta premissa, passamos ao tema propriamente dito. Não sou especialista no assunto e tenho sobre isso algumas leituras fragmentadas e a minha experiência de leiga ligada ao Projeto “Construir a Esperança” da Arquidiocese de Belo Horizonte. O tema é amplo. Procurarei abordá-lo de maneira modesta, dividindo-o em três tópicos. No primeiro, a colocação do problema do ponto de vista histórico e analítico: o progressivo distanciamento nas relações clero / leigo. No segundo são ressaltados alguns aspectos sobre a atual concepção de Igreja encontrados no novo documento de estudo da CNBB sobre os leigos. No terceiro são apontadas alguns anseios e propostas. Todo o texto se fundamenta em uma pequena Bibliografia<sup>1</sup>.

## 1. Nossas principais fontes bibliográficas são:

1. CNBB – *Missão e Ministérios dos Leigos e Leigas Cristãos: O serviço à vida e à esperança* – Estudos 77 – São Paulo: Paulus, 1998.
2. CNBB – *Missão e Ministérios dos Leigos na perspectiva do Novo Milênio* –: documento de estudo para a 36ª Assembléia Geral da CNBB (mimeografado), Brasília, 1998.
3. Dreyermann, E. “Leigo/Clero”. In Eicher P. (dir.) *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. S. Paulo: Paulus, pag. 450-463, 1993.
4. Arquidiocese de Belo Horizonte. *Anais da primeira assembléia do Povo de Deus da Arquidiocese de Belo Horizonte*. Pe. Fragozo Filho, C. (coord.). Belo Horizonte, 111 p., 1996

# 1. UM POUCO DE HISTÓRIA PARA ENTENDER AS RELAÇÕES ATUAIS ENTRE CLERO/LEIGOS

Na Igreja das origens vivia-se uma forte comunhão e co-responsabilidade entre seus membros, onde todos se reconheciam como irmãos. A tensão que existia era entre os cristãos e o mundo e não entre clero e leigos. A comunidade cristã inteira estava imbuída da consciência de ser responsável pelo anúncio alegre da boa notícia da salvação acontecida em e por Jesus Cristo. Os de fora viam como eles se amavam e muitos se convertiam pelo testemunho de fraternidade experimentado.

É bonito notar que não apenas os leigos homens participavam desse cuidado de transmitir e difundir o Evangelho, mas também as mulheres. Isso é documentado principalmente pelos Atos dos Apóstolos e pelas cartas autênticas de Paulo. As mulheres aparecem frequentemente no papel de profetisas encarregadas de rezar, exortar, interpretar a Palavra de Deus e levar ao arrependimento. A literatura patrística atesta a existência de profetisas nas Igrejas cristãs até o século III.

As comunidades do primeiro século desenvolveram diferentes ministérios e formas organizativas, de acordo com os lugares e situações que viviam. O termo "leigo" apareceu pela primeira vez na carta de Clemente no ano de 96 d.C., para designar o simples fiel, distinguindo-o do diácono ou presbítero. A partir do século III o termo "leigo" se tornou de uso comum.

Sob influência do pensamento platônico, Inácio de Antioquia e Cipriano apresentam a hierarquia como reflexo da ordem divina. As tarefas ministeriais não eram mais referidas à comunidade. Aos poucos foi-se formando, no segundo século, o pleno sacerdócio ministerial que assumia a direção do culto, tinha o poder de perdoar os pecados e garantia a unidade eclesial porque havia insuficiência de procedimentos colegiados.

A partir daí os ministérios se fixaram. A necessidade da defesa contra a *gnosis* e outros motivos teóricos ou práticos levaram à conhecida estrutura do episcopado monárquico. Em cada cidade, havia um bispo, um colégio de presbíteros e alguns diáconos. No século IV a estrutura mudou-se com a fundação das "paróquias", confiando-as aos presbíteros. Dissolve-se o presbitério, conselho jurídico e doutrinário, encarregado de interpretar a lei de Deus para a comunidade do bispo. Entretanto, os leigos conservam um papel importante na evangelização do IV século, fundando novas Igrejas.

Depois, quando a religião cristã se torna majoritária no Império Romano, aumenta a distância entre clérigos e leigos, tanto em termos políticos quanto culturais. Houve uma simbiose entre a Igreja e o Estado. Bispos e padres adquirem privilegiada posição social e na organização estatal, reis e imperadores recebem sagração eclesial. Esta evolução foi aos poucos tornando o povo fiel em massa sem competência na Igreja. Acrescente-se a isso que os clérigos tinham acesso à formação cultural. A palavra "leigo" tomou um significado negativo de não-iniciado, analfabeto, que não entende a língua culta, o latim. A partir do século VIII não consegue mais acompanhar a liturgia, ficando relegado ao papel de ouvinte silencioso. Reforçam-se a passividade e a submissão. Aos poucos vai ficando clara uma identificação entre:

*Igreja* = clero = homens espirituais

*Leigo* = não-formado, inculto = homem carnal.

No século XI a Reforma Gregoriana apresentou o programa "A Igreja, aos clérigos; o mundo, aos leigos". Incentivou a oposição dos leigos devotos contra o clero rebelde à nova orientação da Igreja, e que continuava vivendo no concubinato, praticando a simonia, ocupando-se mais do poder político do que do ministério eclesiástico, acumulando e concentrando poder e riquezas. Movimentos laicos, reivindicando uma Igreja pobre e dos pobres, surgiram ao longo dos

séculos XI e XII, exercendo uma influência espiritual positiva sobre a cristandade e o próprio clero. Sua expressão maior foi São Francisco de Assis. Movimentos semelhantes se repetirão também mais tarde, continuando até os dias de hoje.

Ao longo deste processo, *há uma perda do sentido de comunidade para a Igreja*. A Igreja passa a ser considerada propriedade particular. Desde o sistema feudal os clérigos são induzidos a se considerarem “donos da Igreja”, enquanto os leigos se sentem excluídos, mero objeto de cuidados pastorais, sem outro direito que o de receber os meios da salvação. Até hoje os leigos têm dificuldade de sentir que “são” Igreja, e não apenas pertencem a uma Igreja.

O humanismo, a Reforma, os descobrimentos, a superação das fronteiras do ocidente, os resultados da Revolução Francesa alargaram os horizontes e levaram ao processo de secularização. Em meados do século passado, com a separação de Igreja e Estado é que fica mais clara esta distinção. A Igreja se torna plenamente clerical, e o mundo, plenamente secular. Isto traz conseqüências: a Igreja tende a perder os leigos; o mundo tende a perder toda referência à religião.

No nosso século importantes mudanças de mentalidade vêm ocorrendo. As tendências sociais de emancipação, de busca de equidade, de democratização, de pluralismo de opiniões, de aceitação do diferente, de rechaço a todo tipo de tutela, de respeito aos direitos humanos, de anseio de participação nas decisões, têm atingido também a organização eclesial.

Com a Ação Católica, os leigos voltam a ter uma importância para a vida da Igreja e retomam sua atuação sócio-política. O método ver/julgar/agir/ contribui para um laicato organizado, atuante e analítico, que assume responsabilidades e busca a formulação do pensamento cristão na construção do mundo, ganhando mais corpo com o Papa João XXIII.

O Concílio Vaticano II abre caminho para uma nova ‘teologia dos ministérios’, reafir-

mando a igualdade fundamental “quanto à dignidade e à ação comum” de clérigos e leigos — chamado de povo de Deus no seu conjunto. Com a evolução deste conceito, hoje a Igreja é vista como uma *comunidade de irmãos, responsável pela missão*. A Igreja latino-americana em Puebla, Medellin e Santo Domingo reforçou e avançou nesta mentalidade. Os leigos não são mais os simples destinatários de uma Igreja institucional clerical. São a própria Igreja. Segundo o documento de Santo Domingo “O Povo de Deus é constituído em sua maioria por fiéis leigos. Eles são chamados por Cristo como Igreja, agentes e destinatários da Boa Nova da Salvação, a exercer no mundo uma tarefa evangelizadora indispensável”(SD n.94)

Há mudanças inegáveis que mostram a tendência de superar a separação clero-leigos: introdução de conselhos em diversos níveis, crescente importância das Igrejas particulares, realização de assembléias eclesiais e sínodos, formação de novas comunidades de base, movimentos, agentes pastorais leigos, novos ministérios, crescente interesse dos leigos pelo estudo da teologia, a busca e o aprofundamento da experiência de Deus...

Infelizmente, a grande virada, apontada pelo Concílio Vaticano II e desenvolvida nas subseqüentes Conferências episcopais latino-americanas e brasileiras, não vem acontecendo na prática cotidiana da maioria das paróquias. O poder permanece nas mãos do padre e não da comunidade. Seria também errado se o poder passasse para as mãos dos leigos. Deve ser da comunidade. No cristianismo moderno, o eclesial e o eclesiástico prevalecem sobre o especificamente cristão. Teremos clareza da necessidade da retomada da identidade cristã originária?

Como toda mudança de mentalidade, a nova concepção de Igreja Povo de Deus, é assumida muito vagarosamente e pode demorar dezenas de anos ou século. São gerações e gerações formando hábitos, referenciais, imaginário, comportamentos — que não mudam de uma hora para outra. São séculos de história a serem superados. Será que estamos dispostos a esperar tanto tempo? Com firme-

ESTRUTURA

za, esperança e paciência temos que dar os passos possíveis no momento. Com todo entusiasmo, com a graça e a força do Espírito atuando na Igreja, estamos certos que o novo milênio será mais participativo: juntos padres, leigos, religiosos a serviço de mais vida e esperança no mundo.

## 2. A PROPÓSITO DO DOCUMENTO DE ESTUDO 77 DA CNBB "MISSÃO E MINISTÉRIOS DOS LEIGOS E LEIGAS CRISTÃOS"

O documento de estudo da CNBB "Missão e Ministérios dos leigos e leigas cristãos", de maio de 98, faz uma abordagem conjunta e complementar entre a **missão** dos leigos na sociedade e os **ministérios** que assumem na comunidade eclesial. *"Toda Igreja é missionária e ministerial. A comunidade evangelizadora, guiada pelo Espírito de Cristo, é o fundamento comum da missão na sociedade e dos serviços internos das comunidades eclesiais."* Encoraja-nos, leigos e leigas, a prosseguir em nossa *"admirável dedicação"* nas paróquias e no *"coração do mundo (...)* aparentemente sozinhos, mas sustentados pelo Espírito de Deus e a oração da Igreja (...)*testemunhando nossa fé e solidariedade*

Como é usual na Igreja do Brasil, o documento está estruturado em três partes, seguindo o método ver / julgar / agir – o que facilita sua compreensão. Parte da apresentação dos *desafios e sinais dos tempos*, passando pelos fundamentos teológicos para entendermos *a missão do Povo de Deus* hoje, propondo ao final as diretrizes para evangelização, *a comunidade em missão*.

Há muitos aspectos e *recomendações promissoras* relativos ao novo rosto de Igreja que queremos, a começar com o seu subtítulo que ressalta o objetivo que une todo o Povo de Deus, padres, leigos, religiosos, o conteúdo da nossa missão comum: *"o serviço à vida e à esperança"*. Numa leitura atenta e interessa-

da, do ponto do vista dos leigos e leigas, podemos destacar alguns pontos importantes:

- O enfoque marcante do documento é que a *missão é comum*, isto é, a missão dos padres, leigos e religiosos é uma só. Propõe a eclesiologia de totalidade que não separa hierarquia e laicato. Mas pelo contrário, ressalta o que nos une: a condição cristã. *"A expressão Povo de Deus indica a Igreja em sua totalidade, naquilo que é comum a todos os seus membros. Esta foi uma das maiores aquisições do Vaticano II e deve valer todo o seu peso quando se trata de refletir sobre missão e ministérios.(...) Exprime a profunda unidade, a comum dignidade e fundamental habilitação de todos os membros da Igreja à participação na vida da Igreja e à co-responsabilidade na missão"* (cf. 64 e 65).
- Propõe a *superação da antievangélica distância entre padres e leigos*, tão perniciosa para o testemunho cristão no mundo, imagem da Igreja como sociedade desigual (cf.64).
- Procura limpar todo o resquício, infelizmente ainda presente na mentalidade atual, da antiga divisão: *"ao clero, a Igreja; aos leigos, o mundo"*.
- Afirma que a *tarefa da solidariedade é um sinal indispensável hoje*, e não tarefa só dos leigos. A presença *dos padres "no mundo"* é importante para muitos que têm dificuldade de ver a dimensão da fé e da caridade no social, no político e na luta pela justiça (cf. 55).
- Aponta a *enorme força dos leigos e leigas* na Igreja do Brasil: mais de 400.000 exercendo *ministérios pastorais*, ou seja, em média 50 agentes leigos, para cada padre (cf. 37).
- Destaca a presença majoritária das *mulheres* entre os agentes pastorais. *"Elas estão esboçando um traço novo no rosto eclesial através da maneira generosa e entusiasmada com que vivem a fé e o amor, buscando transmitir os valores cristãos. Elas constituem a grande maio-*

- ria dos catequistas; assumem responsabilidades nas comunidades, na animação, coordenação e entre ajuda; coordenam setores pastorais, estão presentes nos conselhos e nos movimentos, inclusive participando das decisões” (cf.38 citando Projeto “Rumo ao Novo Milênio”n.89).
- Coloca com clareza que a missão do povo de Deus, portanto padres e leigos, é evangelizar. Deixa claro que *missão é serviço ao mundo e não mais implantação da Igreja*. Que não se podem separar o anúncio do Evangelho e os sinais de solidariedade (cf. 45).
  - O III capítulo coloca diretrizes práticas muito interessantes para aumentar a participação dos leigos, partindo da “*concepção de que toda a Igreja é missionária e ministerial*”. Assim todos os cristãos são chamados a *anunciar a Boa Nova de Jesus através do serviço e participação na transformação da sociedade pelo bem dos pobres, do diálogo com as culturas e outras religiões, do anúncio do Evangelho e da vivência e testemunho de comunhão eclesial*” (cf.94).
  - No item *Por uma comunidade profética, missionária, acolhedora, participativa e misericordiosa*, ressalta a necessidade de se criar canais de participação para que “*todos os fiéis participem não só da execução, mas também do planejamento e das decisões relativas à vida eclesial e à ação pastoral; (...) promovam-se assembleias e sínodos do povo de Deus, devendo-se manter em todos os níveis, conselhos pastorais, como recomenda o Concílio*” (cf.102).
  - Ressalta também que “para que a participação seja efetiva, os fiéis devem ter oportunidades reais tanto de *informação* sobre a vida eclesial quanto de *formação* cristã, sem o que dificilmente poderão participar consciente e responsabilmente da missão” (...) (cf. 103).
  - A Igreja como um todo e os *leigos* em especial têm hoje um papel insubstituível e urgente no *serviço e a participação na sociedade*. Enfrentam aí “*dois desa-*

*fos básicos: a luta contra a pobreza e a defesa intransigente da ética pública*”, inclusive na política (cf.107).

- A missão dos leigos e leigas parte da “*certeza que o Espírito Santo está presente nas mais diversas religiões e culturas levando-os a buscar no diálogo com elas o conhecimento mútuo, o aprofundamento da verdade e a parceria na construção de uma sociedade, que supere todas as discriminações e dominações. (...) Esforçar-se por perceber as interrogações e os anseios dos que buscam a verdade e o encontro com Deus*” (cf. 113 e 116).
- O *anúncio* do Evangelho exige uma redescoberta da pessoa de Jesus e do sentido que sua vida faz para o sentido de nossa vida hoje. Para tal é imprescindível criar oportunidades para a experiência de Deus. É bom insistir que as missões populares são também momentos de serviço ao mundo, de diálogo aberto com as culturas e religiões. Muitas vezes as missões dão idéia de levar apenas à implantação da Igreja.
- No item de Vivência e Testemunho da Comunhão Eclesial o documento lembra que o Concílio Vaticano II *abriu amplas perspectivas no campo dos ministérios* citando quinze diferentes tipos: *participar do cuidado pastoral de uma paróquia, ministério da Palavra, presidir celebrações dominicais da Palavra, catequese, conselhos pastorais e econômicos, ministros extraordinários da Comunhão, ministros extraordinários do Batismo, testemunhas qualificadas do sacramento do Matrimônio, exéquias, ministério da acolhida, animadores de grupos, teólogas e teólogos leigos, serviço de administração, pastoral do Dízimo, grupos de jovens, animação e participação nos diversos níveis de coordenação eclesial*” (cf 134 a 149).
- Ressalta a necessidade para os leigos de um aprofundamento da espiritualidade e experiência do Mistério, de uma formação integral e que as dioceses e paró-

quias favoreçam a *organização dos leigos* e promovam os *conselhos de leigos* "em plena comunhão com os pastores e adequada autonomia, como lugares de encontro, diálogo e serviço, que contribuam para o fortalecimento da unidade, da espiritualidade e da organização do laicato (cf. 159 a 165).

- Conclui que "o protagonismo dos cristãos leigos e leigas requer profundas mudanças no estilo de governar e no exercício da autoridade por parte da hierarquia, para permitir e encorajar a comunhão, a participação e a co-responsabilidade na tomada de decisões pastorais, valorizando o voto nos conselhos pastorais e a presença ativa dos fiéis em Sínodos e Concílios particulares conforme está previsto por documentos oficiais da Igreja" (cf. 163 citando o Projeto "Rumo ao Novo Milênio" n.88).

Com este novo documento da CNBB, as bases de uma concepção de Igreja mais participativa foram colocadas. Se por um lado essa participação já é realidade em muitos lugares, por outro, deixa a descoberto a triste realidade da maioria das paróquias onde as relações clero/leigos seguem o modelo antigo mais autoritário. Devemos questionar nossas atitudes, mentalidades, estruturas e estilos de governo que não são fiéis à pedagogia de Jesus e impedem, ou criam obstáculos à participação dos leigos na Igreja. Necessitamos de muita revisão de vida e conversão no campo das relações humanas no âmbito eclesial. Há um longo caminho a percorrer.

### 3. ANSEIOS E PROPOSTAS PARA UMA IGREJA MAIS PARTICIPATIVA

Todos concordam que a Igreja deve ser *uma comunidade de irmãos, co-responsável pela missão*. Entretanto não é assim que acontece. Já vimos que as causas históricas têm um peso muito grande nas estruturas e

atitudes autoritárias atuais. As relações horizontais de igualdade e reciprocidade na amizade entre padres e leigos ficam quase inviabilizadas. Isso muitas vezes prejudica o próprio crescimento e realização humana e afetiva dos envolvidos. O anseio de fazer da paróquia uma família com plena comunhão e participação não se realiza. Por que será?

Em recente levantamento feito em mais de sessenta paróquias de uma região episcopal de Belo Horizonte sobre a visão dos leigos sobre "o que é essencial na missão do padre hoje", surpreendeu-nos as respostas sobre novas relações. A maioria respondeu que o "essencial é que os padres sejam mais próximos das pessoas, que sejam presença amiga no meio da comunidade. Que não se coloquem distantes mas que caminhem juntos, ajudando e sendo ajudados pela comunidade. Que sejam atentos, que acolham a todos com igualdade, sem discriminar ninguém. Que valorizem e incentivem a participação dos leigos". Alguns diziam que é preciso "quebrar a distância, descer do altar, viver como cidadão comum, sem superioridade, preconceito, prepotência. Sair da clausura burocrática, sair da redoma, ir ao encontro de situações de sofrimento e de exclusão".

Tentando nos colocar no lugar dos padres, podemos perceber que a situação é complicada e difícil para eles também, devido ao tipo de formação recebida, a dificuldade de estabelecer relações afetivas e à própria estrutura paroquial. A crítica muitas vezes pode ser injusta.

Ainda permanece entre nós o perigo do distanciamento entre os ministros e o povo. Ainda pesa a tentação do poder, do enfraquecimento da colegialidade que caracterizou os ministérios das primeiras gerações. Tentações de concentrar demasiadamente nas mãos dos ministros a direção da comunidade ou de exercê-la sem o espírito de serviço, de que o próprio Jesus deu o exemplo.

Ainda hoje os leigos se ressentem, principalmente no âmbito das paróquias, de serem

tratados muitas vezes de forma infantil, recebendo ordens “isso pode, isso não pode”, “aqui quem manda sou eu”, evidenciando um abuso de autoridade por parte do clero. Sentem que não são levados a sério. O fato de não sentirem considerados como adultos afasta muitos leigos do compromisso pastoral, priva a Igreja de sua colaboração.

É preciso que os padres tratem os leigos com dignidade e carinho, dando maior atenção às suas opiniões e sugestões. E vice-versa, é preciso que os leigos tratem os padres com consideração, respeito e camaradagem, sem exigir demais deles. Procurar entendê-los, dialogar seus dilemas e encruzilhadas, acolhê-los como pessoas, abrir-lhes mais a realidade da vida comum, entender sua solidão... afinal, tratá-los como um irmão querido, não como um superior. Um pouco de compaixão de ambos os lados, faria muito bem.

Precisamos de cristãos maduros na fé, comprometidos, organizados, livres de todo clericalismo, sem estar reduzidos a tarefas intra eclesiais. Leigos que também não se sintam donos da Igreja ou determinados grupos, ministérios, pastorais e movimentos. Arrogância e prepotência são pecados de todos nós.

Dar ao leigo oportunidade efetiva de participação na vida da Igreja é uma urgência. É preciso acreditar que os cristãos leigos e leigas também podem ser movidos e iluminados pelo Espírito Santo, que são dotados de carismas próprios. Como vivem mergulhados na complexa sociedade contemporânea, representam muitas vezes a única forma da presença da Igreja em determinadas situações. Captam conjunturas concretas, imperativos cristãos urgentes, a que o clero muitas vezes não têm acesso. Introduzem na Igreja a linguagem e a prática adequada ao mundo de hoje. Muitas vezes com profundo sentido da fé e iluminados pelo Espírito da verdade articulam discursos e intuem exigências cristãs correspondentes à realidade. Só não conseguem e nem ousam se fazer ouvir na comunidade eclesial. Será que não deveria haver mais

confiança naqueles católicos cuja vida atesta seriedade e compromisso cristão? E também nos padres que o fazem, o buscam?

Os leigos também podem expressar a aproximação salvadora de Deus, podem revelar Sua bondade, no exercício do sacerdócio comum fundamentado no Batismo. Como é sabido, no Novo Testamento, com exceção da Carta aos Hebreus, não se usa o termo “sacerdote” para descrever a pessoa de Jesus. Nos evangelhos, Jesus é apresentado como leigo. Isso deve nos animar, entusiasmar e inspirar no exercício de nosso sacerdócio comum, do jeito de Jesus: buscando realizar a vontade do Pai misericordioso na solidariedade com os irmãos, especialmente os pobres e pecadores.

A participação dos leigos é fruto de uma consciência de co-responsabilidade, que por sua vez, é fruto do exercício da liberdade e da adesão livre e amorosa ao projeto de Jesus. A missão do leigo não é auxiliar o clero, mas servir ao Reino. É preciso realizar a descentralização do poder clerical, que por razões históricas aconteceu. Diminuir a distância entre leigos e clero. Que ambos, clero e leigos aprendam a trabalhar juntos na construção do Reino.

As novas relações entre clero e leigos se fundamentam na *igual dignidade* e na *comunhão*. Relações mais maduras: respeito, tolerância, diálogo, partilha, caminhada junto. Relações mais afetivas: acolhida, abertura de coração, perdão, aceitação do outro sem medo. Relações de serviço fraterno, não de dominação. Com a marca da fragilidade humana, mas construídas na experiência de Deus.

Resumindo:

- a) Hoje há um anseio generalizado entre os leigos, por **relações mais igualitárias** dentro da Igreja, sem distância entre clérigos e leigos. Necessidade de melhor relacionamento, mais acolhida, mais diálogo, proximidade, colaboração. Necessidade de acreditarem em nós, leigos e leigas, que apostem em nós. Que nos tratem como adultos, para assumirmos mais com-

promissos, co-responsabilidade, parceria, mais fraternidade. Precisamos ter **consciência de sermos Igreja e de que a Igreja somos nós**. Enfim que sejamos uma Igreja de irmãos e irmãs, não de superiores e subordinados.

- b) Mas não bastam só relações mais igualitárias e disposição para o diálogo. É necessário que se criem ou se dinamizem estruturas, mecanismos ou **canais que propiciem a concretização da participação dos leigos**, como as assembleias do Povo de Deus, os conselhos pastorais em todos os níveis, os sínodos, os novos ministérios leigos, as redes de comunidades, os conselhos de leigos, como já foi afirmado no documento da CNBB.
- c) Outro anseio é que a Igreja não seja mais pensada a partir do clero, mas a partir de todos os membros do Povo de Deus. Superar a velha divisão: *'aos clérigos, a Igreja; aos leigos, o mundo'*. A importância de caminhar juntos: padres, leigos, religiosos, trabalhando ombro a ombro na construção de uma sociedade mais justa e humana. Evangelizando pelo serviço e participação na sociedade, pelo diálogo inter-religioso, pelo anúncio e pelo testemunho. Todo cristão é chamado a ser Igreja-comunidade e enviado a ser Igreja-missão no mundo.
- d) Afirmar a centralidade constitutiva do Povo de Deus pelos vínculos do Batismo, anterior a qualquer ministério hierárquico, exige muitas **mudanças organizativas em nossa Igreja**. O protagonismo do cristão leigo requer profundas mudanças no estilo de governo e no exercício da autoridade por parte da hierarquia, para permitir e encorajar comunhão, participação e co-responsabilidade dos leigos na tomada de decisões pastorais, valorizando o voto nos conselhos pastorais e a presença ativa dos fiéis em Sínodos e Concílios particulares (PRNM 88).
- e) O grito mais forte hoje dos leigos é por **formação**. É a principal tarefa do momento. Que ela seja integral, inculturada, contemplando matéria teológica, social,

cultural e humana. A capacitação dos leigos é condição fundamental e urgente para sua participação decisiva, corajosa e transformadora. Não aquela participação passiva, tímida, subserviente ao padre.

- f) Mais que conteúdo teórico, precisamos redescobrir a fé como experiência e não como doutrina; ter a oportunidade de fazer a experiência salvífica do encontro pessoal e profundo com o Deus Trino. Redescoberta de uma nova relação com a pessoa de Jesus que dá ânimo e sentido para a vida concreta. Fazer **experiência de Deus**, buscando a comunhão com a vontade do Pai, conosco mesmo, com os irmãos. Cultivando o silêncio e a escuta, o recolher-se para acolher melhor depois. Deixando-se evangelizar e converter-se a cada dia. Só assim nossa participação na Igreja e na sociedade será evangélica.
- g) Elemento facilitador da participação é a **organização de conselho ou colegiado de cristãos leigos** como espaço de encontro, troca de experiências, diálogo, informação e formação. Preparando os leigos para atuarem na Igreja e na sociedade. Preparando para trabalhos ecumênicos e parcerias com homens e mulheres de boa vontade. Cuidando especialmente que sejam sinal da misericórdia de Deus por sua atuação fraterna, em primeiro lugar em prol dos pobres e excluídos, mas também na família, na vida profissional, nos serviços da comunidade. Com autonomia e ao mesmo tempo sintonia com os pastores.

O testemunho de Igreja como comunidade desigual, não tem sido nada edificante para o mundo contemporâneo. Está longe de ser o que Jesus ensinou. Como pessoas, temos que buscar maneiras de vencer as barreiras:

- A primeira atitude é de humildade e de saber que estamos dentro de estruturas que criam dificuldades para o padre ser um irmão, entre irmãos e irmãs.
- Depois é reconhecer que há em ambos os lados, uma espécie de medo inconfesso. Os leigos em geral têm medo dos

padres: insegurança, timidez, falta de cultura, não saber o que é o certo e o errado, desconhecer a doutrina atual da Igreja. Os padres às vezes têm medo que os leigos ocupem espaço demais dentro da paróquia, que os obriguem a se desinstalar, que ameacem sua estabilidade ou seu poder, que ponham em cheque a sua insegurança, que sacudam sua acomodação.

- A terceira é libertar o coração dessas amarras e buscar com sinceridade diálogo e colaboração, respeito mútuo e entu-

siasmo para estarem à serviço da vida e da esperança. Juntos e alegres cumpriram a missão comum de tomar presente, testemunhar a bondade de Deus no coração deste mundo tão sofrido e des-norteado.

Renovam-se nossas **esperanças** de sermos no novo milênio, com a força do Espírito, uma Igreja muito mais participativa, missionária, misericordiosa do que somos hoje. O desafio maior é juntos, padres e leigos, mostrarmos à sociedade, o que é *ser povo de Deus*.

## ORAÇÃO DOS CRISTÃOS E CRISTÃS LEIGOS

Senhor da Vida, ajuda-nos a descobrir nossa missão.

Que teu Espírito nos ilumine para tomarmos consciência de que *somos* Igreja.

E que sejamos, cada vez mais,

Uma Igreja misericordiosa, missionária, participativa.

Igreja de irmãos e irmãs, não de superiores e inferiores,

Sem distância entre leigos e padres, co-responsável nas decisões.

Que o testemunho de teu Filho Jesus, nos encoraje a sermos profetas de um mundo novo, mais justo, solidário e acolhedor.

Senhor, que tendo experimentado tua bondade, possamos revelá-la aos outros, Indo ao encontro dos anseios e sofrimentos dos homens e mulheres de hoje.

Ajuda-nos a tratar a todos como irmãos, especialmente os excluídos.

A colaborar com serviço e participação na transformação da sociedade.

Para isso pedimos a graça de uma formação que nos leve:

– a aprofundar a fé, relacionando-a com a vida concreta;

– a vivenciar a espiritualidade como experiência de Deus e abertura aos irmãos

– a nos organizarmos para melhor cumprir nossa missão,

a serviço da vida e da esperança. Amém!

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Para você, o que é uma Igreja participativa?
2. Como seria a melhor estrutura desta nova Igreja? Quais as saídas / canais para a Igreja ser mais participativa do que é hoje?
3. No nosso cotidiano pastoral, como podemos dar reconhecimento e valor ao trabalho dos leigos ?
4. Como ser uma Igreja mais participativa "para fora", no serviço para a transformação da sociedade, pelo bem dos pobres ?

# A REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA À LUZ DE LUCAS

Tomaz Hughes, SVD

O Evangelho de Lucas apresenta Jesus como homem de oração. Sua palavra tem força porque brota da sua experiência de intimidade com o Pai.

## I. INTRODUÇÃO

Ao longo destes primeiros meses de 1998, a Vida Religiosa do Brasil está – ou deveria estar – empenhada na preparação da Assembléia Geral Ordinária da CRB, com o tema “O Novo Milênio e a Refundação da Vida Religiosa”, e, junto com as outras forças vivas da nossa Igreja, no aprofundamento do Evangelho de Lucas.

Atrás da escolha destes dois temas sugestivos, paira uma realidade nova que levanta novas exigências para a Igreja como tal, e para todos os seus elementos constitutivos – o Novo Milênio, uma nova época (para não usar o termo ambíguo “Nova Era”) para a humanidade. Este Novo Milênio exige novas respostas para novos desafios, anseios e dificuldades. Mais do que nunca vale a advertência do Evangelho: **“Vinho novo deve ser colocado em barris novos!”** (Lc 5,38).

É de suma importância reconhecer que o Novo Milênio de fato já começou – se não em termos do calendário, em termos da realidade. Qualquer observador atento da conjuntura atual mundial – e brasileira – vai notar as mudanças radicais já em andamento em todos os aspectos da convivência humana, nos últimos anos. O filósofo e historiador inglês Eric Hobsbawm, uma das vozes mais respeitadas no seu campo, publicou um livro muito interessante sobre o Século XX, com o título português “A Era dos Extremos – O Curto Século XX”. Logo o

subtítulo chama a atenção – como pode um século ser curto?? Afinal, cem anos são cem anos! Mas, na análise de Hobsbawm, o Século XX começou na realidade em 1914, e terminou em 1991. Os anos antes de 1914 pertenciam à realidade do Século XIX, e desde 1991 estamos vivendo o Novo Milênio! Obviamente, essas duas datas não foram escolhidas aleatoriamente. A primeira marca a eclosão da Primeira Guerra Mundial (que os ingleses ainda chamam da “Grande Guerra”!) – um evento que mudou para sempre as relações internacionais políticas, econômicas, sociais e culturais. Podemos afirmar com segurança que o assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand, do Império austro-húngaro, e da sua esposa, em Sarajevo (ainda recentemente palco de cenas tristes), engatilhou um processo que mudaria para sempre os rumos da sociedade mundial.

Igualmente, 1991 marcou o fim dum outro império, o da União Soviética, um evento que também mudou para sempre todas as relações internacionais e cujas ramificações são sentidas até hoje – um evento cujas conseqüências a longo prazo ainda não estão definidas. Marcou o fim do “socialismo real”, a vitória – pelo menos aparente – das forças do mercado e da ideologia do lucro; marcou a marcha aparentemente inexorável do rolo compressor do neoliberalismo, com seu “evangelho” de competitividade e a sua “lei da selva” da sobrevivência dos mais fortes e do abandono dos mais fracos. Desde então estamos vivendo já a realidade de uma “Nova Etapa” da humanidade, com os temas dominantes de “Globalização do Mercado”, “Qualidade Total”, “Forças do Mercado Livre”, “Nova Era”, entre outros.



Urge então verificar se estamos sendo realmente “reinocêntricos”, se o nosso carisma está de fato sendo colocado a serviço da missão. Diante da escassez de vocações em muitos lugares hoje, é tentador fechar-nos sobre nós mesmos, colocando em primeiro plano a nossa sobrevivência congregacional, em lugar de confiarmos na ação do Espírito Santo que sopra onde quer! A mesma Exortação pós-Sinodal nos lembra que a verdadeira derrota da Vida Religiosa, que deve ser absolutamente evitada, **“não consiste no declínio numérico, mas no desfalecimento da adesão espiritual ao Senhor e à própria vocação e missão”** (VC 63)

Temos de nos convencer de que na medida em que a Vida Religiosa recuperar e vivenciar a convicção de ser “dom do Espírito Santo para a Igreja”, com o espírito missionário dos nossos fundadores, está dado um grande passo adiante na sua revitalização e refundação.

#### IV. OS POBRES E MARGINALIZADOS

Lucas toma posição muito clara diante do problema dos empobrecidos. Escrevendo para comunidades urbanas das cidades gregas, está ciente dos enormes contrastes no nível de vida dos ricos e dos pobres, inclusive dentro das comunidades cristãs. Um contraste igualmente chocante nas comunidades da América Latina hoje. Diante do crescimento da exclusão e do número dos excluídos da nossa sociedade, consequência lógica das propostas do sistema neoliberal dominante, Lucas torna-se mais atual do que nunca. A imagem do pobre e do rico em Lc 16,19-31 – a parábola do rico e do Lázaro – pode ser verificada todos os dias em nossas cidades. E é bom lembrar que o rico não é condenado por outro motivo a não ser o seu fechamento diante do sofrimento alheio. A sociedade hoje facilmente tem um efeito “anestésico” sobre nós. É possível passar todos os dias diante dos piores sofrimentos humanos, quase sem notá-los, pois os sofrendores já fazem parte da paisagem diária das nossas cidades. Pior ainda, podemos nos fechar em nossos mundos – colégios, paróquias, movimentos da classe média, e nem ver os milhares de Lázarus espalhados

pelas nossas cidades e nosso interior (e não só no Nordeste!). Como é tentador diluir as exigências do Evangelho, espiritualizando os termos “ricos” e “pobres” para justificar a nossa omissão diante destes e a nossa opção real (nunca teórica!) para aqueles! Lucas não permite que nós fuçamos do problema “espiritualizando-o” (os ricos são os verdadeiros pobres espirituais!!), ou moralizando-o (tem muito pobre vagabundo e muito rico bom). Como Paulo na Carta a Filemon e no capítulo 11 da Primeira Carta aos Coríntios, como Tiago na sua Carta, ele deixa clara a exigente opção pelos pobres, por ser a opção de Jesus, coerente com a sua experiência do Pai, o Javé Libertador, aquele que a Bíblia descreve como quem

**“viu muito bem a miséria do seu povo... ouviu o seu clamor contra os seus opressores, conheceu os seus sofrimentos, e desceu para libertá-los** (cf. Ex 3,7-10).

Consciente da gritante desigualdade que existia no seio das comunidades cristãs urbanas, Lucas não deixa os seus leitores escaparem das opções concretas essenciais do seguimento de Jesus. Vale contrastar as bem-aventuranças em Mateus com as em Lucas. Por exemplo:

**“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu”** (Mt 5,3)

com

**“Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence... Mas ai de vocês os ricos, porque já têm a sua consolação!”** (Lc 6,20.24)

Aqui não cabe vacilação nem equívocos. Não é possível seguir Jesus sem concretizar esta opção pelos pobres.

A *Vita Consecrata* renova o apelo feito muitas vezes pela Igreja para que a Vida Religiosa se coloque na vanguarda desta opção:

**“A opção pelos pobres inscreve-se na própria dinâmica do amor, vivido segundo Jesus Cristo. Assim são obrigados a ela todos os seus discípulos, mas aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando as suas atitudes, não podem deixar de se**

*sentirem implicados de modo absolutamente particular em tal opção” (VC 82).*

E deixa bem claro o que entende por “pobres”: *“Pobres, nas várias acepções de pobreza, são os oprimidos, os marginalizados, os idosos, os doentes, as crianças, todos aqueles que são considerados e tratados como “últimos da sociedade” (VC 82).*

Não há outra saída — a Vida Religiosa só terá sentido à medida que se concretiza no seu meio esta opção, à vivência fiel dos seus carismas. Neste mundo de pós-modernidade, que tem invadido as nossas casas e comunidades, com os seus avanços, mas também com os seus desvios, o grito de Lucas nos ajuda para que não assumamos a ideologia dominante, como que por osmose, mas que olhemos o sofrimento dos marginalizados e pobres com o olhar de Jesus. Uma Vida Religiosa que concretiza esta opção — cada qual seguindo conforme o seu carisma e a sua realidade — será um sinal profético diante do mundo do Novo Milênio.

## V. O ROSTO MISERICORDIOSO DE DEUS

Um tema muito caro a Lucas é o da misericórdia de Deus. Verdadeiro artista da palavra, Lucas nos traça este rosto em parábolas que estão entre as mais conhecidas do Novo Testamento — “O Bom Samaritano”, “O Filho Pródigo”, “A Ovelha Perdida”, e outras. Com grande sensibilidade, ele ilustra a verdadeira natureza de Deus na história da refeição na casa de Simão, o Fariseu (Lc 7,36-50). Simão — sendo fariseu, certamente um homem de vida reta e ascética, exímio cumpridor de todas as prescrições e exigências da Lei — julga a mulher anônima conforme os critérios de “justos e pecadores”, da teologia oficial, enquanto Jesus a olha com o olhar de Deus misericordioso.

E o cerne da questão está em v. 47:

*“Eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor”.*

Jesus deixa bem claro: ela amava muito porque tinha experimentado muito perdão. E não o contrário — que ela foi perdoada porque tinha amado muito! Ela não precisava “conquistar” o perdão de Deus — antes, foi a experiência do perdão divino que a capacitava para o amor. É sempre Deus que toma a iniciativa!

Na realidade, muitas vezes se pregava um Deus mais parecido com o da espiritualidade farisaica do que da evangélica. Não somos nós que agimos para que Deus reaja! É o Deus da misericórdia que age — e cabe a nós responder.

Mais do que nunca é necessário que a Vida Religiosa manifeste este rosto do Deus misericordioso para as pessoas. Precisamos cuidar para que, na prática, não tenhamos a atitude de Simão, julgando as pessoas pela sua conformidade com as leis e com o Direito Canônico, por tão importante que possam ser. Precisamos ser mais “Jesus” do que “Simão”, *“misericordioso como o Pai do céu é misericordioso” (Lc 6,36).*

O ritmo da vida moderna muitas vezes faz com que os nossos encontros com o povo fiquem sem ternura, sem carinho, sem atenção pessoal. As secretarias paroquiais frequentemente funcionam mais como repartições públicas ou cartórios, do que como locais de encontro que representam o Jesus misericordioso. Lucas nos ensina que é primordial relacionar-nos com as pessoas em nome do Deus de misericórdia, e que evitemos assimilar as atitudes legalistas representadas por Simão o fariseu e pelo irmão mais velho do “Filho Pródigo”. Um tema central também no Antigo Testamento, onde os profetas não cansam de repetir em nome de Deus *“O que eu quero é a misericórdia e não o sacrifício!”*

## VI. PROTAGONISMO DA MULHER

Embora se possa discutir sobre a realidade que está atrás da insistência neste tema em Lucas, é indiscutível que o Terceiro Evangelho dá muito destaque à figura da mulher. É só lembrar de Maria, Isabel, Susana, Maria Madalena, a Mulher Pecadora entre outras. Dado o constante retrocesso diante das ques-

tões de gênero nas comunidades cristãs do fim do primeiro século, — é só comparar 1Cor 11,5 em que Paulo aceita sem problema que a mulher reze em voz alta e profetize na assembléia, com a glossa em 1Cor 14,34-35 e a Carta Deutero-Paulina 1 Tim — Lucas quer recordar que com Jesus existia igualdade e fraternidade entre homens e mulheres.

A questão de gênero perpassa todo debate hoje na Vida Religiosa. A própria *Vita Consecrata* nos recorda:

*“Não se pode deixar de reconhecer o fundamento de muitas reivindicações relativas à posição da mulher nos diversos âmbitos sociais e eclesiais. Do mesmo modo é forçoso assinalar que a nova consciência feminina ajuda também os homens a reverem os seus esquemas mentais, o modo de se auto-compreender, de se colocarem na história e de a interpretar, de organizarem a vida social, política, econômica, religiosa, eclesial”* (VC 57).

Uma declaração até surpreendente emanando dum sínodo episcopal, em que somente homens votaram. Infelizmente, na Igreja e na Vida Religiosa ainda hoje continuam vários traços do patriarcalismo e machismo herdado da sociedade vigente. A Vida Religiosa deve estar na linha de frente da criação de novas relações de gênero, conforme o exemplo de Jesus, assim sendo profética, não só diante do mundo, mas diante das instituições da própria Igreja.

## VII. A ORAÇÃO

Talvez mais do que qualquer outro, o Evangelho de Lucas apresenta Jesus como homem de oração. Em todas as ocasiões importantes da sua vida pública, Jesus ora ao Pai. É uma oração que nasce da sua experiência do Pai e da sua missão no meio do povo, que o leva a ser cada vez mais fiel à sua vocação e missão. A Palavra de Jesus tem força porque brota da sua experiência de intimidade com o Pai.

É cada vez mais claro que a Vida Religiosa tem de distinguir-se pela mística! Não dá para sustentar a Vida Consagrada somente

a partir das nossas atividades, por tão válidas, evangélicas e essenciais que essas possam ser. Na verdade para fazer o que nós fazemos, não é necessário ser religioso(a). Um leigo pode fazer as mesmas coisas — e freqüentemente faz, com até mais eficiência, conforme o caso. Então qual é a contribuição específica do ser religioso? Tem que ser na área de mística e espiritualidade.

É interessante que no mundo pós-moderno, enquanto se verifica uma explosão de misticismo, esoterismo, seitas, e busca do Transcendente, até nas suas formas mais esdrúxulas, existe uma diminuição vertiginosa de pessoas entrando na Vida Religiosa, salvo situações locais nas Igrejas emergentes. Sem querer oferecer análises simplistas, a crise — que na verdade é da identidade — tem a ver com a mística.

A *Vita Consecrata* usa como ícone do seguimento de Jesus na Vida Religiosa, não o relato do chamamento dos discípulos, mas o da Transfiguração. Insiste que a Vida Religiosa deve subir a montanha para contemplar o Jesus Transfigurado, para depois descê-la para servir o Jesus desfigurado nos pobres e sofredores. E insiste que a Vida Religiosa deve proclamar por cima dos tetos o que vivenciou primeiro no silêncio (cf VC 14-16).

Aqui está uma advertência implícita contra o perigo do ativismo, praga do mundo moderno. Ativismo não se mede pelo volume de atividades — é uma fuga das realidades mais profundas numa atividade frenética sem rumo, sem objetivo, sem mística. O mundo de modo geral admira os nossos trabalhos, mas não quer unir-se a nós, muitas vezes não porque o que fazemos não tem valor, mas porque percebe a dicotomia entre a nossa atividade e a nossa mística... Essa divisão não existe no Jesus de Lucas, e mais uma vez o Terceiro Evangelho aponta um caminho para recuperarmos a nossa verdadeira identidade.

## VIII. A ALEGRIA

É impressionante como a alegria perpassa todo o Evangelho de Lucas. Desde a anunciação a Zacarias até o último versículo do

capítulo 24, o relato de Lucas é uma verdadeira “Boa Notícia” que causa alegria em quem a assume. Não é a alegria falsa dos programas dominicais da televisão, mas algo que brota do mais profundo do ser, o verdadeiro “Shalom” de Deus!

Como essa alegria é essencial para a Vida Religiosa hoje! Num artigo de alguns anos atrás, o Pe. José Comblin perguntou porque qualquer pastor evangélico ou pai-de-santo irradiava mais entusiasmo do que muitos padres e religiosos! E é realmente impressionante o número de pessoas consagradas que parecem amarguradas, machucadas e cansadas (não só fisicamente, mas espiritualmente). Isso só pode ser resultado da perda da inspiração fundacional, da perda da mística, de uma Vida Religiosa não mais fundamentada sobre o alicerce de Jesus Cristo. Uma Vida Religiosa triste e cansada jamais terá algo a dizer ao mundo do Novo Milênio, jamais dará esperança para o nosso povo sofrido.

Assim, foi muito sugestivo o tema da Assembléia última da CLAR: “Vida Religiosa – Sinal de Esperança na Tensão entre a Modernidade e a Exclusão”. Temos a missão de reativar a esperança e a alegria no povo sofrido, como fizeram os profetas exílicos em Babilônia, como fez Jesus de Nazaré na Galiléia! A alegria profunda que perpassa

Lucas deve servir de paradigma para a Vida Religiosa no limiar do Novo Milênio.

## IX. MARIA E O MAGNIFICAT

Todos esses temas se encontram na figura de Maria, conforme apresentada por Lucas, e especialmente no seu canto – o Magnificat. Maria, a mulher pobre e humilhada, personificação de todos os que viviam a espiritualidade dos Anauwim, dos pobres de Javé, movida pelo Espírito Santo, canta com alegria a misericórdia de Deus, numa atitude de profunda oração. Maria, em Lucas a discípula fiel, a peregrina na fé, a mulher pobre, pode servir como modelo para a Vida Religiosa hoje, quando “ruminando em nossos corações” os desafios do Terceiro Milênio e da fidelidade à nossa vocação, podemos cantar a partir de uma profunda experiência de Deus que “Ele fez maravilhas em nós, Santo é o seu nome”!

Lucas terminou o segundo volume da sua obra quando, com Paulo, a Palavra de Deus chegou ao centro do mundo — Roma. Mas não basta que ela chegue ao “centro” do mundo — tem de chegar aos confins do mundo! E este, o “Terceiro Volume” que todos nós leigos, religiosos(as) e sacerdotes temos de escrever. Que o Espírito Santo nos ilumine, guie e fortaleça como fez com Jesus de Nazaré, Maria de Nazaré e os primeiros discípulos!!

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Junto com sua comunidade, tente refletir nos desafios e dificuldades que nos traz o Novo Milênio. Procure em Lucas os caminhos para a Refundação da Vida Religiosa. Reflitam juntos nas duas perguntas básicas da nossa fé: “Quem é Jesus”?; O que significa “ser discípulo de Jesus”? Procurem lembrar-se dos contrastes sociais na

América Latina. Estamos conscientes de que é impossível seguir a Jesus sem concretizar a opção evangélica pelos pobres?

2. Estamos atentos para a face misericordiosa de Deus? É necessário que apresentemos às pessoas o Deus da misericórdia e que o façamos com alegria profunda.

## NATUREZA E FINALIDADE, CONDIÇÕES, FORMAS E FRUTOS DA SUA PRÁTICA

Correção Fraternal não é o cumprimento de uma obrigação moral mas o exercício de uma corresponsabilidade fraterna. Trata-se de uma ajuda entre irmãos que têm o mesmo projeto de vida.

Depois de termos visto, num artigo anteriormente publicado<sup>1</sup>, os fundamentos bíblicos da Correção Fraternal (CF), apresentamos, neste segundo artigo, algumas das formas concretas de praticá-la. Antes, porém, de descrever sua prática, julgamos necessário explicitar sua natureza e sua finalidade e as condições sem as quais a prática da CF não produzirá os frutos desejados. Num terceiro momento, mostraremos, a partir da experiência, alguns desses frutos, tanto no nível pessoal como no nível comunitário.

### I. NATUREZA E FINALIDADE

O tema da CF não é desenvolvido em nenhum dos dicionários de espiritualidade mais conhecidos. Nos de teologia, quando o verbete existe, é tratado na perspectiva da teologia moral: diante do pecado do irmão, a CF é apresentada como uma obrigação mo-

ral ordenada à emenda do delinqüente, e é considerada como “um ato de caridade, porque através dela afastamos o mal de nosso irmão, que é o pecado”<sup>2</sup>.

Nossas reflexões não se situam nessa perspectiva. Elas têm sua origem no exercício voluntário e livre da CF, praticada por vários grupos de religiosos e leigos como um meio de crescimento na vida espiritual e apostólica, tanto no nível pessoal como comunitário. Não se trata, portanto, de cumprir uma obrigação moral, mas de praticar um exercício de corresponsabilidade fraterna. Trata-se de uma forma de ajuda entre irmãos que têm um mesmo projeto de vida.

A finalidade da CF, tal como é apresentada neste artigo, não é, em primeiro lugar, indicar os pecados do irmão, mas animar-se e corrigir-se fraternalmente sobre os pontos, tanto positivos como negativos, de suas atitudes e de seus comportamentos que têm uma repercussão significativa na vida espiritual, na vivência comunitária e no apostolado. É sobre esses pontos que cada um dos membros da comunidade é fraternalmente incentivado e/ou corrigido. Mesmo quando é praticada a “correção”, o que se pretende é eminentemente positivo: o crescimento humano e espiritual do irmão e a edificação da comunidade. A crítica feita ao irmão é, portanto, uma crítica construtiva, “*ad aedificationem*”.

1. Cf. “Correção fraterna. Fundamentos bíblicos e indicações para sua prática”, em *Convergência* 33 (1998) 311-320.

2. Santo Tomás, *STh* II-IIae q. 33, a. 1.

## II. CONDIÇÕES PARA A PRÁTICA

O exercício da CF é difícil e exigente para quem a faz e para quem a recebe. Por isso, para que sua prática produza frutos, são necessárias certas condições e exigências. A seguir, explicitamos duas delas: uma correta compreensão da comunidade e a prática da oração.

### 1. Primeira condição: uma correta compreensão da comunidade<sup>3</sup>

Uma das dimensões essenciais do seguimento de Jesus na VR é a vida comunitária. Ora, a vida em comunidade exige a prática cotidiana da conversão e da misericórdia. São João Berchmans, um jovem religioso que chamava a atenção pela sua bondade e alegria, dizia: *Mea maxima paenitentia, vita communis*, a minha maior penitência é a vida comunitária. Neste ponto nunca estaremos suficientemente convertidos.

A gente tem de converter-se ao Evangelho, às exigências do seguimento de Jesus; não a uma falsa visão ou a um falso ideal da Vida Religiosa. É muito importante esclarecer esta questão para não cair nas armadilhas da ideologização ou de uma visão romântica da comunidade religiosa, quer por excesso, quer por defeito.

À pergunta: "O que é a comunidade?", têm sido e continuam a ser dadas muitas e variadas respostas: um lugar onde se reza juntos e se celebra a Eucaristia; um conjunto de pessoas que partilham o trabalho e a mesa; um espaço para conversas amistosas; um purgatório; um lugar de tormento; a morte do indivíduo. As respostas à pergunta: "O que a comunidade nos dá?", são talvez mais variadas ainda: alegria, apoio, oportunidade de crescimento, lugar de salvação, esperança, ameaça, desespero...

Subjacente a toda essa variedade de respostas, há um fato: o fato de estar juntos

numa comunidade. Mas às vezes não sabemos qual é o motivo de estarmos juntos. Ora, enquanto não estivermos de acordo sobre a natureza e o objetivo da comunidade, não será possível formarmos comunidade. Na busca deste acordo vamos tentar definir o que é a comunidade religiosa em três passos; os dois primeiros negativos e o terceiro positivo.

a) A comunidade religiosa não é simplesmente uma comunidade de observância.

Quando a comunidade religiosa é vista na perspectiva limitada de uma "comunidade de observância", as necessidades dos indivíduos são subordinadas às da comunidade. O importante é que cada um cumpra os papéis que lhe são atribuídos pelo superior ou pelo regulamento e aja de acordo com eles. A preocupação é garantir a unidade, mesmo à custa das diferenças pessoais. A regra tácita é que cada pessoa deve respeitar e realizar o que dela se espera. As divergências não são admissíveis.

Nessa concepção de comunidade, é mantida a "unidade", há uma coesão de grupo aparentemente robusta, a imagem de uma comunidade perfeita, bem estruturada, com um papel para cada um e com o mesmo ideal aparentemente compartilhado por todos. Faltando, porém, a identidade pessoal, mais cedo ou mais tarde, surgirá a desorientação, a desagregação e, finalmente, o desmoronamento. Os membros da comunidade entrarão em crise quando tiverem de defrontar-se com problemas e opções pessoais. A identidade do grupo, com efeito, não pode ser alcançado às custas da identidade pessoal. Esta forja-se pelo exercício da responsabilidade e corresponsabilidade pessoais.

b) A comunidade religiosa não é simplesmente uma comunidade de auto-realização.

Neste modelo, que se situa no extremo oposto do anterior, valoriza-se o indivíduo,

3. Cf. A. MANENTI, *Viver em comunidade. Aspectos psicológicos*. E. Paulinas, São Paulo, 1985; C. G. VALLÉS, *Viver em comunidade. Sonho e Realidade na Vida Religiosa*. Ed. Loyola, São Paulo, 1987.

suas necessidades e suas aspirações. Mas isso é feito em detrimento da instituição. O grupo existe, não para o bem e crescimento da comunidade, mas exclusivamente para o bem e crescimento da pessoa.

A regra básica, pelo menos tacitamente, é: a comunidade deve fazer com que cada indivíduo realize todas as suas necessidades. O valor supremo é o respeito da individualidade. Tudo deve estar ao serviço do indivíduo; inclusive a atividade pastoral, que deve desenvolver as qualidades pessoais, e que deve ser "gratificante". Dito de outro modo, o critério do valor da comunidade é sua capacidade de fazer felizes seus membros. A comunidade é válida na medida que favorece e ratifica "nossas" opções, "nossas" regras; no fundo, "nossos" gostos e "nossos" interesses, isto é, "nossas" ideologias.

O positivo deste modelo é pôr em crise a comunidade de observância, valorizando a pessoa. Mas com o passar do tempo, quando muitas pessoas suscetíveis e intocáveis forem colocadas diante daquilo que não nasce de suas iniciativas, o sentido de individualidade degenerará em individualismo. Os relacionamentos serão também de tipo individualista: permaneçamos juntos; o que importa, porém, é que você esteja a meu favor. Neste modelo, a tendência é formar grupos fechados, exclusivos e excludentes, constituídos somente por "nós" e "os nossos".

### c) A comunidade religiosa é para o serviço do Reino, para a missão.

Se a questão comunitária for posta na forma da alternativa: "A comunidade para a pessoa ou a pessoa para a comunidade?", nunca poderá ser resolvida, simplesmente porque está mal colocada. O ponto de partida tem de ser: a comunidade é para o Reino, para os valores do Reino, para a missão.

Assim foi a primeira comunidade dos discípulos, criada por Jesus.

É a missão a serviço do Reino o que justifica estarmos juntos, quando e na medida em que for necessário ou conveniente estarmos juntos. Normalmente estaremos dispersos, "repartidos na vinha de Cristo nosso Senhor", como diz o título da Parte VII das Constituições da Companhia de Jesus<sup>4</sup>. Neste sentido devem ser entendida a afirmação do Pe. Arrupe, segundo a qual a comunidade é *ad dispersionem*, é uma "comunidade para a dispersão" pelos caminhos da missão. O objetivo da comunidade não é estarmos juntos porque é "gostoso" ou porque satisfaz nossas necessidades ou carências. Estamos juntos para gastar e consumir nossas vidas como companheiros no serviço do Reino. A comunidade será evangélica na medida em que viver, mesmo no tempo da formação, a bipolaridade do binômio *Abbá-Reino* vivida por Jesus.

Essa visão da comunidade não nega a própria personalidade. Ao contrário: é o caminho para o desenvolvimento máximo da pessoa, que é — como foi a de Jesus Cristo — *ser-para-os-outros* a partir da experiência fundante de ser-para-o-Outro. Somente podemos dar o que temos. E somente temos o que nos foi dado. Só pode anunciar o Reino, suscitando entusiasmo pelo Reino, quem encontrou a pérola preciosa, o tesouro escondido; quem encontrou, experimentou e ficou fascinado por Jesus e por sua causa, isto é, pelo Reino; quem se apaixonou perdidamente por Jesus, o Messias; que é, segundo a expressão genial de Orígenes, a *autobasiléia*, "o Reino em pessoa".

A comunidade deve ser matriz da identidade evangélica e apostólica dos seus membros. Sem convicções pessoais, aprofundadas, amadurecidas e alimentadas na experiência pessoal de Deus (oração), no discernimento dos espíritos (exame quotidiano, direção es-

4. Estruturalmente, a Parte VII é a parte central de todas as Constituições. Tanto as seis partes precedentes (que tratam da seleção dos candidatos e da formação dos membros que já fazem parte do corpo apostólico) como as três partes seguintes (que tratam das estruturas de governo) são todas elas relativas à missão.

piritual, discernimento pessoal e comunitário); sem comunhão com Deus e com os irmãos (expressada do modo mais denso na Eucaristia), tudo desmancha no ar; mesmo o que aparecia como mais sólido.

Conflitos, sofrimento, incompreensões, solidões... são inevitáveis. A atmosfera evocada pelo final dos contos de fadas: "E viveram felizes para sempre", nunca existiu e nunca existirá em nenhuma comunidade. Nem na comunidade dos primeiros discípulos, fundada e formada por Jesus. O que é possível dar-se, e de fato se deu (entre os primeiros companheiros de Inácio, por exemplo), é uma comunidade de "amigos no Senhor".

## 2. Segunda condição: oração pessoal e prolongada

A CF só será verdadeira, construtiva e produzirá frutos, se for carregada e envolvida pelo amor fraterno. Só feita assim, será ao mesmo tempo lúcida e compreensiva, questionadora e acolhedora. Ora, para que a CF seja praticada com esse espírito, a condição absolutamente imprescindível é a oração. Só através da oração será possível purificar e vencer, na própria raiz, tudo aquilo que nos impede dizer ao irmão, com toda verdade e caridade, suas qualidades e defeitos; e ouvir do irmão nossas qualidades e defeitos. Só através da oração poderemos nos despojar do orgulho e da auto-suficiência, da miopia e da cegueira, das paixões e das ilusões que nos impedem ver-nos a nós mesmos como somos vistos por Deus e ver o irmão como é visto por Deus. Só através da oração conseguiremos ver o irmão com os olhos de ternura e de misericórdia com que é visto por Deus. Se faltar este olhar, todas as formas, dinâmicas e técnicas de CF serão estéreis.

### Tempo e matéria da oração

Para a prática da CF no caso das comunidades de VR, o tempo ideal para o seu exercício é depois do retiro anual, ou do retiro especial de preparação para a profissão sole-

ne dos votos ou para a ordenação sacerdotal, ou simplesmente depois de um tríduo preparatório para a renovação dos votos. No caso de grupos de leigos, o tempo ideal seria o de um retiro de fim de semana, no qual houvesse um tempo suficiente para orar pessoalmente sobre os irmãos e, depois, para o exercício da CF. Em princípio, a preparação poderia ser feita também, nos dois casos, ao longo de uma, duas ou três semanas, no tempo reservado para a oração pessoal cotidiana.

A matéria da oração para a prática da CF, no caso de não se ter feito um retiro ou um tríduo com uma das finalidades indicadas no parágrafo anterior, pode ser tirada dos textos de Mateus ou das cartas de Paulo indicados e comentados no primeiro artigo. Esses textos nos revelarão nossa "fraqueza", nossa "debilidade", nossa "pequenez", e a de nossos irmãos. Eles nos moverão a ajudar nossos irmãos e a deixar-nos ajudar por eles.

Um texto que também seria muito apropriado para orar antes do exercício da CF seria o capítulo 15 do evangelho de Lucas, no qual são narradas as três parábolas dos perdidos. Como fez Jesus, também nós, que queremos ser seus seguidores, não podemos desprezar nem abandonar o irmão que se perdeu, mas devemos sair para "buscá-lo" e não desistir da busca até "encontrá-lo". E, depois de encontrado, devemos acolhê-lo com alegria, fazendo uma grande festa pela restauração da comunhão, como fazem os protagonistas das três parábolas. Se não houver de nossa parte um amor misericordioso e compassivo com relação aos irmãos, não poderá haver uma verdadeira conversão nem integração na comunidade. Como a misericórdia do Pai que destrói os nossos pecados e nos devolve a dignidade e a filiação perdidas, também a nossa misericórdia deve ser ilimitada. Negar o perdão ao irmão é negar a própria vida recebida como puro dom. Essa é a mensagem das três parábolas dos perdidos, especialmente da mais bela das três, "A parábola do Pai misericordioso", que contém em si a quinta-essência do Evangelho do

Reino proclamado por Jesus com palavras e ações<sup>5</sup>.

### Criar um "clima", uma "atmosfera", um "eco-sistema" espiritual

A finalidade da CF não é conduzir os irmãos, e ser conduzidos pelos irmãos, diante de um tribunal para ser julgados, mas a "edificação" da comunidade por meio da prática da fraternidade. A CF também não é um lugar para o desabafo ou para dizer aquilo que nos incomoda ou que não suportamos no outro. Ela é um exercício da liberdade espiritual e da *caritas discreta*, isto é, do "amor que discerne" e que nos move a ajudar o irmão e deixar-nos ajudar pelo irmão em todos os aspectos da vida comunitária e apostólica.

Por isso, o pressuposto imprescindível para a prática da CF é a prática da oração pessoal prolongada. Só depois de termos orado longamente, de termos visto e olhado cada um dos irmãos com os olhos da benevolência, do bem-querer, do carinho de Deus, com as entranhas da misericórdia e da ternura de Deus, poderá a CF ser feita com toda abertura e franqueza sem ferir nem machucar os irmãos. Se tivermos orado assim sobre cada um dos irmãos, tudo o que lhe dissermos será acolhido como dito por um amigo, por um "amigo no Senhor", por um irmão querido. Mesmo que as observações feitas sejam objetivamente duras, elas não causarão feridas, porque estarão envolvidas com o bálsamo da caridade fraterna.

Se todos os membros da comunidade tiverem orado longamente uns pelos outros, todos se sentirão envolvidos pela mesma atmosfera de conversão e de comunhão. O ar respirado por todos será então o do mesmo Espírito, que foi "respirado" por cada um. Por isso, as pessoas sentir-se-ão à vontade na hora de

"corrigir" os irmãos e de ser "corrigidos" pelos irmãos.

Se, pelo contrário, faltar a experiência de uma profunda comunhão com Deus através da oração, não poderá ter lugar um verdadeiro encontro, nem um verdadeiro reencontro, com os irmãos. Numa das CFs de que participei, com um grupo de religiosos jovens estudantes de teologia, um deles comentou a diferença de "clima", de "espírito", entre as reuniões de crítica e de auto-crítica feitas nos partidos políticos e nos diretórios acadêmicos, das quais ele tinha participado, e o exercício de CF do qual estava participando depois de ter feito dez dias de retiro.

Sem o desarmamento, o despojamento e a purificação do coração, levados a cabo pela oração pessoal e prolongada, seria insuportável ser desnudado pelos outros, posto a nu diante dos outros, ao longo do exercício da CF. Quando, porém, foi feita previamente a experiência do despojamento de si mesmo diante de Deus, a experiência de ser pecador e de ser perdoado pelo amor sempre maior de Deus, a CF é experimentada como uma graça. Ela é experimentada como um prolongamento da experiência de ser envolvido pelo olhar cheio de amor e de misericórdia de Deus.

### III. MÉTODO, PEDAGOGIA E DINÂMICA

O exercício da CF propriamente dita pode ser feito de várias maneiras. A partir da minha experiência, vou descrever agora, de maneira sucinta, dois modelos: 1) Todos os membros da comunidade ou do grupo participam simultaneamente da CF. 2) A CF é feita por todos, mas sucessivamente, em conversas de dois a dois. Cada um dos dois modelos tem suas vantagens e suas desvantagens. O critério para a

5. Sobre o contexto, os destinatários e a mensagem das parábolas dos perdidos e sobre a prática da misericórdia no seguimento de Jesus, podem ser vistos o primeiro e o último capítulo do nosso livro *A Parábola do Pai Misericordioso*, Ed. Loyola, São Paulo 1998. O livro foi escrito para ser orado. Por isso, nos três capítulos centrais são apresentadas, na forma de contemplação orante, a história do filho mais novo, a história do filho mais velho e a figura do pai.

escolha de um ou outro deveria ser escolhido pelo próprio grupo, depois de conhecer as dinâmicas, as vantagens e os inconvenientes de cada um deles. Dependendo das circunstâncias do lugar, das pessoas, das etapas da formação ou do itinerário espiritual, alguns dos pontos indicados poderão ser adaptados.

## **1. Animação/correção feita simultaneamente no grupo**

As qualidades e os defeitos ou limitações de cada um dos membros da comunidade ou do grupo são ditas por todos os outros membros na presença de todos. A ordem dos que vão receber a CF deve ser determinada previamente segundo algum critério, por exemplo, o de ordem alfabética. Para evitar silêncios demasiado prolongados e incômodos, que poderiam estragar o clima, pode ser conveniente que seja estabelecida também alguma ordem dos que vão fazer a CF. Dado que todos viram já na oração pessoal o que devem dizer a cada um dos irmãos, pode ajudar ter anotado os pontos mais importantes a serem ditos no momento de exercer a CF. Não parece conveniente, porém, determinar um tempo limitado para os que fazem a CF.

Quando é criada, pela prática da oração pessoal, a atmosfera descrita no item II.2, as observações feitas pelos companheiros, tanto sobre as qualidades como sobre os defeitos ou limitações, são de uma objetividade e penetração impressionantes. De fato, ninguém conhece tão bem os jovens religiosos como os que convivem diariamente com eles. Cada um é conhecido não só pelo que diz, isto é, no nível do discurso, mas também pelo que faz ou deixa de fazer, isto é, no nível da prática.

Em geral, os mais lúcidos, os mais penetrantes e, ao mesmo tempo, os mais serenos e pacíficos, são os mais bondosos, os que amam mais. Dizemos "em geral", porque quando o coração de quem "corrige" não foi purificado e iluminado pela oração, podem ocorrer manifestações de lucidez luciferina: a lucidez do "adversário", do "diabo" que divide e destrói.

Depois de terem falado todos, é conveniente, proveitoso e salutar dar um tempo breve (5 minutos, mais ou menos) para que o irmão que foi "corrigido" possa expressar brevemente algo do que sentiu ao longo da CF recebida. Quando o exercício da CF é preparado por um tempo longo de oração, o sentimento dominante na maioria dos casos será o de agradecimento. Mas poderão ser expressos também outros, por exemplo, o desejo de continuar a ser ajudado ou fazer algum comentário sobre algum ponto visto como especialmente importante. Não se trata, portanto, de analisar intelectualmente as observações que lhe foram feitas, muito menos de "racionalizá-las", mas simplesmente de partilhar alguns sentimentos.

## **2. Animação/correção feita no diálogo a dois**

Neste modelo, em vez de cada um dos membros da comunidade ser "corrigido" por todos os outros membros sucessivamente diante de todo o grupo, a CF é feita no diálogo face a face de dois irmãos de cada vez. Para isso deve ser feita a lista das duplas, de modo que todos falem com todos. O tempo mínimo para uma verdadeira "animação/correção fraterna" para cada dupla parece ser de uma hora pelo menos: meia hora para cada um dizer como viu o outro diante de Deus no tempo da oração: suas qualidades e dons e suas limitações ou pontos a corrigir.

As vantagens deste modelo são, além da economia de tempo, pois várias duplas podem estar falando ao mesmo tempo, é que a abertura pode ser, por um lado, mais profunda e corajosa e, por outro lado, mais discreta. No diálogo entre dois podem ser ditas, com efeito, coisas que o amor que discerne, moveria a não dizer em público. Em outras palavras, o compromisso com o amigo no Senhor, a responsabilidade pelo seu crescimento espiritual e pela sua missão, pode mover a fazer a CF sobre pontos que, por respeito à intimidade do outro, não seria conveniente nem "edificante" dizer diante do grupo todo.

Além disso, este modelo facilita a continuidade da correção fraterna na vida cotidiana, sem ter de esperar, necessariamente, os momentos "oficiais" para praticá-la.

Outra vantagem deste modelo de CF é que ele exige menos tempo para ser posto em prática. A motivação e a oração pessoal podem ser feitas num retiro de fim de semana e a prática da CF propriamente dita pode ser feita na vida cotidiana, em tempos escolhidos livremente pelas duplas.

### 3. Celebração do perdão e da festa da comunhão

A experiência comunitária do perdão, dado e recebido fraternalmente, pode ser encerrada com a celebração sacramental da penitência, seguida do abraço da reconciliação e da paz, dado e recebido por todos os membros da comunidade. Nesse contexto, esse gesto terá uma enorme força simbólica, pois expressará a paz recebida como puro dom e que, por isso mesmo, reconcilia em níveis de extensão e de profundidade inatingíveis por nossas forças.

Depois da celebração do perdão e do abraço da reconciliação e da paz, o exercício da CF culminaria na celebração da Eucaristia, descrita pelo Concílio Vaticano II como "a fonte, o centro e o ápice de toda a vida cristã". O mesmo Espírito que pairou sobre cada um dos irmãos e sobre a comunidade reunida no nome do Senhor Jesus, e que falou no coração de cada um movendo-o à conversão e à prática da misericórdia, vai pairar de novo e descer sobre os dons eucarísticos para convertê-los no corpo e no sangue de Cristo, e vai incorporar cada um dos comungantes mais profundamente no Corpo de Cristo.

## IV. IMPORTÂNCIA, ATUALIDADE E FRUTOS DA CF

Quando é praticada com os pré-requisitos e na atmosfera descrita, a CF é experi-

mentada pelos que a fazem como uma maravilha da graça. Não se explica como obra da carne e do sangue. Ela abre horizontes novos, aponta pistas concretas para continuar edificando a comunidade na vida cotidiana, é uma ajuda preciosa para buscar e encontrar a vontade de Deus nos caminhos da fidelidade pessoal e nos caminhos da missão apostólica. Indicamos a seguir alguns dos frutos produzidos pela prática da CF.

1. A CF é, em primeiro lugar, um exercício de *auto-conhecimento*. Pela mediação da CF feita pelos irmãos, cada membro da comunidade ou do grupo toma consciência de uma série de "pecados", "defeitos", "faltas", "contra-valores" ou como quisermos chamá-los, que são cultivados consciente ou inconscientemente, e que se refletem na vida comunitária de cada dia. Por meio da CF o irmão faz com que o irmão tome consciência das suas incoerências, afetos desordenados, invejas, ciúmes, ressentimentos, falta de atenção aos outros, fechamento em si mesmo, etc.

2. A mesma CF é também um meio precioso para tomar *consciência dos dons recebidos*. Frequentemente os participantes ficam admirados ao ouvir a importância que têm para os outros membros da comunidade ou do grupo (não só para um ou dois, mas para um terço, ou a metade, ou mais) algumas das suas qualidades e modos de proceder das quais ou não eram conscientes ou não imaginavam que fossem tão importantes.

3. A CF torna-se assim um meio precioso para a *comunicação dos dons* recebidos de Deus, e que às vezes não são percebidos nem valorizados na importância que eles têm para os outros e para a missão. Podemos dizer, portanto, que a CF é um precioso instrumento para viver a mensagem da parábola dos talentos.

4. A CF é um exercício de *abertura ao outro*. Um exercício que faz sair de si para entrar na vida do outro, do qual sou co-responsável diante de Deus e diante da comunidade. É um exercício que nos abre à prática da profunda intimidade com o outro e à confian-

ça no outro, fazendo-nos atravessar as fronteiras dos nossos círculos fechados e abrindo-nos aos companheiros de comunidade e de missão, que não foram escolhidos por nós, mas que nos foram dados pelo Senhor como “amigos no Senhor”.

A prática da CF, que foi esquecida — ou muito deficientemente praticada — na Igreja durante séculos, mostra-nos assim, não só sua atualidade, mas também sua importância epocal. Os jovens religiosos de hoje estão

obviamente muito marcados pela afirmação da individualidade — e mesmo do individualismo — e pelo culto da realização pessoal. Por isso, a proposta da CF encontrará, num primeiro momento, uma certa resistência; será vista, em todo caso, como um desafio. Vencidas, porém, essas resistências, depois de praticada passa a ser vista como uma experiência de extraordinária riqueza, precisamente pela sua capacidade de conjugar a dimensão pessoal e a dimensão comunitária da VR.

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Sua Comunidade exercita-se na prática da correção fraterna? Que método vocês utilizam?
2. Reflita sobre as condições de uma correta maneira de praticar a correção fraterna. Partilhe com a comunidade essa importante questão.
3. Você considera viável para sua comunidade a utilização do método de correção fraterna descrito e sugerido no artigo?
4. Quais são os principais frutos que a correção fraterna pode trazer para a vida da comunidade?

# 3ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA

## RESGATE DAS DÍVIDAS SOCIAIS

Justiça e Solidariedade na construção de uma sociedade democrática\*

### SÍNTESE DO MOMENTO NACIONAL

#### Pontos de Força Teóricos

##### 1. A hegemonia do pensamento neoliberal

O discurso ideológico hegemônico é o discurso neoliberal. Esse discurso consiste, fundamentalmente, na instauração do *princípio da competitividade* como organizador da vida social, econômica e política da sociedade. Instaura-se o Evangelho da Competitividade. Fora da competição não há salvação. A vida sócio-econômica é uma guerra. Uma guerra em que o mais competente, o mais forte, o mais capaz vence. O núcleo do pensamento neoliberal consiste em romper com todo e qualquer tipo de relação. Ele quebra as relações da pessoa humana com as outras pessoas e com a natureza e o cosmos.

O discurso ideológico neoliberal conseguiu a grande proeza teórica, que consiste numa verdadeira revolução epistemológica, de transformar tudo em coisa, em objeto, enfim, em mercadoria. Inclusive a terra, o trabalho e a pessoa humana foram reduzidos a uma mera mercadoria. Tudo é mercadoria. Isto significa que o trabalho não tem direito. Como explicar, mesmo economicamente, que tenhamos no Brasil o menor salário mínimo da América Latina? Considerar a pessoa humana como mercadoria, significa que ela vale enquanto é útil, eficiente e produtiva. Mais ainda: a pessoa humana passa a valer pelas coisas que ela possui. Sua identidade é

dada não mais por aquilo que ela é, mas por aquelas coisas que ela possui. As pessoas vivem sob o império dos objetos, das mercadorias. À medida que as pessoas são consumidoras, tornam-se cidadãs.

*A concepção antropológica do pensamento neoliberal nega que o ser humano é um ser de necessidades, para afirmar que ele é unicamente um ser de desejos. É dessa forma que o consumo, pelo império da publicidade, cria primeiro o desejo no consumidor, para depois produzir os bens e serviços. A produção do consumidor precede à produção dos bens a serem consumidos. O desejo torna-se ilimitado. O consumo perde, assim, a autonomia e cria, dentro das pessoas, um novo estado que atua como mecanismo compensatório. Converte-se em veículo do narcisismo tornando-se um fundamentalismo da pior espécie. "Esquece" de compreender a pessoa humana como um ser que tem necessidades básicas a serem satisfeitas.*

*A vida sócio-política, na compreensão neoliberal da sociedade, reduz-se, fundamentalmente, ao econômico. E, no final do século XX, especificamente ao econômico-financeiro. O econômico se autonomiza do social e do político, passando a subordiná-los. A economia, de servidora da sociedade, passa a ser a senhora, à qual tudo é submetido e subordinado. A redução da vida sócio-política da sociedade à economia significa que*

\* Os presentes textos foram extraídos do material estudado e debatido durante a Terceira Semana Social Brasileira, — MOMENTO NACIONAL —, realizada em Itaici, na primeira semana de Agosto de 1998, com as devidas licenças para publicação.

tudo pode ser quantificado; significa erigir a produtividade, a eficiência e a eficácia como critérios que excluem a possibilidade da gratuidade, do relacional e do sonho.

À medida que tudo é transformado em mercadoria, à medida que o cidadão é aquele que é capaz de consumir, e se instaura o princípio da guerra como organizador e dinamizador da vida sócio-econômica e política, *a violência torna-se estrutural* e cresce assustadoramente o medo. O medo do desemprego, o medo de ser incompetente, o medo de ser assaltado, enfim, *o medo da outra pessoa*. Aqui está a raiz da confusão de espíritos vivida no Brasil, como constatamos no segundo dia deste Momento Nacional da 3ª Semana Social Brasileira.

O pensamento neoliberal se fecha à interpelação da alteridade. Esse discurso implica na renúncia à possibilidade de se construir a vida econômico-social a partir do *princípio da solidariedade*. E, por isso, significa o fim da ética e da política.

O discurso neoliberal é dogmático e fundamentalista. Nega e desqualifica toda e qualquer busca ou tentativa de produção de um discurso alternativo. O pensamento neoliberal significa o fim da hermenêutica, o fim do espírito. Daí a necessidade e a urgência do sonho, da utopia e da paixão por um novo projeto nacional em que o povo ocupe o lugar central.

## 2. A fratura social

Vivemos num país com as maiores desigualdades do mundo. É o que nós expressamos nesses dias, quando falávamos do Brasil como um país fraturado, fragmentado, dividido, fundamentalmente desigual. Um país com ilhas de excelência — o parque automobilístico, a indústria aeronáutica, a tecnologia da prospecção do petróleo, os transplantes, a produção agrícola — rodeadas por um mar de exclusão social — fome, doenças endêmicas, seca, desemprego, sem-terra, sem-teto.

Identificamos, com a ajuda da Profa. Tânia Bacelar, quatro bloqueios principais que cerceiam a inserção da maioria da população

brasileira: a) o acesso à terra; b) o acesso à educação, à cultura, à informação; c) o acesso ao mercado de trabalho e à renda monetária; d) o acesso aos serviços essenciais: à saúde, à previdência, à habitação.

## 3. A desigualdade sócio-econômica vista como algo natural — o darwinismo social — a seleção natural.

Vimos, nesta semana, com a ajuda do professor Milton Santos, que o processo de produção da pobreza sofreu uma evolução profunda e trágica nos últimos anos. No princípio, havia uma pobreza incluída, sazonal, localizada, que era enfrentada por medidas assistencialistas e privadas. Mais tarde, a pobreza foi entendida como doença da civilização, fruto do progresso econômico, entendida como marginalidade e enfrentada pelos governos. Chegamos, por fim, à pobreza estrutural, fruto de uma produção voluntária, permanente, produto de uma racionalidade científica. Esta pobreza estrutural é justificada através de um discurso pseudo-pragmático, calcado no cinismo da sua inexorabilidade. No entanto, a pobreza atual não é natural, inevitável e muito menos imutável. Ela é produzida. Há uma verdadeira arquitetura da desigualdade social brasileira.

## 4. A inserção do Brasil na globalização se dá de forma subordinada, sem negociar condições.

A colônia conseguiu produzir e reproduzir historicamente uma cultura de submissão que perpassa todas as classes e setores da sociedade brasileira. Não é à toa que nós valorizamos tudo o que é de fora em detrimento do que é nacional. Por outro lado, vigora a crença de que há um só pensamento, um único caminho a ser seguido, sem possibilidades de criar alternativas. As elites brasileiras não conseguem, assim, conviver com o potencial brasileiro. Mais do que nunca é necessário desconstruir os mitos da globalização, como indica o Prof. Paulo Nogueira Batista Jr.

## 5. A elite rejeita a possibilidade de construir um projeto nacional.

Renunciou à possibilidade de construir uma nação onde caibam todas as pessoas. O povo nunca pode ocupar o lugar central no processo da construção da nação. Emerge a necessidade da construção de um discurso da afirmação nacional, que eleve a nossa autoestima e nos ajude a construir o futuro, pois este é construção histórica e não fruto de um caminho lógico.

## 6. O Estado é um dos grandes fatores da desigualdade social.

Deixa de cumprir os objetivos nacionais e se coloca a serviço do interesse das empresas multinacionais, tomando-se refém do capital financeiro. O desafio que emerge é a reconstrução do Estado a partir de baixo, ou seja, a partir das classes baixas, das iniciativas das classes populares. É o movimento social organizado que vai reconstruindo o Estado através da efetivação dos Conselhos, da implementação do orçamento participativo, das iniciativas contra a corrupção eleitoral.

## 7. A necessidade de se produzir um novo discurso

É outro ponto de consenso deste momento nacional. A elite não permite o debate ideológico e desclassifica o pensamento que se lhe opõe, baseado nos dogmas e na leitura fundamentalista de seus princípios. Desta forma, decreta o fim da hermenêutica, o fim do espírito. Devemos tomar cuidado para não nos tornarmos, também, dogmáticos, fundamentalistas. Não podemos recusar nossa tarefa de construção de um discurso propositivo, novo, mobilizador. Precisamos estar atentos para não cairmos na armadilha das elites que insistem no discurso único, hegemônico e que decreta o fim da história. Precisamos colocar nas nossas agendas o debate ideológico, o fazer político. Discutir sim, com coragem, que País queremos; que princípios adotamos para uma nova ordem política, econômica, social e cultural.

## 8. A urgente tarefa de articulação entre fé e política, entre mística e luta social.

Talvez, estejamos insistindo no óbvio. Porém, acreditamos que há dimensões necessitando ser repetidas à exaustão, para que encontremos formas novas de vivenciá-las. Esta semana nos deixou ainda mais clara a necessidade de uma melhor articulação da mística com a ação, da mística com a política. Falamos aqui claramente da mística cristã. Às vezes, para uma grande parte dos cristãos, a fé e a política aparecem de maneira justaposta, não articulada. Perceber que o mesmo pé que dança o samba, se preciso, vai à guerra, ainda permanece como desafio. Queremos, porém, identificar a presença desta mística neste Momento Nacional da 3ª SSB, resgatando seu fio condutor.

Em nossa "*Carta ao Povo Brasileiro*", assumimos as motivações mais profundas que nos lançam a identificar as raízes das dívidas sociais, a buscar pistas de resgate e a assumir compromissos, deixando claro que o Momento Nacional é apenas uma etapa de um processo maior para a construção de um novo País, caracterizado pelas práticas da inclusão e da vigência dos valores fundamentais à existência humana e cósmica. Dentre as motivações, destacamos a "*fé cristã, que nos faz remover as montanhas da indiferença e da ignorância, atendendo aqueles que têm sede e fome de justiça*".

Na realidade, aqui vimos, motivados, também, pelo tempo oportuno que nos oferece a proximidade da celebração do Grande Jubileu do ano 2000. Data simbólica que nos lembra que o advento cristão do Filho de Deus, feito homem e carpinteiro em Nazaré, continua sendo um paradigma fundamental para nossa inserção no mundo dos pobres, para nossa crença na superação das injustiças e para nossa luta pelo restabelecimento das relações originais de igualdade, solidariedade e comunhão.

Essa mística cristã, força que nos transcende e nos impulsiona a continuar teimosa-

mente na luta, é a razão, para nós, que leva um velho professor de geografia humana a expressar sua *profissão de fé na força revolucionária e transformadora dos pobres*, quando convidado a falar sobre as dívidas sociais deste País. Ou o que leva um economista a terminar seu discurso, embaralhado em meio a tantos números, convidando a todos os presentes para uma declaração coletiva sobre a necessidade de se *superar um discurso economicista e se atingir as raias das utopias mobilizadoras, fruto do sonho em mutirão*.

Para nós, cristãos, a *afirmação dos direitos humanos* não advém de um mero humanismo, mas sim da crença profunda de que o Filho de Deus se fez carne para resgatar definitivamente a dignidade do homem e da mulher e para explicitar que somos, em comunhão com toda a natureza, como que divinizados, também. Por isso, quisemos dar um salto qualitativo, *passando da mera declaração dos direitos humanos ao compromisso de sua afirmação*. Afirmação que é feita, na praça, por donas de casa com lenço branco na cabeça e muito amor à vida no coração. Afirmação que se expressa na luta pelo basta definitivo a toda forma de tortura. Afirmação presente na vida de D. Paulo que, como ninguém, entendeu que o poder é serviço, e serviço principalmente aos que têm seus direitos violados.

Acreditamos que esta mesma mística nos leva a perceber a necessidade de recuperar nossa história, *construindo uma nova identidade nacional*, superando a mentalidade puramente derrotista, elevando nossa auto-estima e exercitando nosso imaginário para poderemos alçar vôos maiores e mais ousados.

Enfim, este Momento Nacional quer reafirmar em nós a convicção de que é necessário *superar o imediatismo* e o pragmatismo. Quer mostrar-nos, também, que, na construção de um Brasil para todos os brasileiros e brasileiras, por um lado, não estamos mais no começo, pois já temos cinco séculos de experiências acumuladas; por outro, é preciso muita perseverança, muita vontade de sonhar, muita mística que dê sentido à nossa luta, para

não darmos socos aos ventos e assumirmos com destemor todos os nossos compromissos.

## Pontos teóricos a serem aprofundados

1. Será que não precisaríamos ser mais ousados na ruptura com a esfera do econômico? Por exemplo, na discussão da *dívida externa*, será que não ficamos demasiadamente prisioneiros dos parâmetros dados pela economia, não colocando como prioritário e central a questão social? Será que o "economês" não é imobilizador? Por que os economistas têm que ser os nossos interlocutores?

2. *Necessidade do sonho e da utopia*. Afirmamos nossa esperança na possibilidade de resgatar o sonho da utopia e da construção de um novo discurso, a partir do compromisso efetivo e afetivo com os movimentos sociais, assumindo os pobres como atores do processo. Ao mesmo tempo, clamamos por saídas rápidas e imediatas. Chega de utopia! — ouvimos alguém clamando aqui no plenário. Como articular a urgência de saídas imediatas para os prementes problemas sociais da imensa maioria da população brasileira e com a necessidade de saber esperar contra toda a esperança? Enfim, como dar razão da nossa esperança? Esta questão traz consigo a pergunta: como articular o imediato com as grandes questões? *Como trabalhar o princípio do pensar o global e agir no local?*

3. *Pobre*: o protagonista, o capaz de casar-se com o futuro, aquele que não repousa o intelecto porque tem que estar repensando a sobrevivência, a cada momento. Como, por outro lado, articular isso com o político-pedagógico? Como subordinar a economia à sociedade, tendo presente e ativo o princípio bíblico-teológico de que os pobres são os juizes éticos da vida sócio-econômica de uma sociedade? Ou seja, o critério para se medir a bondade, a justiça e a moralidade de uma ordem sócio-político-econômica é a situação em que vivem os pobres dessa sociedade.

4. O que significa *trabalhar o desejo, a emoção*? A direita tem feito isso melhor, na

linha do consumo. Os pobres aí se tornam presas fáceis. Precisamos desvincular os discursos sobre o desejo de suas características de ilimitado, do “vale tudo” quando o que está em jogo é o prazer, a satisfação do desejo. O amor ao próximo pode ser um controlador dos desejos, impondo limites éticos às relações. O projeto da elite, baseado no consumo, rejeita esse amor, quebrando todas as fronteiras dos desejos. Cria a pessoa profundamente insatisfeita, deprimida, com sede sempre maior por saciar. Essa depressão encontra sua terapia nas novas catedrais do consumismo e do narcisismo: os shoppings-centers.

## Pontos teóricos que mereceriam um maior destaque

1. *A reflexão ético-teológica*, a partir de uma análise antropológico-cultural, que contribuisse para a deslegitimação do discurso neoliberal. Uma reflexão ético-teológica capaz de resgatar a fundamental dignidade da pessoa humana, da sua relacionalidade, da sua liberdade, capaz de romper com toda espécie de automatismo e naturalização da história. Uma reflexão ético-teológica capaz de deslegitimar a autonomia da economia em relação à sociedade e à política. Uma reflexão ético-teológica capaz de recuperar a dimensão judaico-cristã que erige o pobre como critério último para julgar a vida sócio-econômica e política de uma sociedade. Uma reflexão ético-teológica que, ao mesmo tempo que deslegitima o discurso hegemônico, seja capaz de fundamentar a esperança na construção de uma sociedade justa, solidária, plural e democrática.

2. *A questão do desemprego* — a revolução tecnológica — a reestruturação produtiva — o pleno emprego — o binômio emprego-trabalho — a importância do quarto setor — a redução da jornada de trabalho — o fim das horas extras — a flexibilização das relações de trabalho. A Campanha da Fraternidade de 1999 será uma boa ocasião para o aprofundamento do tema e das iniciativas daí decorrentes.

3. *Repensar o papel dos intelectuais*. É preciso favorecer a multiplicação de pessoas que pensem a sociedade alternativa, que engendrem caminhos novos, que desmascarem a farsa do discurso único e não sejam meros repetidores de discursos alienígenas. *Intelectuais que estabeleçam pontes com o mundo dos pobres*, favorecendo a eles uma leitura menos fragmentada da realidade e com possibilidades de *tecerem redes efetivas entre as diversas iniciativas dos de baixo*. É preciso repensar, ainda, a pedagogia na formação de novos quadros, agentes médios de importância fundamental devido a sua inserção no mundo dos de baixo. Nesta tarefa, dê-se maior importância aos jovens. “*Há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto*”.

## Propostas e encaminhamentos

No plenário anterior, além dos compromissos que assumimos na Carta ao Povo Brasileiro, foram destacados três pontos que deveríamos assumir como prioritários: a reforma agrária, o desemprego e a educação. Queremos, porém, chamar a atenção para algumas tarefas inadiáveis.

1. *O primeiro campo de luta é a deslegitimação ideológica do discurso neoliberal*. A verdadeira “batalha” é ideológica. A ideologia neoliberal propõe as idéias, as palavras-de-ordem, os símbolos sobre os quais se constrói nossa visão de mundo, nossos sistemas de valores, nossos sonhos, nossas esperanças. São elas que movem nossas ambições e as legitimam. Assim, a primeira coisa a ser feita é deslegitimar a retórica dominante, suas palavras-chaves (desregulamentação, privatização, liberalização, globalização). É preciso recusar à retórica dominante toda e qualquer legitimidade de ser pertinente para o presente e capaz de gerar um futuro melhor. É preciso afirmar, com força e convicção, que ela é incapaz de criar uma “boa” sociedade. Concretamente, é necessário deslegitimar o princípio da competitividade e afirmar que a prioridade não é a competitividade mas a solidariedade.

es  
r  
o  
n  
e  
os  
r  
e  
>  
n  
o  
o

É falso e enganoso afirmar que a competitividade é motivo e causa para fazer crescer a solidariedade e a coesão social.

2. *É preciso mudar a ordem do dia, a agenda do dia.* Quem fixa, hoje, a ordem do dia dos problemas a serem resolvidos, dos desafios a serem superados, das prioridades a serem executadas, dos meios a serem utilizados, não são os poderes públicos nacionais. A ordem do dia é feita pelo poder econômico e financeiro privado. O desafio é recuperar nossa capacidade de fazer com que os poderes públicos restabeleçam a prioridade do “político” e do bem comum sobre o “financeiro”, o “econômico” e o bem privado. Como inverter as prioridades? Como colocar na pauta nacional as grandes questões sociais: reforma agrária, o desemprego, a fome, a educação, a saúde e a moradia? Fundamental é sairmos daqui assumindo as lutas sociais capazes de inverter essa agenda.

3. *O desarmamento do poder financeiro.* Não é possível construir um país novo, capaz de resgatar suas dívidas sociais, sem que se estabeleça a capacidade dos cidadãos e cidadãs exercerem o direito e o dever de dirigir e controlar o capital e os mercados financeiros. É necessário desarmar o poder financeiro. Para esse fim, algumas medidas poderiam ser priorizadas:

- ♦ taxar em 0,5% todas as transações financeiras — Taxa Tobin;
- ♦ terminar com o sigilo bancário. O respeito ao princípio da liberdade de propriedade e do direito à confidência pode ser assegurado sem a manutenção do sigilo bancário. Por outro lado, uma verdadeira política fiscal progressiva, fundada sobre a justiça social e a solidariedade (entre indivíduos, gerações e países), passa pela abolição do sigilo bancário;
- ♦ tornar pública e transparente a avaliação dos mercados financeiros. Desafiar as instituições presentes — CRB, CNBB, CONIC, ONGs e outras — a estudarem a possibilidade de exigirem, conjuntamente, dos bancos, a garantia para que o dinheiro por elas aplicado não financie indústrias armamentistas, ou aquelas que poluem a natureza, propiciam o trabalho infantil, utilizam o trabalho escravo. Favorecer a discussão sobre a possibilidade da promoção de “bancos éticos”, a exemplo de outros países, como a Itália.

4. Todo cidadão brasileiro tem, independente do trabalho, da sua produtividade, *direito a um mínimo vital*. Trata-se de discutir a distribuição da produtividade, à luz do inalienável direito à vida.

Inácio Neutzling e Manoel de Godoy

## CARACTERÍSTICAS DAS DÍVIDAS SOCIAIS

Ao caracterizar as Dívidas Sociais, o professor Milton Santos, as relaciona com o processo da produção da pobreza. Da pobreza **incluída** (localizada, sazonal, e enfrentada com soluções assistencialistas e privadas); passamos à **pobreza enquanto doença da civilização**, produzida pelo processo do crescimento econômico e entendida como marginalidade, que os governos tentavam eliminar; e chegamos à situação atual caracterizada pela **pobreza estrutural** = uma produção voluntária, permanente, fruto de uma

racionalidade científica, justificada com o discurso de ser inevitável, imutável e fixa, e produzida pelas empresas com os apoios dos governos nacionais e com a omissão dos intelectuais.

O discurso ideológico que dá sustentação à **perversidade sistêmica** se pauta: a) pela **competitividade**, comandando a ação; b) pelo **consumo**, comandando a inação; e c) pela **confusão dos espíritos**, impedindo o entendimento de nós e do mundo.

a) **A competitividade** implica na concorrência sem compaixão, que visa esmagar o outro, tomando seu lugar; é um apelo à força, justificando o individualismo (avasalador, arrebatador, possessivo e impositivo, que influencia sindicatos, empresas, e até os partidos, regiões...); trata o outro como coisa; instala a lógica dos instrumentos em lugar das finalidades; leva à imposição do pragmatismo e não da filosofia como interpretação da vida; prega a fragmentação e combate à solidariedade. Por fim, ocupa o povo na batalha pela sobrevivência, no imediato.

b) **O consumo** mudou de forma, pois pelo império da publicidade, se cria primeiro a necessidade no consumidor para depois produzir os bens e serviços; o consumo perde a sua autonomia e cria, dentro das pessoas, um novo estado que atua como um mecanismo compensatório; converte-se em veículo do narcisismo, um fundamentalismo pior do que os outros; leva a uma situação de acomodação e imobilismo, que produz um reduzimento da pessoa e da visão do mundo.

Este fim de século elegeu como dado fundamental o despotismo da informação. O discurso aparece como algo fundamental e precede a tudo (técnica, consumo e poder). A ideologia tornou-se realidade. Os objetos, invadidos por essa ideologia consumista, comandam as pessoas.

c) **A confusão dos espíritos** revela-se também na oposição entre consumidor e cidadão. As classes médias querem privilégios, não direitos, preferem repetição do presente (do conforto e do ter mais). Esta é uma chave para entender a política no Brasil.

As coisas são feitas sem *telos*, sem finalidade (para que ser rico? competir para quê?).

A violência torna-se estrutural e cresce assustadoramente o medo.

A política é feita pelas empresas. Os políticos e os governos são porta-vozes dos interesses das empresas. E daí vêm o fim da ética e da política.

A perversidade sistêmica instaura-se quando os valores economicistas tomam o lugar central na vida das pessoas e da sociedade.

### Um novo discurso do mundo

Os pobres é que fazem política no Brasil, quando se revoltam ou deixam de se revoltar, quando não seguem a modernidade, porque não podem ou não querem entrar nela. A nação de baixo permanece excluída porque não consegue entrar no mundo da competição.

Só os pobres têm capacidade de pensar o novo, pois não têm repouso intelectual — na necessidade de procurar a subsistência —, buscam a transformação e, como vivem permanentemente na emoção, reinventam o mundo a cada dia.

Os pobres exigem dos intelectuais as pontes, as interpretações, para que o conhecimento da realidade não seja fragmentado, e que lhes passem essas interpretações, para que eles a percebam. É um papel pedagógico da palavra que desencanta o discurso único atual.

Na elaboração do novo discurso sobre o mundo, é preciso fugir da prática do imediatismo na construção de respostas.

Professor Milton Santos  
Especialista em Geografia Humana

## QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Quais são os principais pontos de força teóricos do Momento Nacional? Discuta com sua comunidade aqueles que vocês considerem mais importantes no seu contexto.
2. No contexto de Missão da sua Comunidade, quais são os pontos teóricos que merecem maior destaque? Como implementá-los?
3. Você concorda com as propostas e encaminhamentos que o texto destaca? Você os considera viáveis no seu contexto? Discuta tudo isso com a comunidade.

# ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR CONVERGÊNCIA, ANO DE 1998

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1998. O primeiro algarismo representa o número da revista.

O segundo indica a página.

ALMENAR, Pe. Paco, SJ – Presença Solidária da Vida Religiosa no Mundo Hoje .....	313/283
BARREIRO, Pe. Álvaro, SJ – Correção Fraternal – fundamentos bíblicos e indicações para sua prática .....	313/311
– Correção Fraternal – Natureza e finalidade, condições, formas e frutos da sua prática .....	318/621
BOFF, Fr. Clodovis, OSM – Sínodo para a América: Que dizer .....	310/123
– A originalidade histórica de Medellín .....	317/568
BOFF, Ir. Lina, SMR – Maria e os pobres de Javé hoje .....	310/107
BRUNELI, Ir. Delir, CF – Contemplação no seguimento de Jesus Cristo .....	314/354
BUCKER, Ir. Bárbara P., MC – Creio em Jesus Cristo concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria .....	315/442
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB – O Espírito Santo e a Igreja .....	313/264
CASAGRANDE, Fr. Moacir, OFMCap - Formação da Vida Religiosa de Jesus (Formação inicial, na inserção)..	317/521
COMBLIN, Pe. José – Libertação Social: requisitos e exigências .....	310/84
COSTA, Pe. José de Anchieta Lima, SJ – O Espírito Santo, razão de vida e de esperança para todos! .....	318/594
<b>CRB (Informe)</b>	
> Votos de Biênio do Padre Fernando Cardenal, SJ .....	309/07
> Questionário-sondagem sobre “Projeto Tua Palavra é Vida” 1997 .....	310/70
> 1. Relembrando o Nascimento da Fraternidade das Irmãs de Jesus (do Irmão Carlos de Jesus) .....	311/135
2. Mensagem Final do 7º Encontro Nacional de Presbíteros .....	311/137
3. Extraído da carta mensagem da Assembléia do Comina .....	311/139
4. Testemunha Corajosa da Fé .....	311/141
> 1. 3ª Semana Social Brasileira – Extraído do Comunicado Mensal da CNBB .....	312/201
2. Participação dos Bispos do Brasil na Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América — Extraído do Comunicado Mensal da CNBB .....	312/204
3. Fax da CRB ao Pontifício Conselho para os Leigos .....	312/205

➤ Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado celebram setenta anos de Fundação .....	313/262
➤ “Um clamor que nos vem do Nordeste” .....	314/326
➤ Documentos e textos da XVIII AGO	
1. Saudação – palavras de abertura: 20/07/1998 .....	315/392
2. Saudação aos Participantes da XVIII AGO – 20/07/1998 .....	315/396
3. Notas Interpretativas das Linhas Inspiradoras .....	315/397
4. Composição da Nova Diretoria .....	315/398
5. Composição do Novo Conselho Superior .....	315/398
➤ 1. Momento Nacional – 3ª Semana Social Brasileira – Itaici/SP, 04 a 08/08/98 – Carta ao Povo Brasileiro .....	316/453
2. PROFOCO .....	316/456
➤ Coordenadoria Ecumênica de serviço – CESE – 25 anos .....	317/519
➤ ERT – Preparando-se para AGO .....	318/581

DIAS, Rosinha Borges – Desafios de uma Igreja Participativa .....	318/605
-------------------------------------------------------------------	---------

**EDITORIAL** (Irmã Maria Carmelita Freitas, FJ)

– “Eis que faço novas todas as coisas” .....	309/01
– Deixar-se converter pelo Espírito .....	310/65
– Cristo, nossa esperança, ressuscitou! .....	311/129
– Sereis minhas testemunhas .....	312/193
– “Libertar o Espírito Santo” .....	313/257
– Fazer memória de Medellín .....	314/321
– (NERI, Frei Prudente, OFMcap.) A XVIII Assembléia Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil: Um Evento de Graça e Audácia Profética .....	315/385
– Missão evangelizadora e compromisso social .....	316/449
– Renascer pela graça do Espírito Santo .....	317/513
– O quarto Rei Mago .....	318/577

FRAGOSO, D. Antônio – Medellín, trinta anos depois .....	314/327
----------------------------------------------------------	---------

GIALDI, Fr. Silvestre, OFMcap – Carisma franciscano e modernidade .....	313/303
– Votos Religiosos: consagração à Trindade, comunhão com a Igreja Missão no Mundo .....	317/535

GOMES, Pe. Paulo Roberto, MSC – O Reino de Deus como proposta de humanização .....	314/341
------------------------------------------------------------------------------------	---------

HUGHES, Tomaz, SVD – A refundação da Vida Religiosa à luz de Lucas .....	318/615
--------------------------------------------------------------------------	---------

IVERN, Pe. Francisco, SJ – Os desafios que a atual situação nacional e eclesial apresentam para o nosso apostolado .....	316/470
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------

JOÃO PAULO II – Hoje a Igreja celebra o solene início de um tempo singular de reflexão e de confronto sobre a sua Missão no continente americano .....	309/04
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------

– Mensagem de João Paulo II para a Quaresma de 1998 .....	310/67
– Cada pessoa seja respeitada e eliminem-se as discriminações que humilham a dignidade humana .....	311/131
– Mensagem do Santo Padre para o XXXV Dia Mundial de Oração pelas Vocações — 03 de maio de 1998 – IV Domingo de Páscoa .....	312/196

- "Sustentados pelo Espírito, Comunicar a Esperança" – Mensagem do Papa para a celebração do 32º Dia Mundial das Comunicações - 24 de maio de 1998 .....	313/260
- Discurso do Santo Padre aos participantes na IV Assembléia Geral da Pontifícia Academia para a vida .....	314/323
- Os grandes sinais da presença do Espírito na missão «Ad Gentes» .....	315/388
- O Futuro da missão está no vosso programa: "hoje e para além do ano 2000" .....	316/451
- A pobreza externa de muitos em contraste com a opulência de alguns é um escândalo .....	317/515
- A confirmação como cumprimento da Graça Batismal .....	318/579
JUNGES, Pe. José Roque, SJ – A liberdade como eixo da vida Cristã e da Vida Religiosa .....	309/21
JUSSOL/SP – Educação para a justiça e a solidariedade .....	311/173
KRAUTLER, D. Erwin, CPPS – Missionariedade e solidariedade entre as Igrejas no Brasil .....	315/399
LACHNITT, Pe. Georg, SDB – Inculturação da Vida Religiosa, um desafio na Missão entre os Indígenas .....	315/425
LAPENTA, Pe. Vitor Hugo Silveira, CSSR – Análise institucional a serviço da refundação da Vida Religiosa .....	316/482
LEERS, Frei Bernardino, OFM – A Consciência Ética e o Espírito Santo .....	311/155
LIBÂNIO, Pe. J.B., SJ – Medellín, trinta anos depois .....	311/143
- Educação cristã numa sociedade neoliberal .....	316/459
LIMA, Pe. Marcos de, SDB – Jesus, Verdadeiro Homem .....	309/62
LORSCHIEDER, Cardeal Aloísio – O Sínodo da América .....	312/218
MATOS, Frater Henrique Cristiano José, CFMM – Leitura Orante da Bíblia: Fonte de renovação espiritual .....	316/503
MELO, Pe. José Raimundo de, SJ – Proclamar a Palavra na comunidade cultural .....	312/238
MIRANDA, Pe. Mario de França, SJ – O Espírito Santo nas Religiões Não-Cristãs .....	312/206
MORRA, Ir. Maria Helena, RSCM – Se o Pe. Gailhac vivesse hoje na América Latina – refundação e utopia .....	313/297
MOSER, Fr. Antônio, OFM – Ética da solidariedade: interpelações à Vida Religiosa .....	314/331
NERY, Ir. Israel José, FSC – Educação e fraternidade: A CF 98 .....	309/10
NERY, Fr. Prudente, OFM Cap – A Cristologia como Antropologia .....	317/548
NEUTZLING, Pe. Inácio, SJ – A revolução silenciosa e a dança das cadeiras das elites brasileiras .....	310/92
NEUTZLING, Pe. Inácio, SJ e GODOY, Manoel de – (3ª Semana Social Brasileira) Síntese do Momento Nacional .....	318/629
NOGUEIRA, Pe. Luiz Eustáquio dos Santos – O Espírito Santo: A Liberdade da Vida Divina na Igreja e no Mundo .....	313/272
PALMÉS, Pe. Carlos, SJ – De Medellín ao ano 2000: Itinerário da Vida Religiosa na América Latina .....	315/414
PIRES, D. José Maria – Igreja e Negritude .....	309/34
PORCILE, Teresa – Espírito e Feminidade .....	317/558
PULGA, Ir. Rosana, FSP – O Espírito do Senhor está sobre mim – Evangelho de Lucas .....	311/166
SANTOS, Prof. Milton – (3ª Semana Social Brasileira) Características das Dívidas Sociais .....	318/634

SELLA, Pe. Adriano Educação à Esperança .....	312/225
SÍNODO DOS BISPOS para a América – Mensagem da Assembléia .....	310/116
TABORDA, Francisco, SJ – A Vida Religiosa no Mundo Neoliberal .....	310/73
– Gestos que falam do Espírito – Reflexão sobre os gestos simbólicos do Sacramento da Crisma.....	318/584
TUBILLEJA, José Maria Amaiz, SM – A Intuição Juvenil da Vida Consagrada .....	312/231
UCHÔA, Pe. Virgílio Leite – Análise de Conjuntura .....	311/180
– Brasil – Desafio e Esperança .....	314/367
VALENTINI, D. Demétrio – À espera da Exortação Pós-Sinodal .....	316/478
VALLE, Pe. Edênio, SVD – Novo rosto do(a) Consagrado(a) na América Latina .....	316/491
VITÓRIO, Pe. Jaldemir, SJ – Cristologia em contexto de conflito – O caso Mateus .....	309/45



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de dezembro de 1998

**Boas Festas de NATAL. JESUS nasceu.**

Aproximar-se dele. Contemplá-lo no silêncio da oração e na oração do silêncio.

Centrar e concentrar nele todas as energias.

Entregar-se a ele. Ele é o eixo em torno ao qual gira a nossa vida inteira, nosso ser e nosso fazer. É para ele que a nossa vida quer ser orientada. É a ele, em pessoa, que se dirige o assombro de nossa adoração. Ele é o objeto da esperança que muda a nossa vida. É a nossa opção única. Condiciona e orienta todas as demais.

NATAL, JESUS nasceu. Boas Festas.

Captar toda a força salvadora e a grandeza deste mistério. É em JESUS que somos salvos.

Nele viver. Com ele estar. E dentro de seu mistério, em sossegada contemplação, se perder.

Meu Senhor! Meu Deus! Meu Salvador! Bendito sejas!

**Feliz e Próspero ANO NOVO de 1999.**

A Bíblia, revelação de Deus transcendente, abre-se e se fecha com observações temporais:

“No princípio, Deus criou...”, Gn 1,1.

“Sim, venho, muito em breve”, Ap 22,20.

Tempo: bem fugidio, dom básico, pressuposto de qualquer outro valor. Na encarnação, o tempo tomou a dimensão de Deus, que é eterno. A ele, JESUS, pertencem o tempo e a eternidade. Cristo é o Senhor também do tempo. É o seu princípio e acabamento.

Feliz e Próspero 1999, aurora que anuncia o novo milênio. Deus lhe dê neste ANO NOVO a bênção da saúde do corpo, a bênção da saúde da alma e a bênção da longevidade como só ele sabe e pode fazer e você tanto faz para merecer.

**Orar-Rezar, Atividade Essencial.**

Dom de Deus que espera o empenho da pessoa com toda intensidade. Vontade generosa. Resolução firme. Fidelidade ao propósito. Obra do Espírito que em nós clama e impulsiona o coração.

Dádiva de Deus e receptividade ativa da pessoa.

A renovação da pessoa religiosa será sempre ilusória sem uma oração sempre retomada e a alma do seu ministério será sempre a oração: um olhar para Deus, um grito do coração ou, simplesmente, um gemido. Olhar, grito e gemido feitos de confiança de filhos e filhas que clamam:

‘Ab – Abbí – Abbá’, ou seja, pai, meu pai, papai.

Adquira o seu exemplar de **Orar-Rezar, Atividade Essencial**, antes que esgote a edição, pedindo-o na sede de sua CRB Regional ou da CRB Nacional.

Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente